A CIDADE CONTEMPORÂNEA E AS NOVAS TECNOLOGIAS

SEGUNDO PAUL VIRILIO, MANUEL CASTELLS E FRANÇOIS ASCHER

Rosane Azevedo de Araujo Dantas

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Urbanismo – PROURB – da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro/UFRJ. Orientadora: Profa. Dra. Denise B. Pinheiro Machado

Rio de Janeiro

2001

A CIDADE CONTEMPORÂNEA E AS NOVAS TECNOLOGIAS

SEGUNDO PAUL VIRILIO, MANUEL CASTELLS E FRANÇOIS ASCHER

Rosane Azevedo de Araujo Dantas

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Urbanismo / PROURB da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo / FAU da Universidade Federal do Rio de Janeiro / UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção de Grau de Mestre em Urbanismo.

Aprovada por:

Profa. Dra. Denise B. Pinheiro Machado – Orientadora
PROURB-FAU-UFRJ

Profa. Dra. Rachel Coutinho Marques da Silva
PROURB-FAU-UFRJ

Prof. Dr. Carlos Alberto Messeder Pereira
CFCH-ECO-UFRJ

Prof. Dr. Potiguara Mendes da Silveira Junior
FACOM - UFJF

T/URB
19

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO
BIBLIOTECA

Dantas, Rosane Azevedo de Araujo.

A Cidade Contemporânea e as Novas Tecnologias segundo Paul Virilio, Manuel Castells e François Ascher / Rosane Azevedo de Araujo Dantas. Rio de Janeiro: UFRJ / PROURB / FAU, 2001. Diss.

VIII, 117p.

1. Urbanismo. 2. Arquitetura. 3. Novas Tecnologias.

(Mestr. - UFRJ/PROURB/FAU) I. Título

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO
BIBLIOTECA

RESUMO

DANTAS, Rosane Azevedo de Araujo. **A Cidade Contemporânea e as Novas Tecnologias segundo Paul Virilio, Manuel Castells e François Ascher**.
Orientadora: Denise B. Pinheiro Machado. Rio de Janeiro: UFRJ/PROURB/FAU, 2001. Diss.

As Cidades vêm sofrendo transformações, paralelamente à utilização e desenvolvimento acelerado das Novas Tecnologias. Vários conceitos tidos como fundamentais para o campo do urbanismo têm sido relativizados e alguns perderam seu valor de referência. A incidência e os efeitos destas transformações, que muitas vezes deslegitimam as tradicionais instituições urbanas, têm sido objeto de estudo de vários pensadores. Dentre eles, destacam-se Paul Virilio, Manuel Castells e François Ascher, que, por apresentarem visões originais - que ora se contradizem, ora se complementam -, contribuem para o entendimento da cidade e do urbanismo contemporâneos. Este trabalho pretende identificar os conceitos e temas utilizados nas diferentes interpretações destes autores, visando contribuir para a conceituação da cidade contemporânea.

ABSTRACT

DANTAS, Rosane Azevedo de Araujo. **The Contemporary City and New Technologies According to Paul Virilio, Manuel Castells and François Ascher**.
Supervisor: Denise B. Pinheiro Machado. Rio de Janeiro: UFRJ/PROURB/FAU, 2001. Diss.

Cities are passing through many transformations as the use and the fast development of new technologies grow together. Many so thought fundamental conceptions for the ubanistic field have been called in question to the point of losing the importance they had before. The incidence and the effects of these transformations, which dismantle some of the traditional urban institutions, are now under critical analysis by many thinkers. Among them, Paul Virilio, Manuel Castells and François Ascher are the most renowned. Their views often agree, often disagree and often complement each other – and this results in an important contribution to the understanding of the contemporary city and urbanism. The present work intends to identify the concepts and themes on which are based the different interpretations of these authors, aiming to contribute to a conception of the contemporary city.

AGRADECIMENTOS

À Professora Denise Pinheiro
Pela orientação e acolhimento desde a época da minha Especialização em Urbanismo (1989). Denise é uma pessoa rara, amiga, sempre estimulando o espírito de conhecimento e pesquisa em seus alunos.

À Equipe PROURB

A Octávio Fernandes de Araujo

A MD Magno

A Potiguara Mendes da Silveira Junior que, com sua amizade, me incentivou neste trabalho.

SUMÁRIO

Introdução 9

1 – A Veloz-Cidade de Paul Virilio 27

1.1 – Guerra e Cidade 29

1.2 – Videocidade: a Cidade sem Portas 33

2 – O Espaço Informacional de Manuel Castells 43

2.1 – A Cidade Informacional 45

2.2 – Espaço de Fluxos x Espaço de Lugares 55

3 – A Metápole de François Ascher 66

3.1 – A Metropolização 67

3.2 – A Metápole 72

4 – Conceitos, Idéias e Categorias de Paul Virilio, Manuel Castells e François Ascher 83

4.1. Sobre os Autores 83

4.2. Conceitos, Idéias e Categorias 87

4.3. Convergências e Divergências 97

4.4. Quadro Comparativo 102

Conclusão 107

Bibliografia 120

"...A cidade do futuro estará em todo o lado e em parte alguma, será tão diferente da urbe antiga ou contemporânea que provavelmente não chegaremos a reconhecer sua emergência enquanto cidade".

(Frank Lloyd Wright, citado por Ascher, 1998: 12)

"Uma coisa é certa: vivemos hoje em uma destas épocas limítrofes na qual toda a antiga ordem das representações e dos saberes oscila para dar lugar a imaginários, modos de conhecimento e estilos de regulação social ainda pouco estabilizados. Vivemos um destes raros momentos em que, a partir de uma nova configuração técnica, quer dizer, de uma nova relação com o cosmos, um novo estilo de humanidade é inventado".

(Lévy, 1993: 17)

" '...A história da vida, como a vejo, é uma série de situações estáveis, pontuadas em intervalos raros por eventos importantes que ocorrem com grande rapidez e ajudam a estabelecer a próxima era estável'. Meu ponto de partida, e não estou sozinho nesta conjetura, é que no final do século XX estamos vivendo um desses raros intervalos na história. Um intervalo cuja característica é a transformação de nossa cultura material pelos mecanismos de um novo paradigma tecnológico que se organiza em torno da tecnologia da informação".

(Castells, 1999: 9 : [citando Stephen J. Gould])

"Mas o Dono da Tabacaria chegou à porta e ficou à porta.
Olho-o com o desconforto da cabeça mal voltada
E com desconforto da alma mal-entendendo.
Ele morrerá e eu morrerei.
Ele deixará a tabuleta, eu deixarei versos.
A certa altura morrerá a tabuleta também, e os versos também.
Depois de certa altura morrerá a rua onde esteve a tabuleta,
E a língua em que foram escritos os versos.
Morrerá depois o planeta girante em que tudo isto se deu."

(Fernando Pessoa. *Ficções do Interlúdio/4 Poesias de Álvaro de Campos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983. p.109)

INTRODUÇÃO

Somos contemporâneos de uma revolução cujas conseqüências afetam a vida de todos os seres humanos. Ela ocorre num ambiente marcado pelo desenvolvimento avançado dos meios de comunicação, da telecomunicação, da informática e da evolução e aceleração dos transportes. No decorrer da história, sempre se pôde observar que as evoluções tecnológicas[1] são acompanhadas de uma transformação tanto na cidade, quanto na sociedade e na cultura. Atualmente, estas transformações têm acarretado também uma modificação generalizada nos próprios conceitos determinantes para o estudo do Urbanismo.

Esta mudança aparece sobretudo nas novas formas de utilização dos espaços urbanos e na geração de novos hábitos e padrões de comportamento. Com a utilização das novas tecnologias, as fronteiras geográficas, as noções de limite e a oposição dentro/fora se dissolvem. Do mesmo modo, as noções de público/privado e próximo/distante se vêem relativizadas de uma forma nunca antes pensada. Conceitos importantes, que eram definidores e referência para o estudo do urbanismo, estão perdendo seu valor de referência original.

Definitivamente, a arquitetura do espaço público se modificou. Este espaço, entendido enquanto local aberto ao encontro aleatório das pessoas, está desaparecendo e, paralelamente, está emergindo a idéia de um "espaço público" privado, fechado,

---

[1] No decorrer deste estudo, utilizaremos indiscriminadamente os termos *técnica* e *tecnologia* sem levar em conta as diferenças entre eles. Para nossos fins, técnica/tecnologia será entendida como: ferramentas, próteses, meios (*media*), conhecimentos, tendo ou não o corpo humano como referência, cuja finalidade é otimizar, capacitar, possibilitar eficácia às ações humanas. Consideraremos, também, que a utilização dessas ferramentas gera uma interação onde objeto e usuário se influenciam mutuamente e possibilitam a produção de cognição e de subjetividade. Estes elementos também participam do processo de constituição de um indivíduo, assim como os saberes, as coisas, os elementos materiais, sociais, etológicos, políticos, lingüísticos, tecnológicos e econômicos.

seletivo, vigiado. Algo que funciona como verdadeiro "contêiner[2]". Podemos pensar o *shopping center* como exemplo desse "espaço público" que é privado. Ele é propriedade privada de alguém e paga-se para freqüentá-lo, o que sem dúvida seleciona as pessoas que lá circulam, diferentemente da praça, cujo acesso é permitido a qualquer um: "a praça é de todos". Além disso, o *shopping center* é vigiado, cercado de grades, com seguranças, etc.

Outra forma de pensar o "espaço público" na cidade contemporânea seria considerá-lo como "espaço público virtual". Como se trata de um espaço atópico, o que imediatamente nos vem à mente é a Internet, com seu e-comércio, mas sobretudo com seus *chats*. É ao mesmo tempo local de encontro, de bate papo, de compras, bordel, biblioteca, museu, etc., e extrapola totalmente qualquer delimitação espacial-geográfica. Podemos, então, nos perguntar: Que lugar é esse? Onde se dá esse encontro? As tentativas de resposta necessariamente nos levarão a considerar que, se a cidade é também o local de troca, de comunicação, de interação, de moradia, de trabalho, ela agora está em qualquer lugar. Os espaços e suas funcionalidades estão disseminados por toda parte. Estar em casa pode significar estar no trabalho; estar na empresa pode significar estar na escola; estar na rua ou em viagem pode significar estar em conferência... Esta subversão dos espaços e esta multiplicação das possibilidades de conexão já constituem uma realidade.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE ARQUITETURA E URBANISMO
BIBLIOTECA

O sistema de produção capitalista tomou diversas formas no decorrer da história. Se na cidade medieval foi instituído o costume da praça de mercado como local geográfico onde se davam as trocas econômicas, sociais e políticas, a partir do século XVIII estes costumes são introduzidos de maneira universal em todos as partes da cidade.

---

[2] "Lugares nem sempre públicos, nem entretanto, exatamente privados, nos quais a troca se produz, o gasto se produz, e a distribuição dos presentes que constituem o consumo múltiplo de nossas sociedades altamente ritualizadas tem lugar" (Solà-Morales s/d).

Atualmente, esta prática foi exacerbada e vemos uma economia de mercado onde estas mesmas práticas acontecem em dimensões planetárias. Ou seja, da praça de mercado concreta, passamos à economia de mercado regida pelo abstrato mercado transnacional (Mumford, 1991: 445-9), onde capital e produção não andam mais necessariamente juntos. Este acontecimento tem muitas conseqüências para as cidades, que sempre foram definidas como o local físico privilegiado da troca e da negociação. É preciso, portanto, fazer uma revisão de muitos dos "velhos" conceitos que usamos para falar da cidade, pois ela está sofrendo modificações e promovendo novas formas de percepção de nosso cotidiano que não nos permitem fugir da pergunta: que cidade habitamos hoje?

Buscar uma definição da cidade contemporânea é uma tarefa complexa. Como não temos a pretensão de esgotar o tema ou apresentar conclusões definitivas, buscaremos analisar alguns autores contemporâneos visando identificar os conceitos utilizados em suas reflexões teóricas sobre o tema e como elaboram a questão ao pensar o atual momento de transição em que várias definições são propostas. O tema é vasto e as abordagens são diversas. Optamos, então, pelo estudo de textos específicos de três autores significativos da contemporaneidade: Paul Virilio, Manuel Castells e François Ascher. Consideramos um "risco calculado" abordar apenas os conceitos e idéias neles presentes, mas assim fazendo esperamos poder trazer recortes bem delineados e, portanto, aptos a dirigir nossa atenção a campos de entendimento bastante focalizados da forma que está tomando a cidade contemporânea.

Sendo assim, esclarecemos que nossa intenção neste trabalho é apresentar alguns conceitos e definições da cidade contemporânea associada às novas tecnologias, tendo como referência a bibliografia a seguir. Do arquiteto, urbanista e filósofo Paul Virilio, analisaremos os seguintes livros: *Guerra Pura; A militarização do Cotidiano*, de 1983, e *O Espaço Crítico; e as Perspectivas do Tempo Real*, de 1984. Do catedrático de

sociologia e planejamento urbano e regional na Universidade da Califórnia, Manuel Castells, analisaremos *La Ciudad Informacional; Tecnologías de la Información, Reestructuración económica y el Proceso Urbano-Regional*, de 1989, e *A Sociedade em Rede*, de 1996. E do professor do Instituto Francês de Urbanismo e consultor científico do Ministério do Alojamento da França, François Ascher, *Metápolis; Acerca do Futuro da Cidade*, de 1995.

Os autores estudados foram escolhidos por alguns motivos: por serem todos os três autores contemporâneos que tratam desta questão, e são reconhecidos por produzir obras originais e respaldadas pelo reconhecimento do meio acadêmico em geral; por representarem campos disciplinares diferentes, o que enriquece nossa abordagem; por terem diferentes enfoques da questão; apesar de muitas convergências, podemos dizer que os autores trabalham o tema em diferentes escalas, o que possibilita uma análise mais ampla. Virilio trata da cidade considerando as micro questões, no sentido que o ponto de partida é o homem, suas inter-relações, o tratamento desta relação de subjetividade com o próximo, com o entorno, com a imagem da cidade e toda a referência que é produzida a partir daí. O foco também é a arquitetura, o homem, suas humanidades, sua inserção dentro do espaço urbano. Ascher considera a região, as estruturas de funcionamento do urbano, as cidades que compõem uma metápole, o gerenciamento possível desta nova configuração que está emergindo. Podemos dizer que é uma escala média. Castells trabalha em macro escala, é a revolução tecnológica, o capitalismo global, as cidades dentro do contexto mundial.

Para nós, Castells é um autor de referência no estudo do urbanismo desde a cidade industrial, e fonte consultada em vários momentos de reflexão sobre o estudo do urbano. Virilio traz um questionamento da técnica e suas utilizações que apesar de ser nossa bibliografia mais antiga, é considerado uma abordagem necessária para ser

considerada quando envolvemos tecnologias e cidade. Ascher nos interessou por ser um autor que se propõe a dar uma nova definição de cidade, não apenas um diagnóstico mas um novo conceito e uma nova configuração da cidade contemporânea. Estes foram alguns dos motivos que nortearam nossa escolha. Toda escolha é seletiva, a nossa não é diferente, mas entendemos que as diferenças apresentadas enriquecem este estudo e justificam a seleção.

Considerações Gerais

O paralelo entre evolução tecnológica e transformações nas Cidades não é novo. Na realidade, confunde-se com a própria história das Cidades.

O urbanismo nasceu justamente da necessidade de enfrentar metodicamente os graves problemas provenientes das modificações do fenômeno urbano. Mais recentemente, em decorrência da Revolução Industrial e das conseqüentes transformações da estrutura social, da economia e do modo de vida, o que parecia ser uma questão meramente quantitativa revelou-se uma questão qualitativa e estrutural. Não é certamente a lógica da história, mas a desordem dos eventos que se reflete na realidade urbana (Argan, 1992: 75).

Milton Santos, geógrafo, acredita que o desenvolvimento da história vai de par com o desenvolvimento das técnicas, e que cada evolução técnica possibilita uma nova etapa histórica. Assim, as técnicas transportam uma história e cada sistema técnico representa uma época. Em nossa época, a técnica da informação, através da cibernética, da informática e da eletrônica, é que representa o sistema de técnicas. Vivemos um período peculiar da história do capitalismo, que sempre se definiu por períodos antecedidos e sucedidos por crises. No momento atual, há uma superposição entre

período e crise, apresentando características de ambas as situações (Santos, 2000: 24-5, 33).

Em vários campos do conhecimento, é comum falar de "crise dos fundamentos" e do surgimento de uma "nova ordem social-econômico-política" que já se estabeleceu. Pierre Lévy (1993: 17), autor ligado ao estudo das novas tecnologias da inteligência, indica que a nossa época é limítrofe, na qual podemos ver toda a antiga ordem das representações e dos saberes oscilando e sendo substituída por imaginários, modos de conhecimento e estilos de regulação social ainda pouco estabilizados. Somos contemporâneos de um destes raros momentos em que, a partir de uma nova configuração técnica, quer dizer, de uma nova relação com o cosmos, um novo estilo de humanidade é inventado.

O historiador Eric Hobsbawm (1995: 15, 24, 25), em sua obra *A Era dos Extremos*, onde faz uma análise geral dos acontecimentos do último século, afirma que, com o início da década de 1990, uma era se encerrou e outra nova começou. O mundo do final do "breve século XX" estava qualitativamente diferente de seu início em pelo menos três aspectos. O primeiro é que este mundo deixou de ser eurocêntrico, com a ascensão dos EUA como grande potência mundial. O segundo é a globalização da economia, redefinindo o papel dos estados nacionais e de suas economias territorializadas. Este processo de globalização acelerado é acompanhado por uma tensão gerada pela dificuldade de acomodação a essa situação por parte das instituições públicas e do comportamento coletivo dos seres humanos. O terceiro aspecto é a deterioração dos padrões de relacionamento social humano e a quebra dos vínculos entre gerações, entre passado e presente. Isto gerou, principalmente nos países desenvolvidos ocidentais, um "individualismo associal absoluto", uma sociedade de indivíduos egocentrados em busca apenas de auto-satisfação.

Manuel Castells (1999: 49, 353), por sua vez, afirma que esta revolução decorrente da tecnologia da informação constitui um intervalo na história, um acontecimento tão importante quanto a Revolução Industrial do século XVIII, o que gera uma descontinuidade nas bases materiais da economia, sociedade e cultura. Em *A Sociedade em Rede* ele descreve a transformação geral na cultura em função da utilização de novas tecnologias. Na história da humanidade, houve um momento da invenção do alfabeto que proporcionou a infra-estrutura mental para a comunicação cumulativa, calcada no conhecimento, e a base para o desenvolvimento da filosofia ocidental e da ciência. No século XX, houve uma revanche da cultura audiovisual mediante a qual o cinema, o rádio, a televisão, superaram a influência da comunicação escrita. Hoje, através da multimídia, é possível integrar no mesmo sistema as modalidades escrita, oral e audiovisual da comunicação humana. A cultura é mediada e determinada pela comunicação, então as próprias culturas, isto é, nossos sistemas de crenças e códigos historicamente produzidos, estão sendo transformados pelo novo sistema tecnológico e o serão ainda mais com o transcorrer do tempo.

Estamos passando da era industrial para a era informacional, de uma era em que a produção estava centrada em mercadorias e produtos, para uma onde a fonte de produtividade está focada na manipulação, transmissão e circulação de informação. As novas tecnologias da informação e da comunicação (NTIC), mais do que ferramentas a serem aplicadas, são processos a serem desenvolvidos. Usuários e criadores podem tornar-se a mesma coisa. Pela primeira vez na história, a mente humana é uma força direta de produção, e não apenas um elemento decisivo no sistema produtivo (Castells, 1999: 51). A proliferação das NTIC está remodelando a economia urbana, os espaços sociais, os locais de trabalho e, sobretudo, nosso tradicional entendimento de conceitos como espaço e tempo. A cidade é o local por excelência destes acontecimentos.

O filósofo Michel Hardt, ao comentar a passagem da sociedade disciplinar, como foi chamada por Michel Foucault, para a atual sociedade e o desmoronamento dos muros que definiam as instituições, afirma que "não há mais fora", e que a nova sociedade funciona não mais por confinamento, mas por controle contínuo e comunicação instantânea, sendo, portanto, necessariamente uma sociedade mundial de controle. O espaço público foi privatizado numa medida tal que não é mais possível compreender a organização social a partir da usual dialética espaços privados/espaços públicos, ou dentro/fora. O lugar da atividade política liberal moderna desapareceu, fazendo com que a sociedade pós-moderna venha se caracterizar por um déficit do político. O lugar da política foi desrealizado (Hardt, 1996).

Com o advento das TVs a cabo, que transformam os apartamentos de seus assinantes em uma espécie de central dos acontecimentos mundiais (Virilio, 1993:13), das transmissões via satélite, da *Internet*, dos meios de comunicação instantânea, da telemática e da teleconferência, acabaram-se as distâncias geográficas, as distâncias de tempo e os obstáculos físicos. As distâncias não são mais consideradas geograficamente mas temporalmente. A velocidade acelerada do deslocamento subverte a antiga conceituação espacial de próximo e distante. Passamos pela distância-espaço, pela distância-tempo e agora a *distância-velocidade* abole a noção de dimensão física. A instantaneidade da ubiqüidade resulta na atopia de uma interface única. Como conseqüência temos uma modificação na percepção do espaço: a mesma modernização que retirou da viagem o tempo, retirou-lhe também a realidade do espaço (Debord, 1997: 112).

A contração do espaço e do tempo depende da velocidade, que não é acessível para todos da mesma forma, de modo que, apesar do uso do mesmo equipamento (relógio) para a contagem do tempo, o tempo não é igual para todos. A qualquer momento pode-se acessar, ver o que se passa e "estar" em diferentes lugares do planeta,

através de uma tela. O uso da tecnologia em tempo real desobriga, em muitos casos, a presença real (Virilio, 1996: 55). A informação, agora intermediada, já chega pronta, tornando desnecessários a utilização dos sentidos e o contato direto com a situação observada. Guy Debord (1997: 18) comenta esta transformação da sociedade, na qual o que era vivido diretamente tornou-se uma representação, e mostra uma redefinição da realização humana, que passou pelos estágios do *ser* para o *ter* e deslizou para o *parecer*.

A demarcação explícita diferenciando cidade/campo e centro/periferia já não é visível na grande metrópole. As desigualdades se localizam no contraste entre malhas urbanas super-equipadas tecnologicamente, e sobretudo informaticamente, e grandes regiões subdesenvolvidas (Guattari, 1992: 171). Sua localização geográfica está privada de limites objetivos.

O paradigma econômico-tecnológico da informação acarreta, além de novas práticas sociais, alterações da própria vivência do espaço e do tempo como parâmetros da experiência social. O tempo pode ser desconsiderado no novo sistema de comunicação, já que passado, presente e futuro podem ser programados para interagir na mesma mensagem. O tempo da cronologia e da história é suplantado por um tempo *intemporal* que, através das tecnologias, escapa aos contextos de sua existência.

É um fato que existe uma economia global que pode não abarcar todos os processos econômicos, não abranger todos os territórios e não incluir todas as atividades das pessoas, mas seus efeitos alcançam todo o planeta e afetam direta ou indiretamente a vida de toda a humanidade. E se podemos considerar, com Deleuze (1992: 214), que a maioria não é uma questão quantitativa, mas uma questão de modelo hegemônico, pode-se confirmar que estamos diante de uma nova realidade.

Para Octavio Ianni (1996: 74, 79, 80, 81), uma das associações possíveis à história da urbanização é a história e os ciclos de desenvolvimento do capitalismo. Assim, poderíamos talvez escrever a história das cidades através de épocas das transformações do capitalismo: mercantilismo, colonialismo, imperialismo e globalização. A cidade global é um entre vários tipos de cidade que compõem a rede urbana contemporânea, mas ela é fundamental no processo de urbanização do mundo. Com a universalização do capitalismo no fim do século XX, ocorre simultaneamente a generalização do modo urbano de vida, da sociabilidade, dos valores culturais e dos padrões urbanos. Há uma interdependência entre o desenvolvimento do capitalismo e a globalização das cidades, que, concomitantemente, se globalizam e globalizam o capitalismo. Ou seja, a cidade global é resultado e condição da globalização do capitalismo.

Estas cidades mundiais podem ser divididas em três categorias: Centros Internacionais, que possuem escritórios, corporações e bancos que gerenciam negócios em escala global, p. ex., Nova Iorque, Londres e Paris; Centros de Zona, cujos escritórios e corporações funcionam como vínculos do sistema financeiro internacional, p. ex. Cingapura, Hong Kong e Los Angeles; e Centros Regionais, que hospedam escritórios de corporações e mercados financeiros, mas com um grau de conexão menor no sistema financeiro internacional, p. ex., Sidney, Chicago e Miami. A cidade global adquire características, culturas, modos de vida de muitos lugares do planeta, sendo assim, sintetizam o mundo e algumas se tornam cosmópoles. Ianni considera que a sociedade global é caracterizada pela desigualdade, heterogeneidade, tensões e contradições, e afirma que ela é atravessada pela não-contemporaneidade. São múltiplas e contraditórias as formas sociais de tempo e espaço que aí prevalecem. Dentro destas considerações, a urbanização do mundo é desigual, contraditória e articulada.

Saskia Sassen (1994: 16-7, 156, 159) defende que as transformações na composição da economia mundial, ocorridas nas décadas de 70 e 80, renovaram a importância das cidades como locais estratégicos para a globalização. São os locais da operação concreta da economia. Ela vai definir o que chama de *cidade global* a partir de certas características: centros do comércio mundial e atividades bancárias; pontos de comando na organização da economia mundial; lugares e mercados para indústrias de finanças e serviços especializados e lugares de produção para essas indústrias. Estas cidades são pontos de comando, mercados globais e locais de produção para a economia da informação.

As cidades estão mudando e o relacionamento entre as cidades também. Cidades não são entidades isoladas, mas sofrem influências tanto do local onde estão situadas quanto do sistema global. Esta articulação entre global e local tem muitas conseqüências. As diferenças introduzidas pela globalização engendram igualmente uma nova percepção do aqui, do local, e o transforma. É uma reinvenção, por vezes violenta, das especificidades locais. Esse duplo processo em que as noções de global e local são reciprocamente produzidas foi relatado por François Ascher (2000: 149) ao citar E. Swyngedouw, cujo neologismo "glocalização" descreve ao mesmo tempo o impacto da internacionalização sobre as metrópoles e a dimensão territorial específica que resulta deste processo. O valor desse neologismo reside em sua natureza dialógica, que expressa a coexistência produtiva entre dois contrários. Outras noções foram pensadas para considerar essas relações de anexação do global pelo local, como a *hibridização*, ou seja, a mistura que não apaga as origens genéticas, mas as combina e lhes confere tons e contornos novos.

Paralelamente, temos dados bastante objetivos que nos acossam para uma reflexão bem atual. Em todo o mundo, as áreas urbanas estão crescendo em tamanho e

número. A velocidade do processo de urbanização é muito acelerada. O mundo é hoje 47% urbano; em 2005 ultrapassará 50%. Os países desenvolvidos contam com 75% de seus habitantes vivendo em cidades, enquanto nos países em desenvolvimento somam 41%. Estima-se que em 2020, 57% da população mundial viverão em cidades – 81% dos países desenvolvidos e 52% dos países em desenvolvimento (Metropole Consultants, 2001: 5). Dentro dos próximos anos, pela primeira vez na história da humanidade, a maioria da população mundial residirá em áreas urbanas. Chegamos ao estágio da urbanização generalizada como modo de vida. O século XXI será um século urbano e o futuro das cidades representa uma das principais questões contemporâneas.

Vários autores vêm abordando a questão da nova estruturação das cidades decorrente da utilização das tecnologias. Esta questão não é nova, nos anos 30, Frank Lloyd Wrigth (citado por Ascher, 1998: 12), indicava que a cidade do futuro estaria em todo o lado e em parte alguma, seria tão diferente da urbe antiga ou contemporânea que provavelmente não chegaríamos a reconhecer sua emergência enquanto cidade. Lewis Mumford, em 1961, falava da "cidade invisível" resultante da reorganização do complexo metropolitano, indicando haver nela uma eterização das instituições existentes. Ela pode ser um modelo para a nova constelação urbana, que preserva as vantagens das unidades menores e goza do alcance da organização metropolitana de grandes dimensões. Segundo ele,

> "num mundo bem ordenado, não haveria limites físicos, culturais ou políticos a tal sistema de cooperação: ele passaria pelos obstáculos geográficos e barreiras nacionais tão facilmente quanto os raios x passam por objetos sólidos (...) Tal sistema poderia, com o tempo, abranger todo o planeta" (Mumford, 1991: 610).

Paul Virilio, em seu livro *Esthétique de la Disparition,* escreve sobre uma forma de olhar, onde o que nos é dado a ver no campo visual o é graças ao truque dos fenôme-

nos de aceleração e desaceleração identificáveis às intensidades de um clarão. A aparência é uma produção tecnológica. Ele usa o exemplo do ataque epiléptico que caracteriza a epilepsia de grau menos intenso, chamada "pequeno mal", mais comum em crianças. Neste tipo de ataque acontece um apagamento de curtíssima duração a ponto de aquele que sofre o apagamento não ter consciência dele. O que estas pessoas fazem com este instante perdido? Elas o preenchem de forma a torná-lo contínuo, criam uma seqüência como se cria uma seqüência na montagem de um filme. Para ele, os achados tecnológicos recriam as circunstâncias desta crise como o cineasta cola as seqüências suprimindo todo corte aparente da duração, o não visto dos instantes perdidos. Trata-se, portanto, de produção de aparência. Procura-se a forma, mas não há formas estáveis, nem mesmo podemos dizer que há formas (Virilio, 1989: 16). O que há é o movimento e é através dele que temos a ilusão do mundo.

> "Seleção particular de coisas vistas, gravação de fatos insignificantes que transformam pouco a pouco os objetos *verdadeiros* para fazer deles uma espécie de fundo sobre o qual se destacaria bruscamente uma outra designação do sentido, um fundo que seria já um tipo de derretido-encadeado (as *dissolving views*, como dizem os anglo-saxões), que faz pensar na reflexão de Paul de Tarse (...), tudo está tranqüilo, contudo: *este mundo tal como nós o vemos está passando*" (Virilio, 1989: 43).

Virilio mostra também que, após a arquitetura-escultura, na era cinematográfica surgiu a arquitetura como cinema (Virilio, 1989: 72). As primeiras projeções cinematográficas já completaram cem anos e podemos pensar o quanto esta invenção cinematográfica revela do nosso modo de conceber a realidade. O cinema começa com os instantâneos, destes instantâneos faz seqüências e são estas seqüências que criam a ilusão de realidade contínua. Este movimento parece constituir a cidade contemporânea e define portanto um modo de olhar, de experimentar.

> " ...nossa vida inteira passa por próteses de viagens aceleradas das quais nem mesmo temos consciência. (...) Reconciliação do nada e da realidade, a aniquilação do tempo e do espaço pelas

> altas velocidades substitui a vastidão da vida àquela do exotismo da viagem..." (Virilio, 1989: 68).

Acreditamos, pois, que o ponto fundamental da nova estética da cidade contemporânea esteja na reformulação da concepção do espaço e do tempo.

As nomenclaturas assim como as abordagens são diversas, mas os vários autores estão se ocupando da mesma questão. Castells (1999: 412) define a cidade global como um *processo* por meio do qual os centros de produção, consumo e serviços estão conectados em uma rede global. Processo este inserido em uma nova lógica espacial: o *espaço de fluxos* em oposição ao espaço tradicional, o *espaço de lugares*. Afirma, também, que a era da informação está introduzindo uma nova forma urbana: a *Cidade Informacional*. Organizada em torno de redes e parcialmente formada por fluxos, ela não é uma forma mas o processo caracterizado pelo predomínio estrutural dos espaços de fluxos.

Há também o surgimento das Megacidades, que apresentam uma nova forma espacial: são enormes aglomerações de seres humanos, com mais de dez milhões de habitantes. Guattari (1992: 171) fala da cidade-mundo do capitalismo contemporâneo, desterritorializada, que está em toda parte e envolve o planeta inteiro. Utilizando outras referências, Ascher (1998: 4) aponta para um crescente processo de metropolização. Segundo ele, está acontecendo não somente o crescimento e a multiplicação das grandes aglomerações, mas também a progressiva concentração das populações, das atividades e das riquezas no interior de algumas cidades e uma recomposição funcional e social dos espaços metropolitanos e lança o conceito de Metápole. Já para Virilio (Virilio, P. Lotringer, S.; 1983), a arquitetura urbana deve relacionar-se com a abertura de um espaço-tempo tecnológico. Estamos em pleno processo de des-urbanização. A cidade, que era o meio de mapear um espaço político que existiu numa dada duração política, está sendo deslocada com a velocidade, ubiqüidade e instantaneidade. Segundo ele, a

corrida tecnológica provocou o desaparecimento das cidades, que se transformarão em canteiros de obras abandonados.

Sòla-Morales (s/d) ratifica que estamos lidando hoje com cidades que mudaram radicalmente em relação aos tempos pré-industriais. São cidades tão diferentes que a contribuição da arquitetura nestes agregados desconcentrados, entretanto altamente conectados, está sendo repostulada em termos completamente novos, com relação tanto aos parâmetros segundo os quais a arquitetura clássica entendia a atividade arquitetônica, quanto aos princípios e métodos mediante os quais a arquitetura moderna procurou repensar as relações entre uma nova arquitetura e uma nova cidade.

Esta é, portanto, uma nova fase de transformação urbana em relação direta com as novas descobertas e avanços tecnológicos do final do século XX e início do XXI. As cidades mudaram e o urbanismo contemporâneo, em sua análise e em sua prática, deve considerar mais do que o estabelecido pelos sistemas tridimensionais da arquitetura tradicional. Uma nova estética se desenha. E essa estética pede uma reflexão sobre o visível, o movimento, a velocidade e o tempo – um novo olhar sobre o mundo que é nosso contemporâneo.

Considerações Específicas

Nossa proposta visa mapear, na bibliografia selecionada, as diferentes abordagens dos três autores sobre a questão das cidades ante a incidência, cada vez maior sobre elas, da utilização das novas tecnologias.

Em Paul Virilio, buscaremos o entendimento da origem das cidades, a passagem da geopolítica para a cronopolítica, a importância da velocidade como uma riqueza e todo o questionamento da tecnologia e de seu acidente específico. Ele nos oferece um

ferramental para discutirmos não só a cidade enquanto local das trocas pessoais e materiais, dos encontros, do exercício da política, mas também a perda que se dá com a utilização das tecnologias, que nos permitem realizar estes encontros e exercícios sem a presença real e com a assepsia gerada pelo distanciamento da presença física.

É a falta do contato humano e da urbanidade tal como entendida até agora que nos leva também a questionar o futuro das cidades sob a influência dos meios de comunicação audiovisual, que manipulam e são os formadores de opinião dos cidadãos de hoje. Virilio apresenta com muita clareza a subversão ocorrida do espaço-tempo e mostra que vivemos numa época onde habitamos o tempo. Como proposta, além do questionamento da técnica, temos então que considerar uma nova ecologia que, ao invés de tratar dos recursos naturais e animais do planeta, trata do problema gerado pela atual deterioração das relações pessoais.

Em Manuel Castells, buscaremos o entendimento da cidade resultante da sociedade da informação, da cidade cuja base é a troca de informações em todos os níveis, sendo este o fator que caracteriza a inserção das cidades contemporâneas no sistema global. Trata-se, pois, do funcionamento da sociedade em rede no sistema capitalista informacional, onde vivemos uma transformação do imaginário das pessoas pelo acesso a um número de informações maior do que a possibilidade de assimilação individual. Isto como decorrência de que a produção da sociedade atual está centrada na geração de conhecimento como principal fonte de riqueza.

Percorreremos as megacidades, onde a difusão da urbanização pode conduzir ao desaparecimento da cidade como um modo de relação social, de cultura urbana e democracia política. Examinaremos o que Castells apresenta como novos conceitos para o tempo e para o espaço, que, inclusive, já estariam vigorando na cidade contemporânea.

Além disso, buscaremos avaliar sua hipótese de que é o espaço que organiza o tempo na sociedade em rede.

Dos três autores, François Ascher é o que vimos a conhecer mais recentemente. Ele foi escolhido porque pensa a modernidade atual como um conjunto de fenômenos sociais emergentes, não como crise, mas como forma avançada de racionalização. Ele defende a suposição de que as transformações contemporâneas não estão em contradição com os fundamentos da sociedade moderna, e sim seguem o curso de evoluções anteriores. Aposta na continuidade das cidades, com uma nova organização urbana, conceituando e criando nova nomenclatura para as cidades que estão emergindo. Para ele, um dos desafios que o urbanismo contemporâneo enfrenta é organizar e gerir os novos vínculos sociais que ocorrem nas cidades, considerando que elas são parte integrante de uma economia capitalista com suas desigualdades intrínsecas. Enfim, apresenta como a "sociedade hipertexto" e o "capitalismo cognitivo" produziram uma nova revolução urbana que acompanha a transformação dos modos de vida, dá nascimento a novas formas de ocupação do espaço, modifica as maneiras de conceber, de realizar e gerir as cidades.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO
BIBLIOTECA

Estudar, através destes três excelentes autores, as diferentes abordagens da cidade contemporânea associadas à utilização das técnicas de comunicação, informação e transporte é um trabalho estimulante, atual e necessário como contribuição para o entendimento do mundo contemporâneo. Numa época em que, cada vez mais, as cidades são o centro das atenções, o espelhamento da cultura mundial e o palco dos pequenos e grandes acontecimentos, tentar mapear a cidade "de hoje" é buscar entender os anseios, desejos, contradições e toda a produção material, teórica e sintomática do

homem. Posto que existem vários tempos na forma de uma cidade (Rossi, 1995: 57), podemos considerar que a cidade do tempo presente é a síntese das cidades de todos os tempos.

Desenvolver este trabalho é um prazer e uma necessidade. Se pudermos considerá-lo como uma pequena contribuição para apresentar alguns encaminhamentos sobre as transformações pelas quais as cidades estão passando, teremos cumprido nosso objetivo pontual. A suspeita que conduz nosso encaminhamento é de que é preciso repensar as cidades e que alguns conceitos que ainda são utilizados didaticamente estarão, em breve, situados num momento das cidades, no passado.

Cumpre ressaltar que temos consciência de que, simultaneamente a todas as questões globais abordadas por nós, vivemos em cidades com questões localizadas, com aspectos geográficos específicos e que há um enorme e importante trabalho a ser desenvolvido a partir destas referências. No entanto, para esta pesquisa em curso, fizemos um recorte e concentramos nossos desenvolvimentos em torno dos resultados da dinâmica que se estabeleceu entre as cidades contemporâneas e as tecnologias avançadas.

Este estudo tem como meta o entendimento e a identificação dos diferentes conceitos trazidos pelos autores selecionados, para estabelecermos uma rede de informações que nos permita discorrer sobre a cidade contemporânea sob esta ótica.

Assim sendo, nesta Introdução, buscamos: (*a*) apresentar o tema e situar a questão que move nossa pesquisa textual através da apresentação de um panorama geral de transformações mundiais que atestam o momento pelo qual estamos atravessando; (*b*) apresentar de forma sucinta algumas idéias de autores dos diversos campos, que corroboram e dão respaldo à relevância e à preocupação com o tema, independente de suas abordagens estarem direcionadas para o mesmo resultado que o nosso; e (*c*) recortar nosso objeto de estudo e apresentar a bibliografia que será utilizada.

No primeiro capítulo, estudaremos Paul Virilio, resenhando suas idéias e conceitos ligados ao nosso tema. A intenção é apresentar suas idéias e conceitos sobre as cidades e por qual via faz sua abordagem. No segundo capítulo, estudaremos Manuel Castells, também resenhando e destacando suas idéias e conceitos, do mesmo modo especificado para o autor anterior. No terceiro, fazemos o mesmo com o estudo de François Ascher.

No quarto capítulo, apresentamos os autores, os diferentes campos de referência de cada um e o momento sócio-político em que suas obras foram escritas. Apresentamos também as definições dos conceitos e de suas idéias específicas, e fazemos uma comparação entre eles, destacando as diferentes abordagens. Desenvolvemos os conceitos de *cidade contemporânea* em cada um, com suas definições e encaminhamentos. Ao final do capítulo, apresentamos um quadro comparativo onde temos os grandes temas e conceitos, de um lado, e as diferentes denominações para cada um dos temas, de outro. Entre estes conceitos, vários são originais e outros já amplamente utilizados. O quadro visa apresentar sucintamente as idéias dos autores.

Na Conclusão, fazemos uma análise geral destas abordagens e indicamos o encaminhamento da questão para uma perspectiva a ser aprofundada em outra pesquisa que pretendemos realizar.

1 - A VELOZ-CIDADE DE PAUL VIRILIO

Paul Virilio nasceu em Paris, em 1932. É arquiteto e professor da Escola Superior de Arquitetura de Paris e tem se destacado como filósofo, especialista em questões estratégicas e pensador dos mais atuantes sobre os rumos do Urbanismo e das cidades, sobretudo desde as duas últimas décadas do século XX. A característica que mais o destaca é a de explicitar de modo original (e não pouco polêmico) sua inquietude para com as conseqüências do advento das tecnologias avançadas na sociedade atual. É bastante reconhecido internacionalmente, com vários livros editados no Brasil.

O fato de ter presenciado o bombardeio maciço da cidade de Nantes (França) durante a Segunda Guerra fez com que, em seus estudos, as questões da cidade e da técnica se tornassem indissociáveis. Para ele, a organização do território e da cidade é a forma política maior da História. Como esta organização é decorrência da estratégia militar, urbanismo e guerra são os dois temas principais de suas pesquisas que confluem para asseverar em 1997 que o futuro é a metropolização: uma contração em direção às cidades que está ocorrendo em todo o mundo, e não apenas no Terceiro Mundo como anteriormente. Segundo ele, estaríamos assistindo a um incessante processo de desertificação das cidades menores em favor das metrópoles, que vão se tornando verdadeiras galáxias, o que resulta em uma "terceiro-mundialização" das cidades.

Ele foi dos primeiros a destacar a linha progressiva que vai da telepresença no espaço doméstico (teleação nos videogames, o telecomando e as telecompras na TV) e da mutação do espaço público cada vez mais controlado por estradas e supermercados, até chegar à subversão da própria idéia de realidade com a multiplicação das imagens virtuais. Um extenso ferramental teórico – que abrange teorias estéticas de Auguste Rodin, a teoria da relatividade de Einstein, os tratados de Galileu, etc. – lhe serve para

pensar uma ética e uma política para as novas imagens, para as "máquinas de visão" produtoras de um novo imaginário em que as próprias imagens se tornam sujeitos. Sua crítica se dirige aos efeitos da rede mundial de computadores, que promete, sem condições de cumprir efetivamente, um abrigo imaginário numa *Metacidade* dotada de jardins matemáticos, lagos eletrônicos e infovias de alta resolução. Para tanto, bastaria acessar uma senha que todo aspecto físico da vida seria corrigido de suas falhas. Nesta cidade virtual, o tempo não passa. O passado deixa de existir e a memória se reduz a um texto inútil.

Segundo ele, é preciso não perder o senso crítico diante das estratégias de poder, que vão construindo uma atitude e uma linguagem planetárias, numa trama fina e sutil que nos aproxima ao mesmo tempo que nos aprisiona. Sua resistência a esta nova realidade consiste em mostrar que vivemos o fim da crítica e de sua possibilidade. Suas reflexões sobre o capitalismo pós-industrial o levam a apoiar-se num discurso que poderíamos adjetivar como apocalíptico e dizer que ele o toma como pensamento de resistência. Sua crítica se dirige sobretudo à incapacidade progressiva que se instaura de distinguir-se o *real* da *representação*. A promessa de eficiência que a nova realidade alardeia não passaria, portanto, de um subproduto do ilusionismo que, desde a mais alta Antigüidade, aproveitou-se dos limites visuais do público, destruindo sua capacidade de distinguir o real do que ele acredita ser real e verdadeiro.

É preciso sempre ter em mente que os textos de Virilio que estamos analisando, diferentemente dos de Castells, datam do começo dos anos 80, quando a incidência das NTIC sobre o cotidiano das cidades estava apenas iniciando. Nisto está o valor de suas considerações e a justificativa de muitos de seus temores quanto aos efeitos nocivos da NTIC sobre a cidades. Não podemos, portanto, hoje, quase duas décadas depois, avaliar suas idéias apenas em função de estes temores seus terem ou não se realizado. A

descrição que faz do que então começava a ocorrer nos parece lúcida quanto aos elementos que torna visíveis. Daí sua importância para a atualidade.

Apresentaremos a seguir as idéias e conceitos que ele trabalha em dois livros: *Guerra Pura - a militarização do cotidiano*, de 1983, e *O Espaço Crítico e as Perspectivas do Tempo Real*, de 1984. Estes textos foram escolhidos por apresentarem mais diretamente, e com maior clareza e aprofundamento do que outros, as concepções de Virilio relativas ao urbanismo e às cidades.

1.1. Guerra e Cidade

No livro *Guerra Pura - a militarização do cotidiano*, originalmente publicado em 1983 e traduzido no Brasil em 1984, temos uma entrevista concedida a Sylvere Lotringer, na qual Virilio se define como, sobretudo, um urbanista para quem a relação com a cidade leva imediatamente a uma relação com a política. Para ele, a política é acima de tudo a *polis*. Entre as duas escolas de planejamento urbano existentes – numa, a origem da cristalização da cidade, do sedentarismo urbano, seria o mercantilismo, e, noutra, a guerra, o comércio vindo depois –, é na segunda que Virilio se inclui. Sua proposição de base é que a cidade é o resultado da guerra ou, pelo menos, da preparação para ela. Quando se constitui o Estado, ele desenvolve a guerra como uma organização, como economia da capitalização da tecnologia, o que faz surgir a cidade fortificada. Na guerra antiga, a defesa consistia em retardar, e não em acelerar: preparação era a muralha, o baluarte, a fortaleza. Já o comércio surge depois da chegada da guerra a um lugar e, em si, não necessita da cidade, no sentido de sedentarismo, pois é apenas uma pausa, uma trégua entre dois fluxos.

Nas sociedades antigas, a Cidade-Estado era uma concentração relativa que unia as vilas e que passa a se repetir em maior escala na Nação-Estado e na criação da capital

que é a cidade das cidades. Tratava-se aí de dispor o espaço geográfico, de organizar a população de um território. Era geopolítica. Hoje, estamos na *cronopolítica*, onde a geografia foi sendo transformada de tal modo que entramos noutra análise do espaço. Esta, vinculada ao espaço-tempo. É uma geografia em que a tecnologia já não divide matéria e espaço, mas divide o tempo. O que teríamos, então, é um esgotamento do tempo do qual decorre que natureza e tecnologia estejam se sobrepondo como nunca antes estiveram. E uma das tarefas mais importantes é pensar instantaneamente tanto a substância quanto o acidente, pois cada tecnologia produz, provoca, programa um acidente específico. A invenção do barco, por exemplo, foi a invenção dos naufrágios.

O tema da velocidade é um dos pontos originais da análise de Virilio. Para ele, até o século XIX, a sociedade estava fundada no freio, pois os meios para favorecer a velocidade eram insuficientes. Não é por acaso que a sociedade antiga era de sucessivos obstáculos ao nível do povo, da moral, da definição territorial, fossem eles os muros da cidade, os impostos, os sistemas fortificados da Nação-Estado. Então, ocorre a Revolução Industrial ou Revolução dos Transportes, que é uma Revolução Dromocrática (do grego *dromos*: 'corrida', 'curso', 'marcha') onde, sobretudo, se inventa um meio de fabricar velocidade com o motor a vapor e, depois, a explosão. O poder se investe na própria aceleração, deixando claro que a hierarquia da velocidade é equivalente à da riqueza. É a dromocracia que ganha lugar na escala de uma sociedade mundial em que as classes militares são, de algum modo, o equivalente do que eram os senhores feudais da sociedade antiga. O centro já não é mais ocupado por um poder político, e sim por uma capacidade de destruição absoluta.

A conseqüência disto é que avançamos para uma universalidade, para o universo-cidade, a Cidade-Universal. Estamos vendo surgir um Estado universal, resultado da Guerra Pura, isto é, da intensidade dos meios de destruição que superam as próprias

ideologias capitalistas e comunistas. Hoje, nosso próprio armamento, nosso próprio poderio científico é que podem promover o fim de nossa própria sociedade. É preciso, pois, compreender o efeito da velocidade no tempo e no espaço-tempo das sociedades. Estamos em pleno processo de desurbanização. Se a cidade já foi um meio de se mapear um espaço político em dada duração política, agora, a velocidade – ubiqüidade, instantaneidade – está deslocando a cidade no tempo, o que faz com que estejamos habitando o "tempo" gasto mudando de lugar, o tempo da viagem. Há uma espécie de destruição causada pela imediação saturante, que está vinculada à velocidade.

Segundo Virilio, o que prepondera atualmente é a *distância-velocidade*, em que o movimento não é mais indexado de acordo com a métrica, mas com a velocidade do som. Uma desregulagem da distância que vem criar distâncias-tempo para substituir a distância-espaço. Antes, havia uma inércia territorial geográfica, agora há uma inércia no tempo. Daí poder-se dizer que nos encaminhamos para uma situação em que cada cidade estará no mesmo lugar... no tempo. Então, cabe perguntar o que restará da cidade quando pudermos ir de um extremo a outro num segundo ou num minuto? A proximidade do mundo será tal que a automobilidade não mais será necessária. A diferença do sedentarismo no espaço geográfico continuará, mas a vida real terá sido conduzida ao que ele vai denominar de *inércia polar*. Isto é o que ocorre com a velocidade dos audiovisuais. E quando a mobilidade física igualar as performances da mobilidade eletrônica, estaremos diante de uma inédita situação de permutabilidade de lugares. A proximidade passa a ser a interface única entre todos os corpos, todos os lugares, todos os pontos do mundo.

A cidade sempre foi uma caixa de velocidades, uma espécie de caixa de câmbio. A organização das cidades são as ruas, que são as correrias, uma 'corrida' (*dromos*) como se diz na Grécia. Enquanto as possibilidades de aceleração não eram conside-

ráveis, como vimos acima, a cidade se definia mais por muralhas do que por auto-estradas, mas sempre se soube que uma cidade não é simplesmente um lugar onde se vive, é acima de tudo uma encruzilhada. E é isto que vemos exacerbado atualmente, quando as pessoas não são mais cidadãos, mas passageiros em trânsito. O prognóstico de Virilio, então, é o de que a sociedade do futuro não será mais a do sedentarismo, e sim a da passagem. A nova capital não é uma cidade localizada num lugar específico, na interseção de estradas, mas sim na interseção das viabilidades do tempo, isto é, da velocidade. Tudo isso indicando que passamos da liberdade de movimento para a tirania do movimento.

Estamos, portanto, lidando com um *espaço tecnológico*, que não é geográfico, mas um espaço de tempo. Hoje, a concentração no espaço de uma cidade ou de um estádio de futebol corresponde a uma concentração no tempo de transmissão. A transmissão substitui a urbanização. É uma *cidade do instante* em que um bilhão de pessoas estão reunidas. Esta é uma imagem de inércia polar, onde se configura uma situação em que as pessoas são como que mortas ou diminuídas, degradadas a ponto de não conhecerem mais suas próprias identidades. É o desaparecimento na fragmentação do tempo requerido para transmitir um acontecimento.

É importante notarmos que, para Virilio, se trata de defender a unidade do espaço-tempo. Se antes, o banco era a capital com suas muralhas, era a caixa-forte, hoje, a caixa-forte é o lugar de concentração das informações, dos dados, constituindo uma hiperconcentração do poder econômico e militar. Como as cidades são um espaço que não permite a endocolonização, é lícito supor que o futuro será o fim das cidades. É a desurbanização. É a derrota da integração urbana, e não a expansão da cidade, a megalópole (como supõe François Ascher, por exemplo, ao reconfigurar a megalópole como *metápole*, ou Manuel Castells ao apostar no surgimento da *cidade informacional*).

A unidade estará exclusivamente nos terminais, no tempo instantâneo dos postos de comando, nos quartéis-generais das multinacionais, nas torres de controle etc. É por isso que o movimento é da geo para a cronopolítica, onde a distribuição do território se vê superada pela distribuição do tempo.

1.2. Videocidade: a Cidade Sem Portas

Em 1984, Virilio reúne no livro *O Espaço Crítico e as perspectivas do tempo real*, lançado aqui em 1993 com um novo capítulo, vários artigos onde apresenta diagnósticos bastante originais sobre a situação das cidades ante o advento das tecnologias avançadas. É preciso termos claro tanto a data de publicação quanto o contexto para avaliarmos suas idéias. Só assim poderemos extrair delas os pontos que restam atuais ainda hoje.

Para ele, na década de 80 estaríamos vivendo um tempo em que a superexposição tornou-se a regra. A Cidade se deixa ver como um todo, com sua imagem repercutindo para além da atmosfera até os confins do espaço. Lá onde a *pólis* inaugurou um teatro político com a ágora e o fórum, só teríamos uma tela catódica em que se agitam as sombras, os espectros de uma comunidade em vias de desaparecimento. Dito isto, podemos entender que a hipótese à qual Virilio se apega e que não abandonará é a de que estaríamos vendo diante de nós a última imagem de um urbanismo sem urbanidade em que o tato e o contato cedem lugar ao impacto televisual. Vivemos numa *cidade sem portas*, em que o espaço urbano perde sua realidade geopolítica em benefício único de sistemas instantâneos de deportação, cuja intensidade tecnológica perturba incessantemente as estruturas sociais e promove uma concentração "pós-urbana" e transnacional.

Nossa época seria a do desenvolvimento das técnicas (audiovisuais) da persistência retiniana, em que passamos da estética do aparecimento progressivo de uma imagem estável (analógica) à *estética do desaparecimento* de uma imagem instável (digital). À emergência de formas e volumes destinados a persistir na duração de seu suporte material (pedra, madeira, terracota, tela, papéis, etc.) sucedem imagens cuja persistência é somente retiniana e cuja duração é a do "tempo de sensibilização" que escapa à nossa consciência imediata. Assim, na interface da tela, tudo se mostra na imediatez de uma transmissão instantânea. Portanto, depois das distâncias de espaço e de tempo, é a *distância-velocidade* – já apresentada no livro anterior de Virilio – que vem abolir a noção de dimensão física.

A partir daí, o espaço construído participa de uma topologia eletrônica na qual o enquadramento do ponto de vista e a trama da imagem digital renovam a noção de setor urbano. À antiga ocultação público/privado e à diferenciação da moradia e da circulação, é a superexposição que vem terminar a separação entre o próximo e o distante, da mesma forma que desaparece, na varredura eletrônica dos microscópios, a separação entre micro e macro. A representação da cidade contemporânea não é mais determinada pelo cerimonial da abertura das portas, o ritual das procissões, dos desfiles, a sucessão das ruas e das avenidas. A arquitetura urbana deve, a partir de agora, relacionar-se com a abertura de um *espaço-tempo tecnológico*. Unidade de lugar sem unidade de tempo, a Cidade desaparece na heterogeneidade do regime de temporalidade das tecnologias avançadas. A forma urbana não é mais expressa por uma demarcação qualquer, uma linha divisória entre aqui e além, e sim pela programação de um "horário" onde a entrada indica apenas um protocolo audiovisual em que o público e os índices de audiência renovam a acolhida e a recepção do público.

Para Virilio, a pergunta crucial neste ponto é: onde começaria esta cidade sem portas? O debate atual sobre arquitetura ou pós-arquitetura participa do fenômeno de desrealização que, na modernidade tardia, atingiu as disciplinas e as formas de expressão e de informação. Isto envolve a expressão arquitetural, que não se desvincula do conjunto de sistemas de comunicação, pois sempre está sofrendo a repercussão direta ou indireta dos diversos meios de comunicação (automóvel, audiovisual, etc.). Essas técnicas promovem um conjunto de mutações espaciais e temporais que incessantemente reorganizam, com o campo do cotidiano, as representações estéticas do território contemporâneo. Isto porque o espaço construído não o é só pelo efeito material e concreto das estruturas construídas, da permanência de elementos e marcas arquiteturais ou urbanísticas, mas igualmente pela proliferação e incessante profusão de efeitos especiais que afetam a consciência do tempo e das distâncias, assim como a percepção do meio.

Hoje, para entender o que seja o *urbanismo*, temos que considerar que ele é composto/decomposto pelos novos sistemas de transferência, trânsito e transmissão, que são as redes de transporte e transmigração cuja configuração imaterial renova a configuração da organização da construção concreta. Então, se concordamos que a arquitetura não é apenas um conjunto de técnicas destinadas a permitir que nos abriguemos das intempéries, podemos aceitar que é um instrumento de medida, um saber que, ao nos colocar no mesmo plano que o ambiente natural, é capaz de organizar o espaço e o tempo das sociedades. E é justamente esta faculdade de definir uma unidade de tempo e espaço para as atividades que está entrando em conflito com as capacidades estruturais dos meios de comunicação de massa. O arquitetônico, que se desenvolveu com o avanço da cidade, da descoberta e colonização das grandes aglomerações, aos poucos se introverteu transformando-se numa espécie de galeria de máquinas, numa sala de expo-

sições das ciências e das técnicas. Técnicas estas derivadas do maquinismo industrial, da revolução dos transportes e, finalmente, da "conquista do espaço". É como se o arquitetônico tivesse se tornado apenas uma técnica subsidiária, ultrapassada por aquelas que permitem o deslocamento acelerado, as projeções siderais.

O próprio desenvolvimento das cidades como conservatório das tecnologias antigas contribuiu para multiplicar a arquitetura, projetando-a em todas as direções do espaço, com a concentração demográfica e o extremo adensamento vertical do meio urbano. Não surpreende, pois, vermos as tecnologias de ponta, nascidas da conquista militar do espaço, projetarem na órbita dos planetas as residências e, no futuro, a própria Cidade. A arquitetura "levanta vôo", o que tem conseqüências diretas quanto ao futuro das sociedades pós-industriais, cujas referências culturais tendem a desaparecer com o declínio das artes e a lenta regressão das tecnologias básicas.

Temos aí a crise de um espaço concebido como substancial, homogêneo, herdado da geometria grega arcaica, em benefício de um espaço acidental, heterogêneo, em que as partes, as frações – e não mais um real visivelmente oferecido a todos –, novamente se tornam essenciais. É a atomização, a desintegração das figuras, dos referenciais visíveis que favorecem as transmigrações e as transfigurações. E isto a custo da topografia urbana, assim como as paisagens e o solo pagaram o preço da mecanização dos empreendimentos agrícolas.

Virilio faz uma importante recapitulação histórica ao apontar que, na década de 80, o prognóstico era de que se podia vislumbrar o desaparecimento das cidades na já então vigente estratégia nuclear anti-cidade ou na reorganização pós-industrial. Isto porque, quatro décadas antes, a imagem da cidade se dissipara a ponto de nada mais ser que uma rememoração da unidade de vizinhança. Unidade que vem sofrendo continuamente os efeitos da mutação dos meios de comunicação de massa enquanto não

desaparece no êxodo pós-industrial e no exílio de um desemprego estrutural causado pela robotização. A abolição das distâncias de tempo operada por esses meios resultou numa confusão cujos efeitos (diretos e indiretos) são sofridos pela imagem da cidade. Perdem-se: as referências simbólicas e históricas, com o declínio da centralidade e da axialidade urbanas; as referências arquitetônicas, com a perda de significado dos equipamentos industriais, dos monumentos; e sobretudo as referências geométricas, com a desvalorização da antiga repartição das dimensões físicas.

Este é o resultado da crise de um espaço substancial (contínuo e homogêneo) herdeiro da geometria arcaica em favor da relatividade de um espaço acidental (des-contínuo e heterogêneo) em que as partes, as frações (pontos e fragmentos diversos), se tornam essenciais, o que vem colocar em questão a imagem do mundo e, por conseqüência, da Cidade. Se, nos primórdios, tratava-se de medir a terra, passando-se à análise cada vez mais precisa da matéria, chegamos hoje à primazia da luz, à medição sempre mais exigente de sua velocidade de propagação, para tentar projetar a forma-imagem de um meio natural em que as extensões de espaço e as distâncias de tempo se fundem/confundem numa representação puramente digital, numa imagem sintética que não é mais da ordem da observação direta e tampouco da visualização óptica inventada por Galileu.

Temos aí, quanto ao que nos interessa ressaltar, uma crise da proximidade urbana, da unidade de vizinhança física dos bairros da Cidade. Ou seja, a primeira unidade maciça da história do povoamento do espaço e da organização dos territórios vem entrar em conflito com a unidade das telecomunicações. Cada vez mais nos afastamos das percepções sensíveis em benefício de percepções tecnológicas no limite da inteligibilidade. As telecomunicações transformam a arquitetura em ponto nodal, em pólo de fixação onde a inércia começa a renovar o antigo sedentarismo dos habitantes

das cidades, para quem a liberdade de ir e vir é subitamente substituída pela liberação de uma recepção a domicílio que afeta a própria estrutura da arquitetura. Com o teletrabalho, o "novo escritório", por exemplo, não é mais o cômodo à parte arquiteturalmente separado. Ele se tornou uma simples tela, passou a ser o terminal de um escritório-visor em que aparecem e desaparecem instantaneamente os dados de uma tele-informação na qual as três dimensões do espaço construído são transferidas a uma interface que não apenas substitui o volume do antigo cômodo, com sua mobília, sua arrumação, seus documentos e plano de trabalho, mas que economiza o deslocamento de seu ocupante.

Para Virilio, essa transformação – segundo a qual o confinamento inercial do novo escritório tornou-se o pólo de gravidade, o centro nodal de nossa cidade (tecnoburocrática) - pode explicar o remanejamento pós-industrial que vimos ocorrer nos anos 80. Esta reorganização do espaço construído (arquitetural e urbano) seria um forte indício de que, no tempo das telecomunicações, aproximar é afastar no espaço. É tornar todos objetos e sujeitos de uma transmutação energética e cinemática na qual a visão não é mais unicamente a da produção industrial, mas sim a da representação à distância, a da redução estrutural e pós-industrial que, como vimos, afeta o conjunto das relações de vizinhança. Deste modo, a residência contemporânea é um fenômeno de substituição acelerada e se tornou um ponto de cruzamento dos meios de comunicação de massa. Virilio, então, pergunta se, depois da autonomização da janela na tela do televisor e da porta no "móvel" do automóvel, não veremos a desintegração completa do imóvel.

Segundo Virilio, estaríamos vendo surgir uma "videocidade", fruto de uma urbanização televisual permanente, cujo início pode bem ser situado com a rede de notícias CNN nos anos 80, onde temos um meio artificial cujas dimensões físicas se

transformaram em informações ótico-eletrônicas instantâneas. A casa se transforma numa "casa de imprensa", com uma arquitetura em que a dimensão-informação se acumula e se comprime, em concorrência direta com as dimensões do espaço das atividades diárias. Tudo é substituído por um enquadramento catódico, uma abertura indireta onde um falso-dia eletrônico funciona como a objetiva das câmeras. Reverte-se aí não somente a ordem das aparências em benefício de uma "transparência" imperceptível, mas também a supremacia de determinados elementos construtivos, concedendo assim à janela catódica o que ela retira tanto em termos de acesso como da luz do dia.

Neste ponto, podemos situar um alvo bem preciso da crítica de Virilio. Para ele, é crucial estarmos cientes da importância desta transmutação das aparências, desta futura supremacia da janela televisual sobre a porta e os meios de acesso tradicionais, pois constatamos a todo momento, através de inúmeros exemplos nos mais variados países, que esta supremacia está contribuindo para o declínio do espaço público e de numerosos equipamentos coletivos. Por exemplo, de teatros, grandes salas de espetáculo, estádios e outros lugares que necessitam da presença efetiva (coletiva e simultânea) de grande quantidade de espectadores. A transmissão ao vivo em cadeia nacional ou mesmo mundial e a recepção a domicílio são importantes causadoras deste declínio. É a importância decisiva do fator velocidade na desqualificação não apenas dos veículos antigos, mas também de toda uma concepção de ambiente, como se o centro da cidade fosse subitamente deslocado do obelisco para o zênite de um satélite em órbita elevada.

Desde a década de 60, pesa um insidioso descrédito sobre a extensividade geopolítica em benefício de uma intensividade transpolítica das trocas e das comunicações que não é sem efeito sobre o que ocorre atualmente como desconstrução, como fratura morfológica da arquitetura. É o retorno da supremacia da luz sobre a matéria, o descrédito da pedra, o declínio dos materiais densos das fachadas e das divisórias, em benefí-

cio do estruturalismo da parede-cortina. A atual crise das dimensões físicas foi prenunciada pelo surgimento de construções privadas de centro ótico nas quais a arquitetônica estrutural do ferro e do vidro já se comportava como mais tarde o fará sua forma-imagem na tela dos computadores ou nas seqüências televisivas, onde a arquitetura da luz é apenas uma memória de trama, um sistema seqüencial. Com isso, a cidade perde progressivamente sua autenticidade como unidade de tempo e lugar de uma coabitação efetiva para uma desurbanização acelerada que afeta não apenas a natureza do povoamento territorial, mas também o antigo sedentarismo.

Para Virilio, as noções habituais de altura, comprimento e largura sofreram uma transmutação que, com a organização da percepção (ocular e auditiva), inside diretamente sobre a ordenação dos territórios, a construção, a ponto de um único elemento arquitetônico vir a substituir todos os outros, uma vez que, como vimos, a janela substitui a porta. Este é um acontecimento que afeta a arquitetura em seu princípio, sua natureza, relegando o protocolo de acesso físico (do mesmo modo que a necessidade de uma presença efetiva) ao segundo plano da existência real. Protocolo este que conferia todo sentido ao espaço de uma residência e de uma cidade ligadas à primazia do sedentarismo sobre o nomadismo das origens. E é justo isso que tende a desaparecer atualmente com as tecnologias avançadas, a teledistribuição a domicílio. Não é, portanto, de surpreender o caráter ambíguo da atual arquitetura que se tornou superficial, pois a mediatização do ambiente não atinge apenas os equipamentos de comunicação, mas também o espaço íntimo, a própria natureza da domicialização. Aí é onde passam a dominar performances e videoperformances cujo único denominador comum é a nulidade arquitetural do prédio, evidenciando assim o grau zero da arquitetura na era da não separabilidade telemática.

A aglomeração urbana, portanto, não tem mais razão de ser e o Estado nacional pode desaparecer em sua própria multiplicação. Já que o que é interativo é intercambiável, o urbano não possui mais uma forma senão a forma-imagem sem dimensão a que nos referimos antes. Assistimos ao fim da unidade de lugar do velho teatro político da Cidade e sua substituição por uma unidade de tempo, uma cronopolítica da intensividade e da interatividade. Tecnicidade esta que sucede à longa duração da cidade. É uma arquitetura de sistemas que substitui definitivamente os sistemas da arquitetura e do urbanismo contemporâneos.

Aqui temos outro ponto original de Virilio, quando diz que vivemos hoje a última das poluições que podemos distinguir, a *poluição dromosférica* que diz respeito a uma retenção geográfica e geométrica em que desaparece todo volume e todo relevo em proveito de uma transmissão instantânea das aparências distantes. Poluição esta das distâncias e dos períodos de tempo que atinge a vivacidade do sujeito, a mobilidade do objeto ao atrofiar o espaço a ponto de torná-lo inútil.

Não seria, então, pergunta ele, o caso de propor um outro tipo de *ecologia* menos ocupada com a natureza do que com os efeitos do meio artificial da cidade sobre a degradação da proximidade física entre os seres e as diferentes comunidades? Proximidade da vizinhança imediata dos bairros, do elevador, do trem ou dos carros, sim, mas, igualmente, a recente proximidade eletromagnética das telecomunicações instantâneas, pois a separação mediática não diz mais respeito exclusivamente à questão da separação em grande escala entre o centro urbano e seu subúrbio ou sua periferia, mas sobretudo à intercomunicação televisual, ao fax, às telecompras etc. Daí a urgência de acrescentar à ecologia da natureza uma ecologia do artifício das técnicas de transporte e de transmissão que, literalmente, *exploram* o campo das dimensões do meio geofísico e degradam

sua amplitude. É a ecologia dos "arquipélagos de cidades" inteligentes e interconectadas que estão reorganizando a Europa e todo o mundo.

2 – O ESPAÇO INFORMACIONAL DE MANUEL CASTELLS

Manuel Castells é sociólogo espanhol e estudou com Alain Touraine, em Paris. Em 1966, torna-se o professor mais jovem da Universidade de Paris. Em 1979, vai para Berkeley. Depois, ensina em Cingapura, no Japão, na Rússia, no Brasil – em Campinas –, na África e na Europa. Atualmente é catedrático de sociologia e planejamento urbano e regional na Universidade da Califórnia, Berkeley. Ele vem se destacando desde o final da década de 70 como arguto pesquisador e estudioso dotado de ampla visão quanto aos efeitos da incidência das tecnologias de ponta sobre as configurações que as cidades vêm tomando no mundo contemporâneo. Sua trilogia, *A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura*[1], originalmente publicada na segunda metade dos anos 90, está baseada em uma pesquisa original realizada ao longo de quase vinte anos. Nela, são analisados os movimentos políticos e sociais contemporâneos à luz da revolução tecnológica, passando pelos mais diferentes temas como as modificações no trabalho e na família, o tráfico de drogas, a religião e a ascensão das minorias.

Castells já tinha uma relativa notoriedade na comunidade acadêmica por seus trabalhos em sociologia urbana, mas, em sua trilogia, vai abordar outros campos que abrangem personagens e lugares da Europa, América, África e Ásia. Ele apresenta elementos importantes tanto da história recente da revolução tecnológica, das modificações no trabalho, das transformações na família, da ecologia, do tráfico de drogas, quanto da milenar origem dos massacres étnicos, do fundamentalismo religioso e do nacionalismo. Desse modo, podemos acompanhar detalhadamente a rede de acontecimentos que redunda no surgimento dos chips, na renovação da popularidade de Deus, no colapso da União Soviética, etc.

Ele sempre se interessou pela questão da tecnologia. Sua tese de Doutorado de 1967, defendida na Universidade de Paris, foi sobre as estratégias de localização industrial das empresas de alta tecnologia. Seu interesse cresce a partir de 1979, quando aceita a cátedra da Universidade da Califórnia. É aí, no Silicon Valley, que ele se depara com o período de formação da revolução nas tecnologias da informação. Percebe que tudo mudava, mas não como conseqüência da tecnologia, e sim devido a um meio tecnológico que convertia a capacidade de investigar e gerar conhecimento em força produtiva direta. Daí é um importante passo seu constatar que são três os fatores autônomos, surgidos no final da década de 60, que responderiam por todas as mudanças que ele via acontecer: a revolução das tecnologias da informação, a crise do capitalismo e do socialismo com a restruturação apenas do primeiro na década de 80 e, por fim, os movimentos libertários que reagiam à autoridade e às injustiças ao mesmo tempo em que propunham a busca de novas experiências.

Quanto às cidades, como veremos a seguir, a maior transformação urbana de nosso tempo é, para ele, a formação de Megacidades, que são aglomerações de grandes dimensões (dez milhões de habitantes em média), que concentram o essencial do dinamismo econômico, tecnológico, social e cultural dos países e que estão conectadas entre si numa escala global. Elas se estendem no espaço e formam verdadeiras nebulosas urbanas, onde se integram campo, cidade, criatividade e problemas sociais ao mesmo tempo. Mas são estes os atuais centros nervosos do sistema mundial.

Analisaremos abaixo dois livros de Castells: *La Ciudad Informacional; Tecnologías de la Información, Reestructuración económica y el Proceso Urbano-Regional*, de 1989, e *A Sociedade em Rede*, de 1996. Como dissemos, os livros de Castells tratam de inúmeros temas importantes e atuais. Escolhemos estes dois por tratarem mais

---

[1] Com os volumes da edição brasileira prefaciados por não menos que o Presidente Fer-

diretamente das questões do urbanismo e da cidade contemporânea, que são os temas que estão nos interessando diretamente aqui.

2.1. A Cidade Informacional

Em seu livro *La Ciudad Informacional: Tecnologías de la información, Reestructuración Económica y el Proceso Urbano-Regional*, publicado em inglês no final de 1989 e traduzido para o espanhol em 1995, Castells apresenta a tese de que há um processo geral de transformação do espaço ocorrendo em todas as sociedades à medida que, de modo crescente, se articulam num sistema global. No centro desta transformação está o *espaço de fluxos* como forma de articulação espacial do poder e da riqueza do mundo de hoje. É neste contexto que ele concebe o advento da *cidade informacional*, uma nova forma social e espacial que não é a cidade das tecnologias da informação profetizada pelos futurólogos, nem tampouco a tecnópole totalitária cara aos nostálgicos de um tempo passado. Ao contrário, é a cidade da nossa sociedade, como a cidade industrial foi a forma urbana do tipo de sociedade que está emcrise. É uma cidade feita tanto do potencial de produtividade quanto da capacidade de destruição, tanto das proezas tecnológicas quanto das misérias sociais de nosso tempo.

A reestruturação do capitalismo constituiu uma força chave na remodelação das cidades e regiões no final dos anos 70 e durante os anos 80 quando se juntaram a produção e o uso das então Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação (NTIC) para forjar as relações entre estas tecnologias e novas formas e processos espaciais. Esta junção modificou profundamente o emergente sistema sócio-econômico, dando lugar à complexa geração de um novo processo urbano-regional como efeito sócio-espacial dos dois macro-processos (reestruturação e desenvolvimento informacional) fundamentais

---

nando Henrique Cardoso e Ruth Cardoso.

em todas as sociedades capitalistas avançadas. Para Castells, é esta interação entre tecnologia, sociedade e espaço que vai gerar um novo processo urbano-regional como base material de nossas vidas nesta era da primazia da informação.

O modelo espacial específico das então emergentes indústrias de tecnologias da informação foi resultado de duas características fundamentais: o caráter distintivo de sua matéria prima (informação) e a singularidade de seu produto (equipamentos orientados para processos com aplicações em todo o espectro da atividade humana). Outros fatores, como a busca de lucro, por exemplo, também determinaram seu comportamento espacial, mas o que se evidenciou foi o significado tecnológico mediante o qual o lucro pode ser obtido. Este significado tecnológico passa a ser o atrativo das novas indústrias que cada vez mais se afastam da linha em que se situavam as velhas indústrias. A tecnologia passa a servir como mediadora na relação entre a racionalidade econômica contida na empresa e os atributos de dado espaço, o que vai determinar os modelos de localização e a estrutura espacial resultante.

A produção de tecnologias da informação passa ser, de fato, uma ponta de lança para a formação de um novo espaço hierárquico de produção que se estende por todo o mundo, divide países e diferencia localizações com as conexões necessárias à lógica econômica e funcional do processo mantidas pelas novas formas de comunicação. Este novo espaço se representa por uma geometria variável que depende unicamente de que as empresas, regiões e países subam ou desçam no escalão tecnológico.

Para Castells, os profetas do determinismo tecnológico – e não podemos deixar de, pelo menos em parte, incluir Paul Virilio entre eles – prognosticaram a dissolução geral de cidades e áreas metropolitanas numa homogênea expansão territorial, com toda a comunicação conduzida por satélites e redes de fibra óptica, mas, na verdade, os processos reais em curso são muito mais complexos. Isto porque as tecnologias são

apenas um instrumento, ainda que muito poderoso, do processo de reestruturação organizacional ditado pelas trocas econômicas sociais e institucionais. De fato, as tecnologias de informação avançada tornaram possível que as concentrações baseadas na informação de alto nível operassem a partir da mesma localização, pois aumentaram por um fator múltiplo o volume de informação que estas concentrações processavam. Desse modo, a grande empresa e sua rede de serviços auxiliares, a assim chamada "cidade global", os centros financeiros e os sistemas de informação baseados nas telecomunicações e nos computadores são todos elementos ligados ao mesmo sistema. Por isso, o desenvolvimento das telecomunicações e do transporte aéreo se dirigiram para o aumento da concentração de serviços de alto nível em algumas poucas cidades e, particularmente no caso dos EUA, em grandes áreas metropolitanas como Nova Iorque e Los Angeles.

Mas, junto com a centralização e a metropolização das indústrias da informação, existe também um processo de descentralização de atividades de serviço dentro de regiões, das áreas urbanas e das localizações dentro das áreas metropolitanas. Esta descentralização está sendo ajudada e mesmo, algumas vezes, estimulada pelas NTIC. É justamente este processo binário de centralização e descentralização simultâneas, ambas associadas às mesmas dinâmicas sócio-econômicas, que explica a complexidade da nova forma social e espacial que é a cidade informacional com sua emergente lógica sócio-espacial caracterizada pela concentração/desconcentração de populações e atividades.

Para ele, a dinâmica espacial das atividades de informação expressa um novo e complexo modelo organizacional e tecnológico, simultaneamente caracterizado pela persistente centralização das atividades de alto nível nos centros financeiros das maiores áreas metropolitanas e pela descentralização dos escritórios de processamento de dados

para áreas menores e principalmente para fora das principais áreas metropolitanas. Neste complexo desenvolvimento territorial não domina a centralização ou a descentralização. O que é crucial aí é a relação entre os dois processos. O que é fundamental em todos esses espaços é seu nível de inter-relação por meio dos fluxos comunicacionais, onde as conexões da rede intraorganizacional constituem as conexões definidoras da nova lógica espacial. Assim, o espaço das organizações na economia informacional é cada vez mais um espaço de fluxos.

Isto não implica que as organizações sejam aespaciais, como poderia pensar Paul Virilio. Ao contrário, a tomada de decisões continua dependendo do meio sobre o qual está baseada a dominação metropolitana. A *lógica organizacional* é que é aespacial. Mesmo que as organizações estejam localizadas em lugares e seus componentes sejam dependentes do espaço, a lógica organizacional depende fundamentalmente do espaço de fluxos que caracteriza as redes de informação. Os fluxos são estruturados, e não indeterminados, constituindo assim a dimensão espacial fundamental dos complexos em grande escala do processamento da informação. Isto influi diretamente na configuração que tomam as cidades hoje, pois os interesses de uma elite local empresarial, ou de uma classe operária residente local, ou mesmo de um mercado local, estarão constantemente subordinados à necessidade de a organização estar conectada simultaneamente aos mercados financeiros, aos grupos profissionais, às alianças estratégicas no mundo da economia e ao potencial para instalar e atualizar a tecnologia necessária, todos dependentes das interações no espaço dos fluxos.

As cidades são feitas de e para as pessoas. Como a maior parte delas é constituída por trabalhadores, a relação entre tecnologia e trabalho é decisiva na forma tomada pela dinâmica urbana. É justamente a nova relação que se estabelece entre estes dois tópicos que está na base da transformação da estrutura social urbana que foi

chamada de "dual". Na nova configuração sócio-espacial desta cidade dual, as novas tecnologias não constituem o fator causal, mas são um fator importante em termos de seu papel instrumental no processo de reestruturação do trabalho. Duas cidades são típicas para o entendimento desta estrutura: *Nova Iorque* e *Los Angeles*.

Estas duas cidades, assim como as cidades centrais nas principais áreas metropolitanas, continham no final da década de 80 a maior parte do crescimento dos empregos altamente remunerados, ao passo que eram majoritariamente habitadas por minorias étnicas incapazes de conseguir estes empregos. Portanto, a cidade dual se manifestava na coexistência espacial de um grande setor profissional e executivo de classe média com uma crescente subclasse urbana. Ela exemplifica bem o emergente e contraditório desenvolvimento da nova economia informacional e a conflituosa apropriação da cidade central por grupos sociais que compartilham do mesmo espaço, ao passo que são mundos à parte em termos de estilos de vida e posição estrutural na sociedade.

A ascensão da cidade dual projetou uma nova forma urbana intimamente relacionada com o processo geral de reestruturação econômica que vimos ocorrer no caso de Nova Iorque, uma cidade que ressurgiu de uma dramática crise fiscal nos anos 1975-81. Vinte anos depois, podemos compreender que o que estava em jogo naquele momento era sobretudo a crise do estado de bem-estar social (*welfare state*) urbano, cujo desmantelamento se mostrava necessário ante os altos custos para sua manutenção. A cidade estava à frente de excessivos gastos com a prestação de serviços públicos e condições de trabalho favoráveis aos servidores municipais, principalmente por causa da politização e do nível de organização dos cidadãos novaiorquinos. Ao mesmo tempo, os encargos para proporcionar serviços municipais para um complexo comercial tão grande como o situado em Manhattan exercia enorme pressão sobre a cidade, que havia tido um êxodo

maciço de quase toda sua classe média para o subúrbio, junto a uma igualmente maciça entrada de populações minoritárias que buscavam trabalhos e benefícios do bem-estar.

Los Angeles, por sua vez, já no final da década de 80 se transformara num centro líder financeiro e empresarial de nível internacional, estando em segundo lugar em relação a Nova Iorque e se constituindo no grande centro empresarial de comércio e investimento no âmbito do Pacífico. Aproveitando-se do desenvolvimento dos serviços avançados, em contraste com Nova Iorque, o setor industrial de Los Angeles se expandiu sensivelmente durante as décadas de 70 e 80 e se transformou, em 1984, no maior centro manufatureiro dos EUA em termos absolutos de trabalhos industriais na área da Grande Los Angeles. Este é um claro contraste com sua imagem de cidade pós-industrial, pois seu novo crescimento estava baseado tanto na indústria aeroespacial e de componentes eletrônicos dirigidos à defesa, o que constituiu um setor de alta tecnologia situado ao redor de seu aeroporto internacional e do condado de Orange; quanto em bens de consumo, particularmente os têxteis e de confecção. Apesar de a proporção de operários e profissionais registrados ter diminuído substancialmente, Los Angeles continha a maior concentração de engenheiros e cientistas dos EUA. Isto devido ao fato de, em termos absolutos, ser o lugar onde primordialmente estavam os contratos com as indústrias militares.

O efeito desse novo crescimento foi uma segregação residencial na cidade. A concentração das casas dos engenheiros sobretudo ao redor do aeroporto internacional e no condado de Orange é sintomático de sua extrema fragmentação administrativa que representa uma proporção muito menor que Nova Iorque quanto a sua área metropolitana. A fragmentação dessa grande conurbação muito descentralizada, atingindo doze milhões de pessoas na década de 80, acarretou uma estrita segregação de serviços públicos como, por exemplo, escolas públicas, cuja qualidade, dependente da renda *per*

capita local, é um fator primário na determinação do local de residência para os preocupados pais da classe média. O curioso é que Los Angeles é uma sociedade multiétnica e o fator *classe* substituiu a etnicidade como critério para a segregação residencial, mesmo que nos grandes guetos a presença de negros e chicanos seja substancialmente homogênea.

A *cidade dual* sempre foi um tema clássico da sociologia urbana. O contraste entre opulência e pobreza num espaço compartilhado sempre interessou os estudiosos. Entretanto, o que já se via no final da década de 80 era uma nova forma de dualismo urbano, conectada especificamente ao processo de reestruturação e expansão da economia informal. O que estava em questão era sobretudo o desmantelamento das relações capital-trabalho institucionalizadas durante o longo processo mediante o qual se formou a sociedade industrial. E mais, a transição de processos de produção industrial para o informacional coincidiu com a ascensão da produção flexível, que, sob as condições históricas daquele momento, parecia tender a igualar-se às relações capital-trabalho desinstitucionalizadas. Ocorriam, portanto, processos simultâneos de crescimento e declínio de indústrias e empresas, que se davam com maior intensidade nos pontos nodais da geografia econômica, especialmente em grandes áreas metropolitanas como Los Angeles, onde estava concentrada a maior parte das atividades intensivas de conhecimento.

O universo social dos mundos diversos constituintes da cidade dual se caracterizava por uma exposição diferencial a fluxos de informação e modelos de comunicação. O espaço do nível superior geralmente conectado à comunicação global e a amplas redes de troca, abertas a mensagens e experiências que incluem o mundo inteiro, e, no outro extremo, redes locais segmentadas, freqüentemente com base étnica, se apegando a suas identidades como o recurso mais valioso para defender seus interesses

e, em último termo, sua existência. Ou seja, em termos sociológicos tradicionais, a cidade dual opunha o caráter cosmopolita dos novos produtores informacionais ao socialismo dos setores segmentados da força de trabalho reestruturada.

Por outro lado, a transformação do Estado em sociedades capitalistas avançadas teve efeitos fundamentais na conformação de processos urbanos e regionais. Como vimos, a crise do estado de bem-estar urbano – acrescida da ascensão do novo estado militarizado sempre buscando atualizar-se em matéria de tecnologia informacional – alterou profundamente a estrutura de cidades e regiões em diferentes países e, em especial, nos EUA. O processo de dualização que caracterizou tanto o mercado de trabalho como o espaço residencial das grandes áreas metropolitanas fez com que a cidade dual fosse uma parte essencial da cidade informacional que então surgia. Ela passou a estar institucionalizada pelo Estado, que abandonou os espaços de miséria a seu próprio declínio, ao passo que concentrou recursos nas políticas dirigidas aos espaços preservados da administração funcional e do consumo melhorado. O urbanismo e o Estado continuavam estreitamente conectados no processo sócio-espacial, ainda que em uma direção historicamente oposta àquela de onde surgiu, com o estado de bem-estar, nos anos 60.

A transformação do Estado ocorrida na era informacional afetou profundamente a organização espacial ao exacerbar desenvolvimentos regionais desiguais, ao reforçar o dualismo social intrametropolitano e fomentar uma nova forma de suburbanização. O resultado disso foi um maior distanciamento social entre os exclusivos espaços suburbanos e as sociedades locais que os circundam. As cidades se tornaram mais segregadas internamente não apenas social, mas cultural e funcionalmente. Os espaços de exclusão, ou seja, as comunidades enclausuradas sobre si mesmas, passam a coexistir com a

extensão espacial das localizações sem sentido – porque fora do âmbito da lógica da segurança militar – estruturadas ao redor de sua atividade funcional.

O capital sempre se movimentou ao redor do mundo, mas só no período mais recente de nossa história as quantias de capital individual puderam operar diariamente em escala global. Esta é uma virada fundamental em nossa organização sócio-econômica e foi a maior contribuição para a formação e consolidação do que se chamou de "cidades globais". Os principais centros financeiros do mundo, guiados pelo princípio diretor da desregulamentação, passaram por um período de ajuste institucional nos anos 80 e de implementação de uma infra-estrutura sofisticada de telecomunicações e transporte aéreo, pré-condição para qualquer cidade tornar-se lugar de produção das novas instituições financeiras. Assim, os centros principais que constituíram cidades verdadeiramente globais são três: Londres, Nova Iorque e Tóquio.

O mesmo modelo de concentração numa pequena área dentro da cidade, que é o caso de Manhattan em Nova Iorque, se repete em Londres e Tóquio. Isto parece ser indicativo de que, na era das telecomunicações globais, novas formas de centralização são requeridas pelas novas formas de descentralização. O paradoxo da crescente concentração de fluxos globais de informação, com o controle dos fluxos globais de capital, em alguns poucos e congestionados quarteirões de uma cidade se deve, entre outras razões, a que os símbolos estão ligados à sua localização no espaço, fazendo da presença fisica das sedes das grandes empresas e das residências de classe alta uma necessidade para tornar digno de confiança o fato de se fazer parte do mundo empresarial ou da população de classe alta. É o ambiente funcional que se cristaliza num meio social, pois quando o espaço se afirma como centro empresarial líder, como é o caso da maior parte de Manhattan, um processo de contínua reavaliação é disparado e propicia a vinda de capital de todo o mundo investir em seu mercado imobiliário. Os preços

sobem, as funções e os residentes se tornam seletivos e a área se transforma numa localização altamente privilegiada.

A cidade global simboliza a lógica contraditória do espaço de fluxos. Ainda que abarque a totalidade do planeta vinte e quatro horas por dia, tem sua base na proximidade espacial de seus diferentes centros de controle e na interação pessoal de seus dirigentes anônimos. Desse modo, mesmo determinando o destino de países e pessoas mediante algumas mudanças nos tipos de interesse, a cidade global vive atemorizada pela sociedade descontrolada que gera em seu próprio território. Com isso, ela colapsa os fluxos de informação em matéria social.

Não é de se espantar, portanto, que uma das características mais paradoxais da nova lógica espacial resultante da internacionalização da economia seja a combinação de um crescimento regional homogêneo com uma crescente desigualdade intrametropolitana. A polarização da dinâmica social tem mais sentido entre, por exemplo, o centro de Manhattan e o Bronx ou entre Westwood e o leste de Los Angeles do que entre norte e sul ou leste e oeste dos Estados Unidos como se costumava pensar antigamente.

Segundo Castells, uma importante tendência social se destaca então: o surgimento histórico do espaço de fluxos superando o significado do espaço de lugares. Seu efeito nocivo é a produção de uma geometria negativa que nega o sentido produtivo específico de qualquer lugar fora de sua posição numa rede cuja forma muda constantemente em resposta a mensagens de sinais invisíveis e códigos desconhecidos. Isto é resultado da separação entre fluxos funcionais e lugares historicamente determinados como duas esferas diversas da experiência humana. As pessoas vivem em lugares e o poder domina mediante fluxos. Entre fluxos ahistóricos e identidades irredutíveis de

comunidades locais, as cidades e as regiões desaparecem como lugares com significação social.

Por outro lado, o processo de internacionalização total da economia pode conduzir ao ressurgimento do poder local como uma alternativa às nações-estados burocratizadas institucionalmente e carentes de poder funcional. A emergência do espaço de fluxos questiona o significado de nossas cidades e do bem-estar em nossas sociedades, mas, quem sabe, não será possível surgir daí uma nova estrutura sócio-espacial, composta de comunidades locais que controlem e dêem forma a uma rede de espaços produtivos. Assim – este é o voto de Castells –, nosso tempo histórico e nosso espaço social poderão convergir para a integração de conhecimento e significado numa nova cidade não mais dual ou global, mas informacional.

2.2. Espaço de Fluxos x Espaço de Lugares

No primeiro volume, intitulado *A Sociedade em Rede*, de sua trilogia *A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura*, que teve grande repercussão mundial quando publicada na segunda metade dos anos 90, Castells desenvolve a explicação do paradigma econômico-tecnológico da informação que está na base do que, como acabamos de ver, buscara configurar como a cidade informacional. Este paradigma se organiza na década de 70 nos EUA e, de lá para cá, passa a permear todas as esferas da atividade humana e, segundo ele, pode nos servir de guia para o entendimento das redefinições que os tempos atuais vêm exigindo de modo cada vez mais amplo. Redefinições das idéias de família, sexualidade, personalidade e consciência ambiental; das relações entre mulheres, homens, crianças; e, consequentemente, da relação de todos para com a cidade, que é onde podemos bem acompanhar os efeitos de um desenvolvimento global desigual na divisão que se estabelece entre segmentos e

territórios "dinâmicos" das sociedades e aqueles que correm o risco de se tornar "não-pertinentes" sob a perspectiva da lógica do sistema. "Não pertinência" esta que é uma condição mais ameaçadora do que a de ser "dependente", que era a preocupação maior dos países periféricos até a década de 70.

Como a revolução tecnológica se origina num período histórico da reestruturação global do capitalismo (décadas de 70-80), é natural que a nova sociedade emergente desse processo seja capitalista e também informacional, o que configura de modo específico as novas relações que se estabelecem entre produção, experiência e poder em jogo nesta nova sociedade. No modo informacional de desenvolvimento, a fonte de produtividade está na tecnologia de geração de conhecimentos, de processamento da informação e de comunicação de símbolos, mas o que o especifica como novo modo de desenvolvimento é a ação de conhecimentos sobre os próprios conhecimentos. É a aplicação da tecnologia para melhorar a geração de conhecimentos e o processamento da informação num círculo virtuoso, e de realimentação cumulativa, entre a inovação e seu uso, que nunca antes se viu funcionar com tal integração e rapidez.

A inovação tecnológica e a transformação organizacional com enfoque na flexibilidade e adaptatibilidade foi a dupla dinâmica que garantiu a velocidade e a eficiência do capitalismo informacional que se instala desde a década de 80 em todo o planeta. As NTIC integraram o mundo em redes globais de instrumentalidade que, no caso da comunicação mediada por computadores (CMC), gera muitas "comunidades virtuais", embora a tendência social e política continue a ser a da construção da ação social e das políticas em torno de identidades primárias enraizadas na história e geografia e na busca por significado e espiritualidade. Toda tentativa de entendimento deve, portanto, considerar a perspectiva múltipla de nosso momento atual na tensão ineliminável entre

identidade cultural, sistemas de redes globais e a necessidade de políticas multidimensionais.

A inclusão da maioria das expressões culturais no sistema de comunicação integrado baseado na produção, distribuição e intercâmbio de sinais eletrônicos digitalizados transforma radicalmente o espaço e o tempo, as principais dimensões materiais da vida humana. Localidades são ejetadas de seu tradicional sentido cultural, histórico e geográfico para se reintegrarem em redes funcionais, produzindo uma nova lógica espacial, um espaço de fluxos que, como vimos no livro anterior de Castells, substitui o espaço de lugares, este sendo a organização espacial historicamente enraizada de nossa experiência comum. O tempo, por sua vez, se apaga já que passado, presente e futuro podem ser programados para interagir entre si na mesma mensagem multimediada. Neste ponto, Castells concorda com Virilio quando afirma que nessa cultura da virtualidade real o faz-de-conta vai se tornando realidade.

O espaço de fluxos está se tornando a manifestação espacial predominante de poder e função nas sociedades, o que vem transformando a base material de nossa experiência. É o fenômeno da cidade global que conecta serviços avançados, centros produtores e mercados em uma rede global com intensidade diferenciada e em diferente escala em cada lugar, dependendo da relativa importância das atividades localizadas em cada área diante da rede global. Como a globalização estimula a regionalização, Castells estima que a importância da cidade como centro de gravidade para as transações econômicas não desaparecerá, mas como a hierarquia na rede não é de forma alguma garantida ou estável, a importância relativa de cada cidade se torna cada vez mais sujeita à concorrência acirrada entre todas as cidades conectadas à rede.

Conseqüentemente, os resultados dos investimentos em planejamentos e redesenvolvimentos urbanos em grande escala se tornaram reféns de fatores internacionais

sobre os quais o controle é limitado. Então, se os sistemas de serviços avançados ainda permanecerão dependentes da aglomeração em alguns grandes nós ou centros metropolitanos, a flexibilidade e a adaptabilidade é que são as novas características desses nós. Isto faz com que sua principal característica não seja a de incorporar trabalhadores e fornecedores, mas sim a de ser capaz de acessá-los quando for conveniente e quantas vezes forem necessárias em cada situação específica. Esta é a formatação exigida para os grandes centros metropolitanos para que continuem a oferecer as maiores oportunidades de aperfeiçoamento pessoal, *status* social e auto-satisfação aos imprescindíveis profissionais liberais de nível superior, que vivem preocupados com uma adesão simbólica ao grande consumo, inclusive de arte e entretenimento.

Esta nova formatação das cidades implica numa descentralização do escritório, o que afeta em muito o processamento em massa das transações que executam as estratégias decididas e projetadas nos centros empresariais das altas finanças e de serviços avançados. Como estas atividades se realizam nas periferias e são elas que empregam a maior parte de trabalhadores semi-qualificados, muitos deles substituíveis ou recicláveis, elas passam a ficar à mercê da versatilidade das redes de cada centro. Ou seja, a cidade global – que ainda permanece a grande referência para a distribuição da riqueza e do poder no mundo – não é mais um lugar, mas um processo, o que tem conseqüências as mais diversas sobre a vida das pessoas que nela habitam.

Definir a cidade como processo coloca um certo paradoxo, pois, na verdade, é um processo em que, ainda que os centros produtivos e de consumo de serviços avançados e suas sociedades auxiliares locais estejam conectados em uma rede global, ao mesmo tempo estes centros diminuem a importância das conexões com suas hinterlândias, com base em fluxos de informação. Ou seja, o que passa a importar é a versatilidade de suas redes.

Neste contexto, ganham maior importância os complexos produtivos de inovações tecnológicas que se caracterizam por um conjunto específico de relações de produção e gerenciamento com base em uma organização social que, de modo geral, compartilha uma cultura de trabalho e metas instrumentais, visando gerar novos conhecimentos, novos processos e novos produtos. São as "tecnópoles", nas quais a proximidade espacial continua sendo necessária, mas cujas hierarquias e conjunções de reunião espacial são diferentes das épocas anteriores. O mais importante é sua capacidade de gerar sinergia, isto é, o valor agregado resultante de sua *interação*, e não do efeito cumulativo dos elementos presentes. Os novos elementos de coalizão vão se concentrar nesses *meios de inovação*, que são as fontes fundamentais de inovação e de geração do valor agregado no processo de produção industrial da era da informação.

Decorre daí uma crescente dissociação entre a proximidade espacial e o desempenho das funções rotineiras, mas nem por isso significa o "fim das cidades" como as conhecemos até agora, por estarem destituídas de sua necessidade funcional. Novas possibilidades, como o teletrabalho, por exemplo, ao contrário do que previa Virilio, têm apenas demonstrado não o fim dos escritórios, mas a diversificação dos locais de trabalho para uma grande fração da população, especificamente o segmento mais dinâmico dos profissionais liberais. Portanto, tendencialmente, as casas não devem se tornar locais de trabalho, mas a atividade de trabalho pode espalhar-se consideravelmente pela área metropolitana, intensificando a descentralização.

Assim, a interação entre as NTIC e os processos atuais de transformação social tem grande impacto nas cidades e no espaço. Por um lado, o layout da forma urbana passa por grande transformação que não segue um padrão único, universal, mas depende das características dos contextos históricos, territoriais e institucionais. Por outro, a ênfase na interatividade entre os lugares rompe os padrões espaciais de comportamento

numa rede fluida de intercâmbios que forma a base para o surgimento do espaço de fluxos.

A nova forma que se introduz é aquela que já vimos antes, a da cidade informacional, que não será simples cópia do Vale do Silício, mas caracterizada por um desenvolvimento transcultural. Ela é não uma forma, mas, como já foi dito, um processo derivado do predomínio estrutural do espaço de fluxos. Não se trata da imagem estereotipada de um interminável conjunto de auto-estradas e de redes de fibras ópticas, e sim, no caso norte-americano, do resultado da relação entre o desenvolvimento rápido das áreas metropolitanas, a decadência dos centros das cidades e a obsolescência do ambiente construído nos subúrbios. No caso das cidades européias, a reestruturação espacial está ligada à sua herança histórica, mas as questões novas com que se depararam não são muito diferentes daquelas surgidas no contexto norte-americano.

Os centros de negócios europeus são, como nos EUA, o motor econômico da cidade em rede com economia global. Também são um nó da rede intermetropolitana, o que faz com que não existam por si mesmos, e sim por sua conexão com outros locais equivalentes organizados em uma rede que forma a unidade real de gerenciamento, inovação e trabalho. A nova elite político-empresarial-tecnocrática também cria espaços segregados e distantes do conjunto da cidade, mas, na maioria das cidades européias (Paris, Roma, Amsterdã, Madri), as verdadeiras áreas exclusivamente residenciais tendem a apropriar, e não sucatear, a cultura e a história urbanas, estabelecendo-se em áreas reabilitadas ou bem preservadas da metrópole. Assim, quando a dominação é estabelecida e imposta de forma clara (diferente da dos novos ricos norte-americanos), a elite não precisa exilar-se no subúrbio para escapar do "populacho", como diz Castells.

Mas o fator decisivo dos novos processos urbanos, na Europa e em outros lugares, é o fato de o espaço urbano ser cada vez mais diferenciado em termos sociais,

apesar de estar interrelacionado funcionalmente além da proximidade física. Há uma separação entre significado simbólico, localização de funções e a apropriação social do espaço na área metropolitana. Castells afirma que isto é que vai delinear a urbanização do terceiro milênio: o desenvolvimento das megacidades. Elas são a nova forma espacial que se desenvolve nos vários contextos geográficos e sociais da nova economia global e da sociedade informacional emergente. O que as define não é apenas seu tamanho – são aglomerações com mais de 10 milhões de pessoas (13 na classificação da ONU em 1992: Tóquio (25,8 milhões), São Paulo (19,2 milhões), Nova Iorque (16,2 milhões), Cidade do México (15,3 milhões), Xangai (14,1 milhões), Bombaim (13,3 milhões), Los Angeles (11,9 milhões), Buenos Aires (11,8 milhões), Seul (11,6 milhões), Pequim (11,4 milhões), Rio de Janeiro (11,3 milhões), Calcutá (11,1 milhões) e Isaka (10,5 milhões) –, e sim o fato de serem os nós da economia global e concentrarem as funções superiores direcionais, produtivas e administrativas de todo o planeta; o controle da mídia; a verdadeira política do poder; e a capacidade simbólica de criar e difundir mensagens.

Há outras megacidades além das treze classificadas pela ONU e nem todas são centros influentes da economia global, mas também conectam enormes segmentos da população humana a esse sistema global. Também funcionam como ímãs para suas hinterlândias, isto é, o país inteiro ou a área regional onde se localizam, e devem ser vistas como uma função de seu poder gravitacional em direção às principais regiões do mundo. Elas articulam a economia global, ligam as redes informacionais e concentram o poder mundial. A característica distinta de estarem física e socialmente conectadas com o globo e desconectadas do local é que as torna uma nova forma urbana. Estão externamente conectadas a redes globais e a segmentos de seus países, embora internamente atuem com se estivessem realmente desconectadas das populações locais responsáveis

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO
BIBLIOTECA

por funções desnecessárias ou pela ruptura social. As megacidades são constelações descontínuas de fragmentos espaciais, peças funcionais e segmentos sociais.

Resumindo, as megacidades são centros de dinamismo econômico, tecnológico e social em seus países e em escala global. O destino econômico, seja dos EUA ou da China, depende do desempenho delas, apesar de a ideologia da pequena cidade ainda continuar difundida em ambas as nações. Elas são centros de inovação cultural e política. E são os pontos conectores às redes globais de todos os tipos. A Internet, por exemplo, depende do sistema de telecomunicações e dos telecomunicadores desses centros. As megacidades são os pontos nodais e os centros de poder da nova forma/processo espacial da era da informação: o espaço de fluxos.

Uma camada importante do espaço de fluxos é a que diz respeito à organização espacial das elites gerenciais dominantes (e não das classes) que exercem as funções direcionais em torno das quais esse espaço é articulado e que tem exigências específicas quanto ao suporte material/espacial de seus interesses e práticas. Como as elites são cosmopolitas, mas as pessoas são locais, o espaço de poder e riqueza é projetado pelo mundo, enquanto a vida e a experiência das pessoas ficam enraizadas em lugares, em sua cultura, em sua história. Isto acaba propiciando a criação de símbolos de uma cultura internacional cuja identidade não está ligada a nenhuma sociedade específica, mas aos membros dos círculos empresariais da economia informacional em âmbito cultural global.

Foi a tendência à uniformidade arquitetônica dos novos centros direcionais de várias sociedades que embargou a tentativa da arquitetura pós-moderna de quebrar os modelos e padrões de disciplina arquitetônica, resultando numa monumentalidade imposta que se generalizou como regra das novas sedes corporativas de Nova Iorque a Kaoshiung, durante os anos 80. O espaço de fluxos inclui a conexão simbólica da

arquitetura homogênea nos lugares que constituem os nós de cada rede pelo mundo. O encerramento da arquitetura numa abstração histórica é a fronteira formal do espaço de fluxos. A cultura do surfe eletrônico age como se fosse possível reinventar todas as formas em qualquer lugar, apenas sob a condição de mergulhar na indefinição cultural dos fluxos do poder.

A arquitetura dita pós-moderna declara o fim de todos os sistemas de significados. Neste sentido, o pós-modernismo pode ser considerado a arquitetura do espaço de fluxos. É uma verdadeira "arquitetura da nudez", cujas formas são tão neutras, tão puras, tão diáfanas, que não pretendem dizer nada, o que as condena a comparar a experiência com a solidão do espaço de fluxos. Castells também considera que arquitetura e design – porque suas formas ou resistem à materialidade abstrata do espaço dominante de fluxos, ou a interpretam – poderiam tornar-se dispositivos essenciais de inovação cultural e autonomia intelectual na sociedade informacional. Ou a nova arquitetura constrói os palácios dos novos senhores, assim expondo sua deformidade oculta atrás da abstração do espaço de fluxos, ou cria raízes nos lugares, portanto na cultura e nas pessoas. Em ambos os casos, arquitetura e design podem estar criando condições para a conciliação da cultura e da tecnologia.

As relações entre o espaço de fluxos e o espaço de lugares, entre globalização e localização simultâneas, não implicam nenhum resultado determinado, pois o espaço de fluxos não toma toda a esfera da experiência humana na sociedade em rede. A maioria das pessoas ainda vive em lugares e, portanto, percebe seu espaço com base no lugar definido como um local cuja forma, função e significado são independentes dentro das fronteiras da contigüidade física.

Se as pessoas ainda vivem em lugares e a função e o poder estão organizados no espaço de fluxos, decorre daí que a dominação estrutural de sua lógica altera de forma

fundamental o significado e a dinâmica dos lugares. Assim, a experiência, por estar relacionada a lugares, fica abstraída do poder, e o significado é cada vez mais separado do conhecimento. Essa verdadeira esquizofrenia estrutural pode estar indicando que, a menos que se construam pontes culturais e físicas entre essas duas formas de espaço, teremos uma vida em universos paralelos cujos tempos não se encontram porque são trabalhados em diferentes dimensões de um hiperespaço social.

De novo concordando em muitos pontos com Virilio, Castells afirma que espaço de fluxos dissolve o tempo desordenando a seqüência dos eventos e tornando-os simultâneos, dessa forma instalando a sociedade numa contraditória efemeridade eterna. Esse espaço de lugares múltiplos, espalhados, fragmentados e desconectados exibe temporalidades diversas, desde o domínio mais primitivo dos ritmos naturais até à estrita tirania do tempo cronológico. E as cidades e toda sua estrutura de funcionamento não podem se furtar a essa tendência predominante em nossa sociedade: o espaço, na verdade, estrutura a temporalidade em lógicas diferentes e até contraditórias de acordo com a dinâmica espacial.

Entretanto, a maioria da sociedade, nesse sistema global interdependente, permanece à margem da nova temporalidade que visa à contínua suplantação do tempo como uma seqüência ordenada de eventos. Ao passo que funções e indivíduos selecionados transcendem o tempo, outros, em grande número, passam a ter suas atividades depreciadas, tornam-se pessoas subordinadas e ficam suportando a vida enquanto o tempo passa. Nesta diferenciação conflituosa de tempo, entendida como o impacto de interesses sociais opostos sobre a seqüência dos fenômenos (temporalidades subjugadas x natureza evolucionária), é que surge a sociedade em rede num ponto limiar do eterno.

Para terminar, diríamos nós que Castells não é pessimista como Virilio, mas não está alheio ao fato de que as cidades, como vimos, continuam sendo os locais de cons-

trução social das novas formas dominantes de espaço e tempo, onde se desenvolve uma metarrede que ignora funções não essenciais, os grupos sociais subordinados e os territórios desvalorizados, gerando assim uma distância social infinita entre essa metarrede e a maioria das pessoas, atividades e locais do mundo. Estas pessoas, atividades e locais não desaparecem, mas seu sentido estrutural deixa de existir, passando a ser apenas mais uma parte da lógica invisível da metarrede em que se produz valor, criam-se códigos culturais e decide-se o poder.

3 – A METÁPOLE DE FRANÇOIS ASCHER

François Ascher é professor no Instituto Francês de Urbanismo (Universidade de Paris VIII) e consultor científico do Ministério do Alojamento da França. Escreve regularmente na imprensa e participa de grupos como o "Action Concertée Incitative Ville", que visa a renovar a abordagem científica das grandes questões para melhor compreender o que está em jogo nos espaços urbanos contemporâneos, nas transformações em curso, e para antecipar as evoluções.

Segundo ele, é comum responsabilizar as grandes cidades pelas mutações sociais e econômicas que vêm ocorrendo em ritmo acelerado atualmente: desertificação do meio rural, desmantelamento dos laços sociais, distribuição e consumo de drogas, agressão à natureza, etc. Ao contrário do que ocorreu até agora com as grandes metrópoles, onde seus habitantes já haviam aprendido a razoavelmente conviver aceitando ser estrangeiros entre estrangeiros, alguns futuristas, filósofos, sociólogos e politólogos querem nos convencer de que, a partir da década de 80, o desenvolvimento das telecomunicações e dos transportes viria no sentido de dissolver as cidades num imenso *continuum* semeado de unidades de habitação autônomas e telecomunicantes. Isto como resultado da fragmentação dos interesses coletivos e da deslegitimação das instituições urbanas que tenderiam a realizar uma não-cidade em proliferação desenfreada e sem coesão social.

Ascher não faz parte destes grupos. Para ele, nossa sociedade está vivendo uma nova revolução urbana tão importante quanto as decorrentes da Revolução Industrial, do desenvolvimento do capitalismo industrial, da emigração rural, da máquina a vapor e da eletricidade. Salienta que os espaços das novas dinâmicas urbanas contemporâneas ultrapassam as idéias de conurbação, região urbana, megalópole, cidade global etc.

Denomina estes espaços de *metápole*, que não só vai além e engloba as zonas metropolitanas em sentido estrito, como sobretudo dá conta dos novos espaços surgidos com a metropolização. São as vastas regiões urbanas que aglomeram cidades de todos os tamanhos, nas quais se interpenetram as zonas urbanas e as zonas rurais.

Quanto às novas tecnologias, ele não as considera *condicionadoras* da evolução das localizações das atividades econômicas. Na verdade, elas sempre seriam condicionadas pelas dinâmicas metropolitanas, que, estas sim, têm prevalência na *interação* que há entre técnica e cidade. Portanto, podemos dizer que ele não critica, como faz Virilio, os efeitos do advento da tecnologia informacional, mas tampouco toma este advento como direcionador ou mesmo exercendo um impacto significativo sobre as transformações urbanas, como muitas vezes faz Castells.

Escolhemos apresentar suas idéias por último, pois, em seu livro de 1995, *Metapolis - Acerca do Futuro da Cidade*, traduzido em Portugal em 1998, temos uma perspectiva e uma contextualização ao mesmo tempo englobadora e crítica de muitas das concepções tanto de Virilio quanto de Castells.

3.1. A Metropolização

François Ascher tem como ponto de partida as seguintes indagações: A dinâmica atual da concentração dos homens, das atividades e das riquezas nas grandes cidades é generalizável? Que formas concretas ela toma? As telecomunicações e os transportes estancam ou contribuem para o crescimento das grandes aglomerações? As cidades se descentralizam ou, ao contrário, se reorganizam para melhor se aproveitarem das vantagens metropolitanas? Aqueles que puderem irão fugir ou procurarão cada vez mais a riqueza, a complexidade e o movimento da vida metropolitana?

Sua hipótese central é de que está surgindo uma *metápole*, uma nova forma urbana que parece ultrapassar e englobar sob diversos aspectos as metrópoles que supunhamos conhecer até agora. Esta emergência, para ser entendida em toda sua extensão, necessita de uma mudança progressiva das formas de pensar as cidades, de conhecer o urbanismo e de gerir os conjuntos urbanos. Se a noção de metrópole moderna, como vimos em Castells ao tratar da megalópole, é utilizada para qualificar as principais aglomerações urbanas de um país que contenham algumas centenas de milhares de habitantes e que mantenham relações econômicas com muitas aglomerações estrangeiras, a "metropolização" que vemos ocorrer atualmente é um fenômeno que diz respeito não só ao crescimento e à multiplicação das grandes aglomerações, mas também à progressiva concentração das populações, das atividades e das riquezas em seu interior.

As metrópoles concentram de maneira crescente as atividades estratégicas identificadas por funções (informação, pesquisa industrial, comércio), por setores de atividade (imprensa e atividades editoriais, estudos, assessoria e consultoria, administração pública, pesquisa e ensino superior) e profissões. Assim, a composição social das metrópoles exprime, ainda que de outra forma, o mesmo processo de concentração das riquezas e do poder econômico. Apesar de serem muito diversas, a evolução da forma das metrópoles é objeto das mesmas interrogações em praticamente todos os países. Tendem elas para configurações cada vez mais expandidas, ou até difusas, ou, ao contrário, para conjuntos cada vez mais compactos? Os centros das cidades e os centros antigos das cidades se degradam, ou, ao contrário, estão em processo de requalificação? Os novos centros emergentes na periferia provocam ou não a fragmentação das cidades?

Para Ascher, analisar as formas de crescimento metropolitano implica em fazer a distinção entre fenômenos fisicos (as superfícies construídas), demográficos e sócio-

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO
BIBLIOTECA

econômicos. Quanto aos primeiros, constata-se que a "mancha urbana" das metrópoles se alargou e que os territórios metropolitanos se estenderam progressivamente às periferias, o que acarretou a diminuição da densidade média das aglomerações. No entanto, as zonas antigas das metrópoles se densificaram e seus sistemas de funcionamento cotidiano se integraram a aglomerados, aldeias e novas urbanizações bastante afastadas. Assim, as metrópoles estão ao mesmo tempo mais diluídas e mais compactas, mais integradas e mais descontínuas.

A metropolização, além das dinâmicas físicas (geográficas e demográficas), consiste de dinâmicas sociais e econômicas que atraem para as grandes cidades as categorias sociais de maior rendimento e as atividades mais qualificadas, como também as repartem de forma específica no próprio interior das metrópoles, caracterizando-as por diferenças sócio-espaciais mais marcadas do que as das outras cidades. Há uma formação ou um reforço de dominantes sociais num certo número de bairros. O tipo de estruturação metropolitana apoiado numa segregação parcial nas extremidades sociais e num certo tipo de bairros é comum a muitos países europeus, sendo que é bem diferente da estrutura das cidades norte-americanas, nas quais o habitat suburbano é socialmente mais valorizado, embora muitas delas também valorizem bastante alguns de seus bairros centrais.

As migrações pendulares (deslocamentos cotidianos casa-trabalho) aumentaram muito rapidamente na década de 80 e permitiram verificar que o crescimento das metrópoles já não se realiza apenas por dilatações concêntricas, mas também pela integração em seu funcionamento cotidiano de territórios cada vez mais afastados. Temos assim o aparecimento de elementos de natureza metropolitana em territórios não contíguos e não metropolitanos. Os transportes coletivos rápidos favoreceram uma grande descontinuidade da urbanização, pois não fazem paradas intermediárias. É o chamado

"efeito túnel". As transformações dos modos de deslocamento, cada vez mais rápidos, são, portanto, bons indícios das alterações formais dos espaços urbanos nas metrópoles.

Os debates norte-americanos sobre o futuro das metrópoles influenciaram as reflexões européias sobre o tema. Uma questão sempre presente é a eventual dissolução das cidades provocada pelo progresso das técnicas de transporte e comunicação. Cada avanço tecnológico importante nestes domínios acarreta o prognóstico do fim das cidades tradicionais e o despontar de uma ordem espacial radicalmente nova. Já nos anos 30, Frank Lloyd Wright falava da *broadacre city*, da cidade dissolvida num território nem urbano nem rural, que estaria em todo lado e em parte alguma. É uma cidade bastante diferente da urbe antiga ou contemporânea, o que talvez faça com que não reconheçamos sua emergência enquanto cidade. Melvin Webber, nos anos 60, evoca *the urban realm*, a cidade como um vasto domínio, sem lugar, simples grade de interconexão composta por transportes visíveis e por redes de comunicação invisíveis, onde a sociabilidade não se baseia na proximidade, mas no movimento.

Lewis Mumford, também na década de 60, fala de "vastas conurbações", referindo-se ao termo "conurbação" proposto por Patrick Geddes cinqüenta anos antes para designar as formações difusas tomadas pela cidade de seu tempo que já a estavam tornando muito diferente da cidade histórica. Jean Gottman descreve o fenômeno da megalopolização. E. A. Gutkind anuncia o crepúsculo das cidades e a gênese de uma região sem centro. Brian Berry, nos anos 70, estuda os ciclos urbanos e a contra-urbanização. Na Europa da década de 80, desenvolve-se a tese do declínio urbano. Na década de 90, enfatizam-se novas noções para descrever os mecanismos que põem em causa as funções centrais dos *downtowns* e que desvitalizam as zonas mais antigas das cidades: as *edge cities*, subúrbios transformados em cidades, as *outer-cities* e os *exurbs*,

cidades e aldeias muito distantes da metrópole, mas habitadas por pessoas que aí trabalham, e o *telecomuting* (teletrabalho). É uma verdadeira obsessão da periferia sem fim.

No entanto, os centros das maiores cidades norte-americanas tiveram um gigantesco desenvolvimento. Aí foram construídos entre 1960 e 1990 tantos escritórios quanto os que existiam em 1960. Por mais que se tenham criado superfícies destinadas a atividades na periferia (*corporate exodus*), as funções muito qualificadas que implicam contatos freqüentes, tarefas não-rotineiras e serviços avançados das empresas permanecem majoritariamente concentrados nas zonas centrais "tradicionais" das cidades. As *edge-cities* e outras *outer-cities*, quaisquer que sejam seus *megacenters* ou seus *mini-downtowns*, estão longe de formar cidades autônomas e de entrar em concorrência com as *downtowns*. A suburbanização das sedes sociais e das outras atividades de escritório não eliminou o papel do centro histórico como centro de *corporate service* para tarefas muito qualificadas e estratégicas. Portanto, as metrópoles norte-americanas, contrariamente ao que periodicamente se anuncia, não estão moribundas, mas se recompõem. As *downtowns* se transformam, mas não desaparecem. Assim, se quisermos retirar daí um modelo americano, este não demonstra o fim das metrópoles, mas simplesmente sua transformação.

Pode-se dizer que, por sua vez, as metrópoles dos países europeus, mesmo com estruturas diversas, contribuem para uma nova forma de aglomeração urbana. Elas estabelecem com seu meio, sua região de influência e as outras cidades, relações diferentes das que mantinham as grandes cidades industriais ou as capitais regionais do período precedente. Mas a noção de metrópole utilizada até agora é inadequada para descrever o fenômeno da *metropolização* que está concentrando de forma crescente os homens, as atividades e as riquezas em aglomerações de várias centenas de milhares de habitantes, multifuncionais e fortemente integradas na economia internacional. Ou seja,

acompanhando as transformações significativas das grandes cidades, de seus subúrbios e arredores, estas aglomerações constituem espaços urbanizados cada vez mais vastos, heterogêneos, descontínuos, formados, por vezes, por grandes cidades cada vez menos ligadas a uma economia regional e cujas bases territoriais se transformam em espaços de serviço e lazer.

3.2. A Metápole

Para François Ascher, os espaços das novas dinâmicas urbanas contemporâneas não são simplesmente aglomerações ou áreas metropolitanas, conurbações, regiões urbanas, bacias de residência, de emprego, de vida, distritos, cidades-regiões ou mesmo megalópoles ou cidades "globais". Isto porque as metrópoles não são apenas territórios, e sim também modos de vida e de produção. Cabe, portanto, a proposta de uma nomeação nova: a *metápole*, ou *metapolis*, como capaz de dar conta de forma genérica dos espaços engendrados pela metropolização. Espaços estes cujo conjunto ultrapassa e engloba as zonas metropolitanas em sentido estrito.

Uma definição possível para metápole é: conjunto de espaços em que a totalidade ou parte dos habitantes, das atividades econômicas ou dos territórios está integrada ao funcionamento cotidiano de uma metrópole. Ela constitui uma única bacia de emprego, de residência e atividades. Os espaços que a compõem são heterogêneos e não necessariamente contíguos. Ela compreende algumas centenas de milhares de habitantes. Sendo muito variadas, formam-se a partir de metrópoles preexistentes muito diversas e integram num conjunto heterogêneo espaços novos e variados.

Como a história urbana se processa no longo prazo, não modificando assim em algumas dezenas de anos os modelos urbanos, as novas dinâmicas metropolitanas se

apoiam sobre as antigas estruturas e redes. Nem todas as grandes cidades se tornam metápoles, mas, na Europa, todas as metápoles se construíram sobre antigas cidades.

Nada do que vimos anteriormente parece justificar, como acreditam alguns urbanistas e pensadores, o anúncio da existência de espaços chamados de "pós-urbanos" (Françoise Choay), na esteira das noções de *post-industrial* (Daniel Bell) e *post city age* (Melvin Webber). A tese, desenvolvida de diversas formas por diversos autores, da dispersão da cidade por força dos efeitos descentralizadores e deslocalizadores das novas tecnologias de transporte e de comunicação não cabe aqui, pois estas não desencadeiam uma dispersão generalizada dos homens e das atividades. Ao contrário, acompanham e até suscitam novas aglomerações e novas polarizações. Uma fração crescente das populações, das atividades e das riquezas se concentra assim nas metápoles. Com isso, as relações cidade-campo tendem a se transformar em relações entre as metápoles e os territórios que fazem parte de seu próprio patrimônio. Alargam-se a influência e a atração das grandes aglomerações e os centros das cidades antigas se recompõem fazendo emergir outras novas.

O que é importante para Ascher é que a metropolização e a formação das metápoles não ocorrem como fenômenos contingentes, mas antes como formas avançadas de um processo de urbanização que começou bastante cedo na história da humanidade e que nunca parou de se desenvolver até nossos dias, apesar dos diversos recuos e bifurcações. Ele não concorda com os planejadores e especialistas que ainda concebem as relações entre as técnicas e a sociedade em termos de "impacto" das primeiras sobre as segundas e que, por exemplo, acreditam que uma auto-estrada ou certos meios de comunicação poderão desencadear dinâmicas de desenvolvimento regional. Inversamente, isto tampouco deve fazer com que se subestimem as relações

entre as técnicas e a urbanização, e, em particular, sua importância na geração das formas urbanas.

Considerando estes diversos ângulos estaremos em melhores condições para entender que a metropolização surge como uma "etapa" ou uma "fase" num processo de urbanização supra-histórico, e a metápole como forma urbana co-estruturada pelo uso de novas técnicas de comunicação, de conservação e de transporte de bens, pessoas e informações. Ou seja, metropolização e metápoles constituem o quadro no qual se jogam e se jogarão de forma durável as forças econômicas, sociais, políticas e culturais. É certo que estas forças influenciam as dinâmicas metropolitanas e a evolução das metápoles, no entanto – e aqui estamos no ponto original em que a análise de Ascher se diferencia das de Virilio e Castells –, é o próprio desenrolar da urbanização que constitui um contexto ao qual elas não podem escapar e, por isso, é uma espécie de limite à influência dessas forças econômicas.

Até onde, então, poderemos chegar no controle da metapolização? Esta é uma das questões centrais colocadas à nossa sociedade e à qual é preciso tentar responder sem nos deixar levar pela inquietude – a crítica a Virilio é explícita – desencadeada pela formação das metápoles e pelas mudanças que vêm junto.

As respostas de Ascher vão no sentido de que, em vez de impacto das NTIC sobre a sociedade, seria mais adequado falar das *interações* entre técnicas e sociedade. Isto, mesmo quando a própria dinâmica das novas tecnologias oculta o modo como dependem do contexto no qual se desenvolvem, pois, freqüentemente, durante longo período, as tecnologias não possuem uma lógica intrínseca que predetermine seus usos e efeitos. Podemos dizer, sim, que as técnicas não são inertes, mas nem por isso que agem de forma autônoma. Se buscarmos entender as relações existentes entre as dinâmicas tecnológicas, espaciais e sócio-econômicas, veremos que o desenvolvimento destas

tecnologias tem sido contemporâneo da extensão acelerada das cidades, sobretudo das maiores. Mas é preciso sempre levar em conta que as tecnologias são objetos sociais complexos que têm dificuldade para entrar nas funcionalidades restritas das engenharias de produção. Da mesma maneira, a grande cidade é complexa e resistente a impulsos técnicos simples e exteriores. Para Ascher, a concentração urbana é estrutural e é ela que, na verdade, determina e instrumentaliza os progressos das telecomunicações.

Há também aqueles que pensam que as telecomunicações podem eliminar as distâncias, seguindo a idéia de que as NTIC suprimirão cada vez mais os deslocamentos anteriormente motivados pela troca de informações. Isto permitiria descongestionar as grandes cidades, mas o que se constata é que o desenvolvimento considerável das telecomunicações não se acompanhou de uma diminuição, mas sim do acréscimo dos deslocamentos (de todos os tipos). E longe de favorecer um abrandamento do crescimento metropolitano é precisamente nas metrópoles em desenvolvimento rápido que as telecomunicações estão também mais desenvolvidas.

A primeira razão para isto é que as necessidades de comunicação aumentam mais rapidamente que a oferta de meios de comunicação. A segunda, deriva do fato de que as NTIC não podem comunicar todas as informações e podemos mesmo dizer que o desenvolvimento da economia e das metrópoles deve se traduzir pelo crescimento tanto das telecomunicações quanto dos deslocamentos de homens e mercadorias. Uma terceira razão diz respeito ao fato de que as telecomunicações desencadeiam novos deslocamentos "clássicos", pois tornam possíveis e até necessárias as relações econômicas e sociais que, ato contínuo, suscitam uma mobilidade dos bens e das pessoas. Esta situação, aliás, como provam o advento do telefone e do telégrafo, não é nada nova.

Para Ascher, é sempre necessário ter em mente que as NTIC não constituem elementos neutros na evolução das localizações das atividades econômicas, mas têm

poucas oportunidades de se opor às dinâmicas metropolitanas. Ao contrário, parecem reforçá-las, contribuir para sua reprodução e mesmo para acentuar desequilíbrios territoriais e sociais. Como não se desenvolvem em um espaço abstrato, sem história, sem desigualdades, elas se confrontam constantemente com espaços já estruturados. Assim, mesmo que, de forma abstrata, pudessem espalhar-se de maneira homogênea, vão se localizar efetivamente onde já estão concentradas as populações e as riquezas. Isto só reforça as zonas em crescimento e penaliza as que estiverem em crise. Como seu custo de implantação é elevado, elas se instalam em zonas capazes de compartilhar os custos de infra-estrutura e não só reforçam a polarização metropolitana como também tendem a reproduzir as redes hierarquizadas preexistentes.

Ascher vai se utilizar de uma noção apresentada por Anthony Giddens para afirmar que as atuais dinâmicas urbanas são *sobremodernas*. Isto, para enfatizar que o projeto de estruturação que caracteriza a modernidade, baseado no uso da razão e da ciência, está mais presente e reforçado do que nunca, tendo apenas mudado os paradigmas científicos quando passaram do anterior universo da complicação para o atual, o da complexidade. A noção de sobremodernidade lhe serve por duas razões. Pelas evoluções econômicas, sociais, políticas e culturais que determinam em grande parte a evolução das cidades; e pelos discursos produzidos sobre as cidades e pelas práticas urbanísticas, que extraem de bases comuns as mesmas referências e ideologias científicas, técnicas, filosóficas, políticas, etc.

Assim sendo, do ponto de vista econômico, o novo ciclo iniciado no final do século XX é marcado pela globalização, pela demanda de novos tipos de produtividade, de flexibilidade, de polivalência, de demanda sistemática da velocidade, da experimentação de novos modos de organização industrial, do desenvolvimento dos transportes, das telecomunicações. A globalização, que retoma idéias colocadas pelo

canadense Herbert Marshall McLuhan nos anos 60, diz respeito sobretudo ao fato de a economia internacional funcionar agora, em "tempo real", como um espaço econômico e financeiro quase unificado. Mas ela é mais que apenas uma internacionalização da economia e das empresas: é um conjunto de mudanças qualitativas importantes em todos os setores da vida das pessoas e das cidades.

A globalização, ao concentrar nas cidades mais importantes as funções-chave da economia internacional, vem constituir uma dimensão importante da metropolização. O conjunto das cidades ativas, além das próprias *global cities* mencionadas por Castells – segundo Saskia Sassen, as principais seriam: Nova Iorque, Londres e Tóquio –, inscreve-se nas dinâmicas da globalização e os sistemas urbanos nacionais perdem sua importância em favor das redes internacionais.

Esta evolução se processa também em escala intrametropolitana. Nas metrópoles muito grandes, e por razões evidentes de acessibilidade, a necessidade de proximidade física dos serviços de ponta, que funcionam muito na base do face-a-face, vem reforçar os centros de negócios urbanos (*central business district*) no núcleo central das aglomerações ou na proximidade imediata de um nó de transportes. Quanto maiores são as metrópoles, mais centralizadas são (às vezes, contendo vários "centros"). Mas estas concentrações intrametropolitanas nem sempre tomam a forma de enormes sedes centrais concentradoras de todas as funções diretoras e administrativas, pois bom número de serviços de ponta é confiado a empresas exteriores. O deslocamento de parte dessas funções não deve, pois, ser visto como enfraquecimento das zonas centrais de negócios. Ao contrário, exprime a recentralização dos centros de negócios em funções estratégicas e a relegação para a periferia das funções menos determinantes.

Modificam-se também as relações entre as metrópoles e as regiões circundantes. Estas constituem cada vez menos uma hinterlândia que abastece a cidade ou para ela

trabalha. E, reciprocamente, a cidade-centro oferece à região não apenas serviços de "nível superior", mas sobretudo acesso às redes da globalização.

As novas formas de organização e as dinâmicas urbanas estão interligadas tanto pelas dimensões espaciais das novas lógicas de produção (a produção em fluxo contínuo – *just in time* – reforçando a importância dos transportes e favorecendo os processos de aglomeração, por exemplo), quanto pela evolução das próprias concepções da gestão e do desempenho urbanos. Assim, as cidades também se inspiram nos novos métodos e, em suas obras de urbanização, buscam resultados ligados a tipologias de produção variadas, baseadas não na repetição pura e simples como no período fordista, mas na exploração de tecnologias avançadas. Do mesmo modo que numa economia, a competitividade preço-custo se desdobra em competitividade qualidade-diferenciação.

Atualmente, as lógicas privada e pública de produção das cidades, de suas infra-estruturas, dos edifícios, se uniram para reforçar as orientações metapolitanas e centralizadoras das dinâmicas econômicas acima descritas. É nas grandes aglomerações que se concentram as empresas globalizadoras que são também os principais mercados de construção de obras públicas e de serviços em rede (transporte, cabeamento, água, saneamento). É aí que se instalam os novos transportes (metrô, ônibus especiais, trens rápidos); que se escavam túneis rodoviários; que se traçam as avenidas perimetrais caras; que se constróem edifícios inteligentes; que se implantam as fibras ópticas, etc., criando assim um fosso tecnológico entre a construção e as obras públicas metapolitanas e o resto da indústria de construção, que, esta, apenas se encarrega de obras modestas nas cidades pequenas. Estas lógicas econômicas de produção da cidade não apenas atraem os investimentos para as zonas metapolitanas como também imobilizam, para resolver seus problemas, o potencial científico e técnico. Desenvolve-se, então, uma

produtividade superior nas obras públicas metapolitanas e as realizações urbanas se tornam cada vez mais eficazes nas grandes aglomerações.

No entanto, do mesmo modo que as cidades precedentes não foram totalmente transformadas pelo fordismo, também as metrópoles atuais não serão totalmente subvertidas pela metropolização sobremoderna, a qual é de natureza tendencial, selecionando os territórios e inscrevendo aí novos estratos. Mas, segundo Ascher, as dinâmicas econômicas caminham no sentido de uma metapolização acrescida de uma concentração das atividades mais estratégicas nas zonas metapolitanas e de uma especialização dos espaços em seu interior.

Além das dinâmicas econômicas, Ascher vai ressaltar as dinâmicas sociais que também participam de um sistema metapolitano ao formar espaços sociais e transformar as maneiras de viver: extensão das mobilidades, diferenciação crescente das práticas, instalação residencial reforçada, mas enfraquecimento das vizinhanças, segregações, novas urbanidades... Quanto mais as cidades se desenvolvem, mais numerosas são aí as interdependências, assim como os graus de liberdade dos indivíduos são também potencialmente mais importantes. Isto engendra mentalidades e práticas específicas nas grandes urbes, o que não significa que possamos dizer que haja uma "mentalidade metapolitana", que corresponderia a grupos particulares. Há, sim, combinações múltiplas, flutuantes e relativamente diluídas na perspectiva das categorias sociais usuais.

O multipertencimento simultâneo de cada indivíduo a diversos grupos com diferentes referências, mutável em função dos ciclos de vida, dá uma aparência caótica ao espaço dos modos de vida. Cada personalidade desempenha um papel em registros cada vez mais variados com referências ora à família, ora ao grupo socioprofissional, à categoria etária, à origem geográfica, religiosa ou a qualquer outra afinidade pessoal. Nas metápoles, portanto, a diversidade social é cada vez mais complexa e plástica.

Domina o sentimento da mudança, os comportamentos individuais são cada vez menos classificáveis em grandes grupos e a sociedade não é mais do que um "conjunto de indivíduos".

Em vez da *dual city*, o que temos hoje nas metápoles é uma *sociedade ternária*. Nela, não há apenas, de um lado, os integrados, e, de outro, os excluídos, mas também uma fração significativa da população que não se sente suficientemente provida, que não está excluída, mas que tem medo de vir a estar ou que espera aceder ao grupo dos integrados. Este grupo não vive nos bairros ricos nem nos conjuntos habitacionais, nem nas zonas em decadência, não freqüenta as lojas de luxo nem viaja de avião, mas as famílias que o integram enchem, todas as semanas, um carrinho no hipermercado e saem de férias, no mínimo, uma vez por ano.

Outro aspecto da dinâmica social das metápoles é que, nelas, a dualidade fixo/móvel se concretiza de forma movediça: as mobilidades se transformam ao mesmo tempo que os pontos fixos se modificam. Diferentemente do que muitos pensavam, não ocorreu um confinamento residencial e uma substituição dos transportes pelas tele-comunicações. Não se constatou uma diminuição da mobilidade ou uma compactação das cidades onde as famílias encontrariam nas proximidades empregos, comércio, lazer, etc., para todos seus membros. Ao contrário, a mobilidade crescente no seio das grandes cidades acompanha e reforça as dinâmicas de especialização espacial. Podendo deslocar-se para mais longe e mais facilmente, os grupos sociais e os atores econômicos escolhem suas próprias localizações com menos limitação no sentido da proximidade imediata.

Na metápole, o habitante se move e tudo se move a seu redor. As transformações metapolitanas corroem as sociabilidades baseadas na proximidade física, enfraquecem a vizinhança e reduzem as realidades de "bairro" por meio de diferentes processos. As

solidariedades, as práticas coletivas, a consciência de interesses comuns só muito raramente se estabelecem na base da proximidade. Assim, inúmeras são as condições para que o vizinho se torne um "estrangeiro". Mas, diferentemente dos temores de Virilio, para Ascher, é nesta indiferença possível, mas não necessária, que se constrói uma "urbanidade" metapolitana, entendida como um quadro social e físico que, maximizando a liberdade de cada um, abre a possibilidade a vizinhos partilharem ou não práticas e opiniões.

Definida deste modo, a urbanidade metapolitana é simultaneamente um estado de espírito e um modo de vida, um código de conduta e um quadro arquitetônico e urbano. É uma urbanidade que torna possível o anonimato e que, no entanto, está na origem de uma sociabilidade alargada e renovada, eventualmente descontínua ou episódica, citadina que alimenta e necessita de uma plasticidade da cidade e de sua adaptabilidade a modos de vida múltiplos. Todavia, esta urbanidade, para evitar a pulverização da metápole, também exige coesão de solidariedades, de instituições e de projetos coletivos.

A nova geografia, que toma contornos bastante nítidos na década de 80, vem colocar a metápole como não tendo limites precisos e os espaços que a compõem sendo profundamente heterogêneos, e não necessariamente contíguos. Sua comuna-centro exerce muitas vezes funções administrativas e econômicas para as zonas não metropolitanas que a envolvem, mas não é daí que vem seu estatuto, sua estrutura ou seu funcionamento. A metápole é um espaço de mobilidade no qual as relações de proximidade em grande parte se dissolvem, pois está conectada a múltiplas redes nacionais e internacionais e, por vezes, mantém com territórios distantes relações mais intensas do que com sua zona envolvente próxima, que já não desempenha um papel de retaguarda territorial.

Nestas circunstâncias, Ascher pergunta se a metápole – território vago que incorpora pedaços de territórios e mesmo só parte de seus habitantes, espaço de mobilidades e de enraizamentos múltiplos, nem por isso sendo uma comunidade territorial – pode vir a constituir uma base para instaurar uma identidade e projetos autônomos, legitimar um interesse geral metapolitano, ou mesmo constituir uma componente local da cidadania. Para ele, a resposta será certamente negativa se continuarmos a definir de modo clássico a cidadania, o interesse geral e as coletividades territoriais. É preciso, pois, pensar a natureza e o papel de um novo Estado reconfigurado num novo sistema de competências onde as coletividades territoriais sejam também consideradas poderes públicos e, por isso, participem de um número significativo de missões ou papéis de natureza estatal ou quase estatal.

4 - CONCEITOS, IDÉIAS E CATEGORIAS DE PAUL VIRILIO, MANUEL CASTELLS E FRANÇOIS ASCHER

4.1. Sobre os Autores

Neste capítulo, destacaremos os conceitos e idéias utilizados pelos três autores que estudamos. É fundamental, para o entendimento do que nos apresentam, compreender sob quais referências eles desenvolvem seus argumentos. Para isto, é necessário esclarecer pelo menos três situações: (*1*) em que época os textos foram escritos; (*2*) quais referências do campo da arquitetura e urbanismo foram utilizadas; e (*3*) a partir de quais campos do conhecimento estão falando.

Paul Virilio pertence à escola que defende que a origem da cidade está na guerra, ou mais especificamente, na preparação para a guerra. Para ele, a cidade é historicamente geográfica, está relacionada à durabilidade do obstáculo e deve ser compreendida como um meio de mapear um espaço político que existiu em dada duração política. O território e a cidade são organizados por um sistema de quarteirões, de bairros, pela separação centro/periferia e pelo tempo estruturado segundo interrupções de atividade ou de produtividade para a reflexão e o diálogo entre parceiros sociais. O eixo de suas idéias está no fato de que as sociedades sempre ocuparam e se estruturaram num espaço físico geográfico. A análise de Virilio, portanto, toma como base o entendimento da cidade como unidade de tempo, de lugar e da sociedade geopolítica.

Entrevistado em *Guerra Pura* em 1983 e escreveu *O Espaço Crítico* em 1984. O próprio conteúdo e o próprio título do primeiro fazem referências diretas ao momento em que vivíamos intensamente o final da disputa pela hegemonia mundial entre Estados Unidos da América e a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, a chamada Guerra

Fria. Foi uma guerra econômica, diplomática e tecnológica pela conquista de zonas de influência, que dividiu o mundo em dois blocos, com sistemas econômico e político opostos: o bloco capitalista, liderado pelos EUA, e o comunista, encabeçado pela URRS. Esta divisão provocou uma corrida armamentista que se estendeu por 40 anos e colocou o mundo sob a ameaça de uma guerra nuclear. É no final deste contexto assim polarizado, que Virilio publica estes dois livros. Sua postura diante desta situação é, portanto, também política. Ele insiste na necessidade de questionar e politizar a técnica. É desta perspectiva que podemos entender sua grande preocupação com a preparação contínua para uma guerra, através da aquisição de armamentos cada vez mais sofisticados, que dissuadem o inimigo. Esta situação instala um estado de guerra permanente, que dá título ao seu livro Guerra Pura[1].

Arquiteto, Urbanista e Filósofo, Paul Virilio é considerado um grande analista da sociedade tecnologizada. Ele aborda a cidade e o meio ambiente tecnológico como fenômenos complexos determinantes de alterações radicais nos mais diversos referenciais perceptivos, estéticos, políticos e filosóficos. Em *O Espaço Crítico*, são feitas considerações importantes que apontam para uma preocupação com a utilização desenfreada da técnica e seus "estragos" na cidade e na urbanidade de modo geral. Visto com o distanciamento de hoje, podemos tratar tanto este quanto o outro quase como livros de época, onde, por um lado, os conceitos e idéias servem para apresentar de forma brilhante as tensões de um momento da história e mostrar o caminho pelo qual passamos para chegar até o presente, e, por outro, nem todos esses conceitos e idéias permanecem capazes de utilização direta na apresentação das questões e configurações do mundo pós-ano 2000.

---

[1] Vide resenha no capítulo 1, acima.

Em 1985, com a subida ao poder do líder Soviético Mikhail Gorbatchov, a tensão e a guerra ideológica entre as potências começaram a diminuir. O símbolo do final da guerra Fria é a queda do Muro de Berlim[2] em 1989. Como disse Eric Hobsbawm, no início da década de 90 uma nova era começou. Com a desintegração da URSS, em 1991, o conflito entre capitalismo e comunismo cede lugar às contradições existentes entre o hemisfério norte e o hemisfério sul do planeta, onde se encontra a maioria dos países subdesenvolvidos. Estamos aí já em plena utilização das tecnologias da comunicação, da informática e de várias outras, a robótica, a nanotecnologia, etc. As transformações nos grandes centros urbanos são bastante evidentes. Cidades como Los Angeles, Nova Iorque, Paris e Tóquio já estão diretamente sob os efeitos desta nova realidade.

É nesse contexto que François Ascher, em 1995, escreve *Metapolis*[3], obra na qual afirma não acreditar, absolutamente, no fim das cidades, como diz Virilio, pois, em períodos de mutações sociais e econômicas, é comum colocar as cidades na posição de acusadas. Faz crítica a "certos sociólogos" (Castells?) que falam de desaparecimento de formas tradicionais de vida urbana, e também aos "futuristas e os filósofos" (Virilio?) que pensam que o desenvolvimento das telecomunicações e dos transportes dissolverão as cidades num *continuum* de unidades de habitação autônomas e telecomunicantes. Ele considera que a importância destas teses está apenas em colocar as cidades no centro das interrogações das sociedades industrializadas e urbanizadas. Ascher se propõe a medir e analisar a dinâmica atual da concentração dos homens, atividades e riquezas no interior das

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO
BIBLIOTECA

---

[2] O Muro de Berlim, na Alemanha, foi construído em agosto de 1961 por tropas da União Soviética e da República Democrática da Alemanha (RDA). Foi o símbolo da divisão da Europa e do mundo entre as duas superpotências, Estados Unidos (capitalista) e URSS (comunista), durante a Guerra Fria. Sua destruição, em novembro de 1989, está relacionada à extinção dos regimes comunistas no Leste Europeu e é o símbolo do final da Guerra Fria.
[3] Vide resenha no capítulo 3, acima.

cidades, e aposta na emergência de uma nova configuração urbana, a Metápole que dá título a seu livro. Ele apresenta suas características e indica que não cabe mais utilizar o ferramental teórico e prático das cidades anteriores, e sim que é necessário mudar a forma de pensar as cidades e conceber o urbanismo. É a estas questões que ele busca responder no decorrer de seu texto.

François Ascher é professor e um estudioso do campo do urbanismo. Sua análise é urbanística, social e geográfica. Toma principalmente como base a França, sem deixar de apresentar uma visão geral do mundo contemporâneo. Temos a impressão de que, ao longo do livro, uma linha condutora permanece: a coerência e a continuidade históricas, apesar das grandes transformações. Para ele, como dissemos acima, a nova forma urbana engloba e ultrapassa a anterior. Mas a cidade atual continua em conformidade com a própria origem etimológica da palavra metrópole. Do mesmo modo que a antiga cidade grega era a mãe de suas colônias, exportava seus guerreiros, comerciantes e deuses, a "grande cidade moderna" irradia internacionalmente suas empresas, capitais e universidades.

Manuel Castells é sociólogo urbano. Seu ferramental teórico é multidisciplinar e a análise que faz da nova organização social está baseada no paradigma econômico-tecnológico da informação. Seu livro *A Sociedade em Rede*[4] terminou de ser escrito em 1996 e é resultado de uma pesquisa de 15 anos. Nele, há um detalhamento dos acontecimentos das últimas décadas do século XX que culminaram nas transformações inéditas ocorridas nesse período. Ele apresenta as novas práticas sociais, a nova divisão do trabalho e as alterações da vivência do espaço e do tempo como parâmetros da vida social. As cidades, como berço destes acontecimentos, estão no cerne de todas estas questões.

---

[4] Vide resenha no capítulo 2, acima.

A abordagem de Castells é ampla e o conjunto da trilogia *A Era da Informação*, da qual o livro que analisamos é o primeiro volume, ganha um caráter quase de enciclopédia. É um exaustivo retrato das transformações sociais, políticas, econômicas e urbanas do momento que estamos vivendo. Esses temas fazem parte das preocupações constantes de Castells. Em *La Ciudad Informacional*, de 1989, o outro livro aqui analisado, como o próprio título diz, ele já apresentara de modo bastante completo os elementos e a dinâmica da organização urbana resultante das tecnologias da informação.

Se, em *O Espaço Crítico*, Virilio escreve sobre as conseqüências da utilização das tecnologias na cidade em um "tom" quase de prognóstico apocalíptico, nas obras de Castells e Ascher que analisamos, a utilização das tecnologias é vista a partir da pura e simples constatação de sua inarredável realidade planetária. Quaisquer que sejam as vias, da inclusão ou da exclusão, os países e as cidades sofrem cada vez mais os efeitos dessa nova realidade que se instalou de modo definitivo em todo o mundo.

4.2. Conceitos, Idéias e Categorias

Segundo a análise de Paul Virilio, com a utilização generalizada das tecnologias da comunicação e da informação, acrescida da aceleração dos transportes, a cidade perdeu progressivamente sua autenticidade como unidade de tempo e lugar de coabitação efetiva para uma **desurbanização**[5] acelerada que afeta não apenas a natureza do povoamento territorial, mas também a antiga sedentariedade. No século XXI, teremos os **sedentários**, que, em qualquer lugar, com seu laptop, seu celular, etc., estarão sempre em casa, seja na rua ou no avião; e os **nômades**, que são aqueles que não estarão em casa em lugar algum.

Surge um tipo de confinamento proveniente das tecnologias avançadas, que não mais se funda sobre a axialidade geométrica de um dispositivo urbano ou sobre a centralidade geomórfica da extensão das cidades, mas, antes, sobre a crescente polarização temporal e nodal das trocas e das atividades. Aí a interlocução e a interrupção de uma não-ocupação momentânea suplantam o antigo nó de comunicação rodoviária, a antiga segregação das províncias, dos bairros, em proveito único de uma organização do "**tempo próprio**", onde as **individualidades** se exacerbam progressivamente.

Sendo assim, temos a **Cidade Universal** e a **Cidade Mundo**, ambas no contexto de um espaço-tempo transfornado pelas teletecnologias da ação à distância. Ou seja, temos o surgimento de uma cidade única totalmente associada ao uso das telecomunicações, o que gera uma universalidade, o universo-cidade. É a **Cidade do Tempo Morto** ou **Cidade Eterna**, em que a contração das distâncias e do tempo decorrente das novas tecnologias leva ao esgotamento do tempo. É o momento em que natureza e tecnologia se sobrepõem. É também a **Cidade Sem Portas**, onde, com a instantaneidade e a ubiqüidade, o espaço urbano perde sua realidade geopolítica. Em seu lugar, o que vemos são sistemas instantâneos de deportação de pessoas, do contato urbano, do face a face humano. Estes estão sendo substituídos pela interface homem/máquina, o que acarreta uma falta das antigas fronteiras entre cidades e uma delimitação do mapeamento físico. É igualmente a **Videocidade**, decorrente da urbanização televisual, na qual, com a criação de um ambiente artificial, as dimensões físicas, o contato e as observações diretas cedem lugar a informações ótico-eletrônicas instantâneas. É o fator velocidade acarretando a desqualificação dos veículos antigos e de toda uma concepção de ambiente, como se o

---

[5] Colocaremos em negrito os conceitos e categorias que consideramos mais relevantes nos textos dos três autores.

centro da cidade fosse deslocado de seu tradicional obelisco para o zênite de um satélite orbitando no espaço sideral.

Nesta **Cidade do Instante**, a transmissão substitui a urbanização. Onde antes tínhamos a concentração espacial de pessoas em torno de um acontecimento, temos a concentração no tempo de transmissão. É a cidade em que um bilhão de pessoas estão reunidas. Se o lugar geográfico do acontecimento definia o lugar da concentração de pessoas, hoje não há relação, a concentração não acontece num espaço, e sim, como dissemos, no tempo de transmissão. As pessoas que "assistem" a mesma cena sob o mesmo ângulo estão distantes fisicamente. É a **Sociedade do Desaparecimento**, em que passamos da antiga representação analógica, baseada na verossimilhança, para uma representação digital, onde as informações audiovisuais, táteis e olfativas são comprimidas e codificadas em números, promovendo o empobrecimento das aparências sensíveis. Assim, nesta **Estética do Desaparecimento**, o que surge é um mundo que corre o risco de, não precisando mais ver, não mais se enxergar.

A utilização das tecnologias, a aceleração e a velocidade acarretam uma contração dos espaços, e promovem uma transformação em conceitos importantes do campo do urbanismo. A análise de Virilio está pautada na relação espaço-tempo e trata da subversão ocorrida nas duas últimas décadas quando a distância passou a ser mensurada através do tempo de viagem. Trata-se, para ele, da **Distância-velocidade**, que nos faz percorrer uma linha que vai da geografia para à **Cronografia**, da ocupação do espaço à ocupação do tempo. O espaço que estava vinculado à geografia, está agora na eletrônica, é o **Espaço Tecnológico**. Estamos, portanto, numa **Cronopolítica**, a política do tempo. A **velocidade** é o centro da questão, já que toda a sociedade é fundada numa relação de velocidade. Nessa perspectiva, o poder está diretamente relacionado à velocidade: a arma mais rápida, o jato

mais veloz, a velocidade da informação. Está em curso uma **Revolução Dromocrática,** onde a invenção está centrada na fabricação de velocidade, que é uma ordem de grandeza diretamente relacionada à riqueza. Como a tendência é para a velocidade absoluta, quando a mobilidade física puder igualar as performances da mobilidade eletrônica, estaremos aí no exercício da **ubiqüidade** e da instantaneidade. Quando a velocidade é grande, perdemos a noção do entorno, perdem-se as referências, fica-se despojado de si mesmo, alienado. Podemos falar, então, que, ao invés de liberdade de movimento, estamos numa **Ditadura do Movimento.**

Sendo assim, justifica-se considerar que a sociedade do futuro é a **Sociedade da Passagem**, concentrada no deslocamento contínuo. Concentração esta promovida pelas tecnologias e indica que, mesmo estando distantes no espaço, podemos nos deparar com a situação de esgotamento absoluto do movimento. Podemos dizer de outro modo, que quanto mais rápido/acelerado for nosso deslocamento, menos tempo levamos nos loco-movendo, e mais longe alcançamos. Vai-se da inércia territorial geográfica para a inércia no tempo, onde o mundo poderá ficar tão restrito que estaremos uns em cima dos outros no tempo. É a situação que ele chama de **Inércia Polar**.

Dentro deste panorama, Virilio nos apresenta a **poluição dromosférica**, a poluição das distâncias e dos períodos de tempo. Aquela onde vemos desaparecer todo o relevo, o volume, a aparência direta, em prol de uma transmissão instantânea das aparências distantes. Assim ele propõe além da ecologia da natureza, uma **ecologia do artifício** das técnicas de transporte e transmissão, ocupada com os efeitos do meio artificial da cidade e a degradação da proximidade e do relacionamento entre indivíduos e comunidades.

Manuel Castells afirma que somos contemporâneos de uma descontinuidade histórica. As cidades continuam sendo locais de construção social das formas dominantes de espaço e tempo, mas, com a utilização das tecnologias, está sendo gerada uma nova forma social e espacial, caracterizada por um desenvolvimento transcultural. Ele trabalha com conceitos como **Megacidade**, **Cidade Informacional**, **Cidade Dual**, **Cidade Global** e **Tecnópole**. A **Cidade Informacional,** a cidade da atual sociedade, não é um lugar, e sim um processo derivado do predomínio estrutural do **Espaço de Fluxos**. Esse espaço é formado por um circuito de impulsos eletrônicos, por nós e centros de comunicação e pela organização espacial das elites gerenciais dominantes. Ele organiza as práticas de tempo compartilhado que estão distantes geograficamente.

Entender deste modo significa situar um processo onde a rede de informações que define e decide o poder no mundo está afastada da maioria das pessoas e atividades. Assim, aumentam a diferenciação e a separação entre o **espaço de fluxos**, onde circulam todas as informações, e o **espaço de lugares**, onde as pessoas habitam e convivem. Embora ambos sejam fundamentais na estrutura social, mas não existe mais uma relação direta entre eles, como no passado, quando a política e o poder podiam ser decididos ou influenciados pelas repercussões locais, nas praças, nas grandes comoções.

Toda grande cidade contemporânea é global e local simultaneamente. O que, em última instância, é global são as funções direcionais da cidade, mas todas elas sofrem uma influência local. Para Castells, uma grande transformação de nossa época é o surgimento das Megacidades, aglomerações de aproximadamente dez milhões de habitantes que concentram o essencial do dinamismo econômico, tecnológico, social e cultural dos países e que estão conectadas entre si numa escala global. A Cidade Dual, quase que uma característica geral das cidades citadas anteriomente, não é exclusiva de nossa época. Ela

representa o contraste existente entre opulência e pobreza numa mesma região. Contraste que se exacerba pelas próprias características das forças de trabalho da economia formal, baseada na informação, e da informal, baseada na força de trabalho desqualificada. Já as Tecnópoles são complexos produtivos de inovação tecnológica, locais onde a organização social está voltada para uma cultura de trabalho que objetiva novos conhecimentos, processos e produtos.

Castells mostra que a utilização das tecnologias propicia a existência de um **tempo intemporal**, sem referência cronológica. Passado, presente e futuro e as modalidades escrita, oral e audiovisual da comunicação interagem numa mesma informação multimediada. O novo sistema eletrônico de comunicação de alcance global faz surgir a **Cultura da Virtualidade Real**, onde o "faz-de-conta" toma a aparência de realidade. Essa desordenação da seqüência dos acontecimentos torna-os simultâneos e instala a sociedade na situação paradoxal de uma **efemeridade eterna**. Do mesmo modo, as expressões culturais elitistas e populares estão unidas num universo digital que forma um **hipertexto histórico**. Um elemento importante nessa cultura é o uso da Comunicação Mediada por Computadores (**CMC**), que não substitui os outros meios, mas reforça tanto os padrões sociais existentes quanto o cosmopolitismo das classes que utilizam uma estrutura de referência global. Uma afirmação importante de Castells é que o espaço de fluxos, onde se processam estes acontecimentos, supera o significado dos espaços de lugares. Antes, o espaço era estruturado pela regularidade natural do tempo; hoje, é ele que estrutura a temporalidade. Este estado de coisas é importante para o entendimento de que o que se produz é um novo ambiente simbólico, baseado na virtualidade. Esta é nossa nova realidade cotidiana. E a sociedade que se utiliza desta nova ambiência é a **Sociedade em Rede**.

Apesar de as organizações estarem situadas em lugares e mesmo que seus componentes dependam do espaço, a lógica organizacional depende dos espaços de fluxos. Por isso, é uma **lógica organizacional aespacial**, que propicia o surgimento de novas possibilidades de trabalho, como o **teletrabalho**, que representam a diversificação dos locais de trabalho. Isto gera uma **descentralização**, principalmente no setor de serviços. Neste **modo informacional de desenvolvimento**, o que está em questão é a busca e a acumulação do conhecimento em si mesmo. Configura-se um ambiente tecnológico que transforma e converte a geração de conhecimento em força produtiva, mudando a relação força/trabalho: a informação é um produto no processo de produção. Ciência e tecnologia passam a ocupar o lugar do trabalho, onde tradicionalmente estava o trabalhador como força produtiva. É importante destacar que, para Castells, está bastante claro que a Globalização não representa a disseminação de conhecimento e riqueza de forma igualitária. Apesar da interdependência da economia global, o mundo permanece polarizado, só que agora entre áreas produtivas, isto é, ricas em informação, e áreas pobres, sem valor econômico, atingidas pela **exclusão social** e informacional.

Constata-se uma tendência a uma arquitetura homogênea nos lugares que constituem os nós das redes, daí derivando uma monumentalidade que se repete pelo mundo afora, nas grandes sedes coorporativas. A arquitetura pós-moderna deste novo momento é ahistórica e acultural, que utiliza formas neutras, desconteudizadas, que Castells denomina **arquitetura da nudez**.

François Ascher considera que o uso das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (**NTIC**) exacerba o transporte de informações e valores, o que permite novas combinações, além de beneficiar as formas tradicionais. Uma das conseqüências disso para

as cidades é a **Metropolização**, que se traduz pela crescente concentração de riquezas humanas, materiais e informacionais nos aglomerados urbanos. Uma das causas geradoras deste processo é o fato de as telecomunicações contribuírem para a recomposição dos objetivos e dos sistemas de deslocamento. A **mobilidade** é a principal característica desse momento, no qual, devido à facilidade gerada pelas novas técnicas, os deslocamentos se multiplicam e se prolongam, representando uma forma relativa de autonomia dos cidadãos em relação a suas ações no espaço urbano. Isto permite que as pessoas organizem sua existência segundo temporalidades e espacialidades mais individualizadas, o que dá condições para uma substituição das organizações coletivas por decisões personalizadas. Sendo assim, torna-se possível dizer que as tecnologias, além de reforçar e favorecerem concentrações urbanas existentes, viabilizam novas aglomerações, novas polarizações e **novas centralidades espaço-temporais** de funcionamento ininterrupto. A **multifuncionalidade** se generaliza por todos os lugares e atividades, pois ela é uma expressão espaço-temporal do que, em outro livro, Ascher chamará de **sociedade hipertexto** (Ascher 2000: 35-67). Ela modifica lugares públicos em lugares privados, questionando os próprios termos com que vinha sendo encaminhada a discussão sobre a fronteira público/privado.

Desta forma, são renovadas as dinâmicas metropolitanas. O resultado é a forma avançada de um processo de urbanização, que traz a nova configuração urbana que ele denomina **Metápole**, que engloba e ultrapassa a antiga metrópole, e se caracteriza pela grande mobilidade de bens, pessoas e informações. A metápole é o conjunto de espaços (heterogêneos e não necessariamente contíguos) em que a totalidade ou parte dos habitantes, das atividades econômicas ou dos territórios está integrada no funcionamento de uma metrópole. As metápoles são a expressão espacial da sociedade hipertexto a que aludi-

mos no parágrafo anterior. Nelas, os indivíduos passam de um campo social a outro, não só se deslocando no espaço, mas também mudando seus meios de interação. Os tempos e os lugares das atividades urbanas atuais se relacionam de modo distinto das cidades clássica e industrial. Os espaços de integração social não ficam mais restritos aos quarteirões ou bairros próximos. As relações sociais são tão complexas quanto os diversos espaços que as pessoas habitam ou acessam ao longo de um dia de trabalho, estudo e lazer.

As cidades contemporâneas têm uma **configuração temporal imbricada**, onde as diversas temporalidades da vida urbana não são mais separadas tão nitidamente quanto antes, pois muitas atividades podem igualmente se desenvolver ao mesmo tempo. Elas comportam uma mudança na forma de relacionar-se com o trabalho e com o tempo. Isto ocorre na medida em que sua ordem econômica não mais requer a regularidade da cidade industrial e o trabalho ocupa menos tempo na vida dos indivíduos. Uma das conseqüências práticas dessa nova organização temporal é a substituição das organizações coletivas clássicas por decisões individualizadas e regulações coletivas mais complexas. Para Ascher, ao contrário do que prognostica Virilio, não ocorreu o confinamento residencial ou a substituição dos transportes pelas telecomunicações, nem a diminuição da mobilidade. Houve, sim, um aumento dos deslocamentos. Do mesmo modo, não ocorreu o desaparecimento dos locais de trabalho, e sim o surgimento de novas formas de trabalho que são uma combinatória entre as formas antigas e as formas virtuais. O teletrabalho, por exemplo, não substituiu as formas clássicas de trabalho, mas se articulou a elas. A característica da sociedade hipertexto consiste justamente nessa combinatória entre formas antigas de trabalho, habitação, transporte e formas virtuais dessas atividades.

Outro aspecto tratado por Ascher é a descontinuidade que ocorreu na urbanização, favorecida, de certo modo, pelos transportes coletivos rápidos, que não fazem paradas

intermediárias e criam o "**efeito túnel**", no qual nada acontece entre as paradas. Não é de se estranhar, portanto, que um dos problemas atuais diretamente vinculados à urbanidade seja a falta de identidade com o vizinho, este estrangeiro que está próximo. Ele é resultado da crise da **cidadania,** que gera a impossibilidade de se administrarem ações coletivas, necessárias às vivências humanas. O problema social existente nas metápoles reside na dificuldade em se desenvolver não o governo, mas uma **governância urbana**, entendida como um sistema de relações entre instituições, organizações e indivíduos capaz de assegurar as escolhas coletivas e suas concretizações. Daí ele defender que é preciso desenvolver o que chama de **citadinidade**, uma consciência de pertencimento a uma coletividade urbana, com a prática de direitos e deveres associados.

As tecnologias, na verdade, facilitaram a passagem dos indivíduos de um campo social a outro, estabelecendo um multipertencimento simultâneo a diversos grupos com diferentes referências. O indivíduo participa de grupos de interesse e afinidades gerais: grupo de trabalho, grupo familiar, grupo de identificação ideológica. São grupos que podem estar separados fisicamente, pois as inserções podem ser feitas através da tecnologia.

Paralelamente, as cidades se tornam mais complexas, emergem novas necessidades de coordenação das políticas de urbanismo, de transporte, de habitat, de desenvolvimento econômico. Dessa maneira, o urbanismo e a administração se distanciam das problemáticas antigas do planejamento. Surge um novo profissional que deve ser capaz de considerar a complexidade e a incerteza das dinâmicas urbanas atuais segundo uma também nova administração estratégica urbana. Para Ascher, portanto, não precisamos de adjetivos como "pós-moderno" para nomear os acontecimentos do mundo contemporâneo. As dinâmicas urbanas atuais são **sobremodernas**, pois justamente nosso momento é aquele em que o

projeto de estruturação que caracteriza a modernidade, baseado no uso da razão e da ciência, está mais evidenciado e acelerado do que nunca.

4.3. Convergências e Divergências

Em função do que apresentamos até agora, podemos afirmar que os três autores estudados partilham da idéia de que, simultaneamente ao desenvolvimento e à utilização das Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação (NTIC), desde a última década de 80, vem ocorrendo uma transformação generalizada nas cidades e no urbanismo.

Para Paul Virilio, esta transformação representa o fim das cidades, a desurbanização, o confinamento do cidadão pelo não-deslocamento, cujo modelo passou a ser o de um homem inválido. Este, por sua própria condição, é obrigado a controlar o meio mediante aparelhos sem poder se deslocar, mas o cidadão de hoje é alguém provido de um superequipamento de próteses que, a rigor, deveria disponibilizá-lo a mais deslocamentos e encontros. Mas não é isso o que acontece, pois o espaço urbano acabou perdendo sua realidade geopolítica em prol de um espaço onde vigora um urbanismo sem urbanidade. Estaríamos vivendo numa *cidade sem portas*, regida sobretudo pela instantaneidade do que se passa na onipresente tela catódica, que expulsou o espaço da geografia e introduziu a tecnologia em todos os âmbitos da vida.

Nossa comunidade, se ainda podemos chamar assim, estaria, segundo ele, em vias de desaparecimento. A distância-velocidade, que tomou a frente da noção de distância atrelada à extensão do espaço, veio abolir a noção de dimensão fisica, gerando uma crise da proximidade urbana e da histórica unidade de vizinhança. Outro nome que Virilio dá a esta cidade sem portas é *videocidade*, para ele, a cidade de hoje. Nela, não há escapatória da

supremacia da janela televisual sobre a porta e os meios de acesso tradicionais. O que é próximo e comum se vê desacreditado pela imediatez do que está longe.

François Ascher, ao contrário, busca demonstrar que a atual transformação generalizada da cidade representa uma intensificação do processo de metropolização. O que estaríamos vendo acontecer é uma acumulação de riquezas no interior das cidades, o estabelecimento de novas centralidades, e o aumento e a facilitação das mobilidades. Ou seja, não ocorreu o confinamento residencial, a substituição dos transportes pelas telecomunicações ou a substituição dos contatos humanos e deslocamentos fisicos pelas interações eletrônicas e telecomunicações, como pensava Virilio. Contra estas previsões, utilizando-se de dados empíricos, Ascher afirma que jamais houve tantos deslocamentos sobre pequenas distâncias nas grandes cidades como agora, tanta valorização dos contatos presenciais nos ambientes de trabalho e de lazer quanto na era dos grandes centros comerciais e dos cinemas multiplex. Estamos presenciando, sim, a diversificação dos deslocamentos e dos processos de troca. Portanto, mesmo reconhecendo uma perda da cidadania, ele supõe que a intensificação da metropolização seja capaz de promover novas formas de pensar as relações sociais entre os agora não mais cidadãos, mas *citadinos* habitantes da Metápole.

Manuel Castells afirma que as cidades continuarão a crescer e cada vez mais se subordinarão à lógica informacional de desenvolvimento que resultou da união do capitalismo com a aplicação das NTIC no início dos anos 80. O processo em vigor nesta nova sociedade global será capitalista e também informacional. A partir daí, surge a Cidade Informacional, que deve ser entendida como um *processo*. Nela, a separação no interior das cidades passa a ser mais acentuadamente simbólica e a própria importância das cidades fica subordinada a seu grau de conexão à rede mundial de informação. A decorrência sócio-

política desse fato é o crescente distanciamento entre a elite tecnológica, que decide o poder através do *espaço de fluxos*, e as populações que habitam as cidades e operam através do *espaço de lugares*.

Ao contrário de Castells, Ascher não considera que exista a dual city, e sim que vivemos numa **sociedade ternária**, isto é, não há apenas de um lado os integrados, grupos estáveis econômica e socialmente e de outro os excluídos, grupos marginalizados que estão na posição de assistidos. Há uma numerosa classe intermediária caracterizada por grupos que ocupam empregos e situações sociais frágeis.

Por outro lado, seja na Metápole, na Cidade Informacional ou na Videocidade, as relações de proximidade são enfraquecidas, pois, através da conexão, estas cidades muitas vezes mantém relações e vínculos mais fortes com territórios distantes do que com seu próprio entorno.

Para Virilio, há uma *subordinação* da sociedade à técnica e há urgência em a tecnologia ser politizada, uma vez que somos dominados por ela, não controlamos o que produzimos e não atentamos para o fato de que toda tecnologia está vinculada necessariamente a um acidente específico. Já para Ascher, a técnica é *produto* da sociedade, é utilizada por nós para responder a demandas específicas, e depende das dinâmicas urbanas. Ou seja, como ela é ferramenta, há um condicionamento da técnica às dinâmicas urbanas. Para Castells, o que há é uma *interação* entre sociedade e técnica, não se justificando, portanto, estabelecer-se uma relação de causa e efeito entre ambas.

Quanto aos conceitos de tempo e espaço, que são fundamentais para nosso estudo, os três concordam que mudaram qualitativamente. O tempo não é mais mensurável sob o ponto de vista cronológico, histórico/acumulativo. As NTIC possibilitaram uma fusão de passado, presente e futuro e fragmentou-se o tempo linear, irreversível, previsível, estabele-

cendo um presente contínuo, uma configuração temporal imbricada; é o tempo intemporal. Por sua vez, o espaço que possibilita as práticas sociais de tempo compartilhado não precisa mais ser definido a partir de uma situação geográfica ou de uma geometria euclidiana. Estamos tratando de um espaço ageométrico: um espaço-tempo tecnológico, no qual a eliminação do tempo através da velocidade máxima promoveu uma diferença qualitativa na percepção do próprio espaço. O resultado disso é que o espaço das práticas compartilhadas está na eletrônica, nos fluxos invisíveis à percepção humana, nos fluxos indiscerníveis diante das multifuncionalidades dos lugares. Temos aí, então, algumas características do espaço de fluxos de Castells já situadas anteriormente na obra de Virilio, através do espaço tecnológico. Os encontros e as trocas pessoais passam a estar na dependência de uma ubiqüidade, que é o que se coloca como nossa realidade mais próxima. Assim, reiteramos o que afirmamos na Introdução, oposições até agora claras entre público/privado, perto/longe, dentro/fora, tornam-se definitivamente relativizadas.

Os três autores concordam que o novo estilo de vida que está sendo implantado promove um *individualismo*. Ele é o resultado das crescentes facilidades de o indivíduo organizar seu próprio tempo e espaço. Os laços de relacionamento entre as pessoas se desenvolvem não por proximidade física, mas por proximidade de interesses. Há, portanto, uma crise generalizada da cidadania ocasionada pela não identificação com o que está próximo e pela ênfase em interesses localizados. Se, para Virilio isto significa a perda dos laços diretos e pessoais, para Ascher este estado também gera a valorização do que não é telecomunicável como as relações sociais diretas, os objetos não reproduzíveis e não digitalizáveis.

Além do individualismo, os três autores também concordam que o novo estilo de vida que vem se instalando em todo o mundo a partir da década de 80 gera centralidade na

casa. Os habitantes da casa eletrônica, de Castells, e da casa da mídia, de Virilio, não diferem conceitualmente do sedentário-nômade, de Ascher, que, enquanto sedentário, instala-se em sua habitação, e, enquanto nômade, circula com seus objetos igualmente nômades, ou seja, porta sua habitação pelos espaços múltiplos da metápole.

Já a questão do trabalho ganha abordagens distintas. Virilio afirma que há um confinamento aprisionador e uma redução dos espaços em função da concentração num terminal de tela de computador, de onde podemos executar todas as tarefas. Para Castells, na verdade, haveria descentralização e diversificação dos locais de trabalho, principalmente tendo como base a nova configuração organizacional que se instalou no mundo. Segundo Ascher, o que ocorre é a multiplicação das possibilidades decorrentes da combinatória entre formas antigas e as formas virtuais de trabalho, que criam novas polarizações e centralidades espaço-temporais de acordo com este modelo combinatório. Isto pode ser verificado em locais de multifuncionalidades que funcionam 24 horas por dia.

Como dissemos, em *A Guerra Pura*, texto de 1983, Virilio afirma que "o futuro é o fim das cidades, é a desurbanização" (p. 108). Catorze anos depois, em 1997, em entrevista à *Folha de São Paulo*, dirá que "o futuro é a metropolização" (Milan, 1999: 25). Isto difere do sentido dado por Ascher ao afirmar que estamos em pleno processo de metropolização. Para Virilio, a metropolização representa um empobrecimento, uma terceiro-mundialização das cidades em geral que resultaria tanto numa desertificação das cidades menores quanto no deslocamento populacional em direção às grandes cidades em busca de oportunidades de emprego. Decorreria daí uma hiperdensificação produtora de cidades, que podem ser comparadas a verdadeiras galáxias e nebulosas. Estaríamos, então, assistindo a uma nomadização das populações, que se deslocam dos Estados-Nações para as cidades, cuja tendência é, inversamente, se tornarem Estados-Cidades. Em Ascher, ao contrário, o

processo de metropolização é caracterizado pelo crescimento e pela multiplicação das grandes aglomerações, mas cuja progressiva concentração das populações, das atividades e das riquezas em seu interior, ao invés de empobrecimento generalizado, resultaria no surgimento da metápole onde ocorre uma produtiva interligação de lugares e atividades, que, sob uma "governância" adequada, estaria apta a absorver as novas modalidades de vida. Castells associa a metropolização a um processo de centralização/descentralização. Centralização em alguns centros urbanos de informação de alto nível que permanecem dependentes da infra-estrutura e da descentralização de suas atividades e serviços. Outro fenômeno a que Castells e Ascher se referem e do qual buscam tirar conseqüências importantes em relação ao futuro das cidades é o da chamada "glocalização", isto é, a influência da articulação das dinâmicas local e global nos espaços urbanos.

Pudemos também destacar uma relação bastante estreita entre as concepções de poder concentrado no Espaço de Fluxos, de Castells, e de poder da velocidade, em Virilio. Ambos fazem parte da lógica estabelecida pelos sistemas tecnológicos que direcionam a riqueza e a força produtiva para a aceleração da informação, ao mesmo tempo que vedam o acesso a estas riquezas e forçam à exclusão a grande maioria daqueles que se tornam os novos excluídos do mundo de hoje: os desconectados da sociedade em rede.

4.4. Quadro Comparativo

Apresentamos a seguir um quadro comparativo, que situa as diferentes abordagens de cada autor. Após a leitura e através da análise do quadro comparativo, podemos encaminhar mais algumas conclusões a respeito dos autores e do assunto estudado. A cidade é vista de diferentes perspectivas. Temos a impressão de que Castells se utiliza

primeiro do entendimento geral das configurações das redes de comunicação e das tecnologias para chegar a cidade. É uma análise da situação mundial como um todo e as cidades dentro desta configuração. A cidade é analisada a partir desta nova configuração social. Por isto a cidade é vista como nó da economia como um processo, "local" de um "em curso", vulnerável e subordinado a hierarquia da rede.

Virilio desenvolve suas idéias tendo como base o questionamento das modificações promovidas pela técnica, vinculadas a perda do contato humano e da subjetividade que eram decorrentes da proximidade física e da manutenção de referências geográficas, históricas, sociais e temporais. Este novo processo representa, para ele, um empobrecimento generalizado das relações do homem. Deste modo, existe uma redução evidente em todos os setores da vida e da cidade. Temos a impressão que sua análise é carregada de intencionalidade crítica e de questionamento. A cidade está descaracterizada e suas funções submetidas a intermediação das tecnologias. Sendo assim, a cidade é apreendida através do vídeo. Nossa apreensão do mundo é intermediada pela mídia. O espaço e o tempo são modificados pela tecnologia. A própria tecnologia é um elemento estranho que interfere na sociedade.

Ascher faz uma abordagem onde temos a impressão de que o ponto de partida é a cidade historicamente situada e suas transformações evidentes. Analisa o processo de metropolização na França e nos países industrializados, os ciclos econômicos associados aos ciclos urbanos e suas co-relações. Apresenta a metápole como um modo de vida, uma cultura que se constrói. Busca conceituar uma realidade que está se instalando. Sua indicação é de intensificação, enriquecimento dos espaços.

Os três reconhecem um problema de identidade com o entorno, o local, devido a forte vinculação que está se estabelecendo com regiões distantes, através do uso das

tecnologias. Mas Ascher propõe uma governância Metapolitana capaz de dar conta da questão.

Posto isto, cabe ressaltar que todos os autores reconhecem a nova realidade que se instala nas cidades e suas análises nos auxiliam a construir uma nova configuração urbana, onde é possível estabelecer uma correspondência com os conceitos dos três autores: a dinâmica da cidade contemporânea considera uma nova relação do homem com seu entorno, uma nova ambiência está sendo gerada; a nova configuração é carregada de perda das referências anteriores, sejam geográficas, espaciais ou de imagem particular dos espaços da cidade; existe a assimilação de novas referências que não têm como base necessariamente o que está próximo; as tecnologias estão intermediando as relações do homem com o entorno; existe uma exclusão evidente deste processo para uma grande camada da sociedade; o processo de globalização não é homogêneo, nem igual nem comum a todos. É seletivo e segregador. Está sendo intensificado em áreas que já eram favorecidas; portar as ferramentas adequadas ao novo paradigma tecnológico da informação tem um preço que só alguns podem pagar; o multipertencimento, a mobilidade social é uma realidade; o enfraquecimento das relações de proximidade estão promovendo uma crise de cidadania generalizada; as trocas em todos os sentidos, são mais rápidas e acentuadas. Existe uma disponibilidade de assimilação de novas informações; o tempo mudou, não há necessariamente uma correspondência com o tempo cronológico; há uma relativização dos conceitos. As oposições estão enfraquecidas, perto-longe, dentro-fora, público-privado, real-virtual, são alguns exemplos de que definitivamente estes conceitos estão sendo modificados; o espaço de fluxos ou espaço tempo tecnológico mudou nossa percepção do espaço ligado a geografia.

Estamos em meio a um processo de transformação e assimilação de uma nova cultura, onde a tecnologia e a alta mobilidade passam a ser integrantes da nova realidade. O homem entra num processo eminentemente social. As cidades estão mudando, mas continuam sendo locais vitais e de grande importância para a cultura. Não há como desconsiderá-las ou dissociá-las do novo processo urbano-social-econômico. As cidades fazem parte da nova realidade emergente e continuarão sendo peças –chave para o processo de evolução da cultura e do homem.

4.4. QUADRO COMPARATIVO DOS CONCEITOS E IDÉIAS DE PAUL VIRILIO, MANUEL CASTELLS E FRANÇOIS ASCHER

Conceito/Tema	*Paul Virilio*	*Manuel Castells*	*François Ascher*
Ambiência	Telelocalização	Hipertexto Histórico Eletrônico	Multipertencimento/Deslocalização
Arquitetura	Arquitetura de Sistemas / Desrealização Atectonia / Arquitetura levanto vôo	Arquitetura da Nudez/ Homogênea Ahistórica e Acultural	
Capitalismo	Capitalismo ainda como oposição ao Comunismo e referência na tensão entre EUA e URSS	Capitalismo Informacional Rede Integrada de Capital Global	Capitalismo Cognitivo Geografia do Mercado
Casa	Cruzamento dos meios de comunicação de massa Supremacia da Janela Televisual	Multimídia gera Centralidade na Casa Nova Casa Eletrônica	Ponto Fixo
Cidade	Videocidade / Cidade Sem Portas Cidade Eterna (Capital do Fim do Tempo)	Cidade Informacional / Megacidades Cidade Global é um Processo	Metápole Cidade de Todas as Temporalidades
Cultura	Cultura da Informação Mediatizada	Cultura da Virtualidade Real/Nova Cultura Global	Multiculturalismo
Efeitos das Novas Tecnologias	Persistência Retiniana / Ubiquidade Transparência / Instanataneidade	Geração de Conhecimento Processamento da Informação	Acrécimo de deslocamento Intensificação do Processo de Metropolização
Futuro das Cidades	Futuro é o fim das Cidades / Desurbanização MetaCidade Teletópica	Cidades cuja importância está subordinada a hierarquia da Rede	Terceira Cidade Moderna
Espaço	Espaço Tempo Tecnológico / Espaço está na eletrônica / ubiquidade ótico-eletrônica	Espaço de Fluxos / Espaço é a expressão da Sociedade / Espaço Organiza o Tempo	Novas Centralidades Espaço-Temporais Mosaico/Multifuncionalidade
Global e Local	Nodal substitui o central	Nem Global nem Local, uma Nova Articulação da Dinâmica Local/Global	Glocalização Hibridização/combinação Global-Local
Local de Trabalho	Escritório-Visor Confinamento Inercial	Descentralização do escritório Diversificação dos locais de trabalho	Combinatória entre formas antigas e virtuais
Política	Dromocracia / Cronopolítica	Elite Empresarial Tecnocrática e Financeira	Governância Metapolitana
PúblicoXPrivado	Declínio do Espaço Público Superexposição Generalizada	Comunicação Eletrônica estendida para todo o domínio da vida	Multifuncionalidade dos Lugares Relativização da oposição PúblicoXPrivado
Sociedade	Sociedade Dromocrática Sociedade da Passagem Sociedade do Desaparecimento	Sociedade Capitalista Informacional Sociedade em Rede Sociedade na Efemeridade Eterna	Sociedade do Hipertexto/Sociedade Ternária/ Sociedade Reflexiva/ Sociedade de Todos os Riscos
Tecnologia X Sociedade	Não controlamos o que produzimos Somos usados pela Tecnologia	Tecnologias são apenas instrumentos Interação entre Tecnologia e Sociedade	Tecnologias são Produtos da Sociedade Tecnologia orientada para responder a exigências
Tempo	Povoamento do Tempo / Inércia Polar Distância-Tempo/Aceleração/Velocidade	Tempo Intemporal Suplantação do Tempo Sequencial	Configuração Temporal Imbricada Diversas Temporalidades Simultâneas
Urbanismo	Sem Urbanidade/Urbanismo é composto e decomposto pelos sistemas de transferência, trânsito e transmissão	Urbanismo e Estado juntos no processo sócio-espacial, contrário ao Estado do bem estar	Meta-Urbanismo Administração Estratégica Urbana

CONCLUSÃO

Os dados estatísticos mostram que continua crescendo a quantidade de pessoas que moram nas cidades. O crescimento vegetativo da população urbana é apenas uma de suas causas. Na média mundial, 40% do crescimento urbano se devem à migração do campo para a cidade[1]. Se o crescimento fosse concentrado em um só lugar, a cada mês teríamos uma nova cidade do tamanho de Hong Kong (6,1 milhões de habitantes). Nos países pobres a urbanização chega a 5% ao ano, sendo muito mais acelerada que nos países desenvolvidos, onde a taxa é de 0,7% ao anuais. Como conseqüência, de 1995 a 2015 a população urbana nos países subdesenvolvidos deverá crescer 52%, ao passo que nos países desenvolvidos esse índice será de 7%. Em 1950, havia cerca de 100 aglomerações urbanas no mundo com mais de 1 milhão de habitantes, a maioria nos países ricos. Em 2015, segundo a ONU, haverá 527 cidades, sendo que três em cada quatro estarão nos países menos desenvolvidos. Esses dados, entre outros, revelam claramente que as cidades estão no centro das questões contemporâneas e que buscar entender o fenômeno urbano atual é tarefa importante e complexa no campo disciplinar do Urbanismo

Ao iniciarmos nossa pesquisa, tínhamos uma visão geral sobre o trabalho dos três autores que nos propusemos a estudar. Eles são conhecedores da questão das cidades contemporâneas e das novas tecnologias. Suas considerações e teorias são condizentes com as referências que organizam suas idéias. Desse modo, ainda que pontualmente possamos estabelecer oposições claras entre as idéias que apresentam – "estamos em processo de desurbanização e o futuro é o fim das cidades", ou "estamos

[1] TOLEDO, José Roberto. FOLHA DE SÃO PAULO, 02/05/1999. Cad. Especial, p. 25

participando de um momento de exacerbação da forma urbana e de intensificação de um processo de metropolização"? –, acreditamos que, em função das referências que os orientam, os conteúdos das idéias de cada um são relevantes independentemente de seus prognósticos serem favoráveis ou não ao futuro das cidades.

Se associarmos ao entendimento do que nos propõe Virilio, tanto a referência da cidade como unidade de lugar, como modo de relação social, como local das trocas, das influências, das inter-relações diretas dos indivíduos, da política; quanto com base na tradição urbanístico-filosófica centrada na questão do homem como medida de todas as coisas, observamos uma coerência entre seus argumentos e os desenvolvimentos e prognósticos.

Manuel Castells é referência de estudo para o nosso campo em vários momentos. Para estudarmos, por exemplo, a cidade industrial é fundamental recorrer a seus minuciosos dados e levantamentos históricos e sócio-econômicos. Quando apresenta a Cidade Informacional e a Sociedade em Rede, utiliza a referência da dinâmica econômica e social que permeia as transformações contemporâneas. É, portanto, justificado considerar que ele faz um "retrato" bastante coerente do mundo em que estamos vivendo. Sua contribuição é inegável para o esclarecimento e descortinamento de questões muitas vezes tratadas de forma velada. Por exemplo, o fato de existir uma distância cada vez mais instransponível entre a elite gerencial que decide sobre o poder no mundo e os demais habitantes do planeta, de modo que não seria mais possível pensar que as políticas efetivamente decisórias representam os anseios de uma maioria quantitativa.

François Ascher apresenta uma visão evolucionista da sociedade contemporânea. Traz a questão da "sobremodernidade" (assim chamada por Anthony Giddens) como conjunto de fenômenos sociais emergentes e como forma avançada da racionalização da

sociedade moderna. Para ele, as transformações da cidade são uma exacerbação do curso de evolução anterior que tivera no modernismo seu ponto mais alto e distinto de realização. Ao apresentar as cidades em ciclos e situar a crise da cidade fordista, suas ponderações trazem à tona a questão da gestão urbana, desta maneira denunciando o ponto de partida de sua análise. Supomos, portanto, que sua referência básica seja também geográfica, política e social.

Conseqüentemente, retomando a dupla pergunta colocada no segundo parágrafo desta Conclusão – "estamos em processo de desurbanização e o futuro é o fim das cidades", ou "estamos participando de um momento de exacerbação da forma urbana e de intensificação de um processo de metropolização"? –, parece-nos possível ultrapassar a aparente oposição nela presente se buscarmos afirmar que, do ponto de vista da cidade tradicionalmente conhecida, como localização espacial geográfica definida, como local do face a face, da urbanidade, o futuro é, sim, o "fim das cidades". Porém, uma vez que as estatísticas apontam que a população urbana está em franco processo de expansão, que o século XXI, como dito em nossa Introdução, será um século essencialmente urbano, é possível também reconhecer que as cidades estão se transformando e que está, sim, acontecendo um crescente processo de metropolização. Também podemos afirmar que existe total coerência entre as duas perguntas acima, se reconhecermos que desurbanização em Virilio significa o deslocamento das pequenas para as grandes cidades, o crescimento desorganizado de grandes metrópoles que gera a perda da identidade local e da urbanidade. Por outro lado, do ponto de vista informacional e da utilização generalizada das NTIC, a cidade global é um processo efetivamente em curso e em evolução contínua. Neste movimento, não há lugares garantidos e a importância das cidades dependerá do seu grau de conexão à rede mundial de informação.

Não se trata para nós de privilegiar a visão de um ou outro autor. Uma vez que podemos situar os contextos nos quais suas idéias foram concebidas e suas respectivas referências, estamos em condições de buscar uma compreensão que não exclui as variáveis que cada um apresenta. Parece-nos mais acertado, portanto, ao invés de oposições de idéias, falar de diferentes campos de abordagem. Existem referências específicas que os norteiam para que apresentem suas idéias e construam suas demonstrações do modo que fazem. Estas referências são justamente os campos de pensamento, os saberes e autores em que se apoiaram, os conceitos e a via de condução que escolheram. Desse modo, podemos afirmar que os três, em última instância, apesar de utilizarem diferentes caminhos, apresentam a cidade que vemos emergir atualmente ainda tendo como base principal de referência o tradicional conceito de cidade que efetivamente conhecemos e habitamos. Então, mesmo quando se nega um futuro, nega-se futuro para estas cidades tal como foram concebidas até hoje. Assim, diríamos que, na intensificação ou na transformação do urbano que os autores nos apresentam, há uma continuidade histórica e diferenças apenas contingentes e conjunturais dentro de uma mesma e tradicional estrutura espacial.

Apesar de Castells falar em "descontinuidade histórica", quer nos parecer que os três apresentam uma perspectiva evolucionista de abordagem da questão urbana, onde não se pode evitar um "em curso", uma relação de causa e efeito, uma seqüência ordenada de eventos que, por si mesma, confere sentido ao que estaria por vir. A referência destes encaminhamentos, ainda que reconheçam o caráter inédito dos novas configurações urbanas, está, portanto no passado, na história clássica e moderna das cidades[2].

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO
BIBLIOTECA

---

[2] Consideramos aqui as cidades *Clássica* e *Moderna*, no sentido dado por Ascher (2000: 32-3). A cidade clássica é caracterizada por uma concepção que reinterpretou as ordens greco-romanas e as expressou nas formas arquiteturais e urbanas. A marca do Renasci-

Entendemos que vivemos um momento histórico onde a cidade que está emergindo é grande demais, complexa demais para que um urbanista, um único arquiteto, um único artista possa desenhá-la, possa impor a ela seus desígnios de leitura e articulação. A cidade já não se deixa reduzir à grande utopia modernista. A limitação desapareceu com a urbanização quase ilimitada: não podemos mais ver uma cidade, nem entrar ou sair dela. Ela se tornou "anóptica". Isto se deve, de um lado, à presença material de uma cidade infinita, infinitamente extensível, e, de outro, ao desaparecimento concomitante das marcas de identificação que repousam na oposição cidade/não cidade[3].

O lugar, sob a perspectiva da utilização plena das tecnologias, se dissolveu como invólucro. A comunicação se realiza num espaço de características abstratas, que não requerem mais uma presença. As comunicações telefônicas são responsáveis por um elo e construíram uma espécie de invólucro virtual[4], do qual agora participam todas as formas de comunicação a distância.

---

mento – seu processo crescente de individualização, racionalização e diferenciação – está encarnada nos desenhos dos espaços urbanos, no traçado das avenidas, na concepção dos jardins, na separação dos lugares de trabalho e de moradia, na invenção dos passeios públicos e das vitrines, nas edificações com função simbólica, no desenvolvimento dos subúrbios, na definição das categorias espaciais e jurídicas dos espaços públicos e privados. Já o urbanismo moderno aplicou às cidades o tipo de organização que se via nas indústrias: a racionalização taylorista. Esta nova organização urbana foi largamente aplicada nos espaços urbanos, nos equipamentos coletivos e serviços públicos, respondendo às exigências econômicas, técnicas, sociais e políticas do industrialismo em geral, e do fordismo no período mais recente. As maneiras de conceber, realizar e gerir as cidades modernas, foram desenvolvidas em conformidade com os modos de pensamento dominantes e constituíram o que se tem qualificado de urbanismo fordo-keynesio-corbusiano.

[3] CAUQUELIN, A. "A Cidade Contemporânea e a Arte Contemporânea", in: **Arte e Ensaios**, Revista do Mestrado em História da Arte, EBA-UFRJ, 3(1): 31-35, 2o. semestre, 1996, p. 34

[4] CAUQUELIN, A., Op. Cit., p. 34

Qualquer ser humano de qualquer ponto do planeta pode entrar e sair deste invólucro e participar, como membro ativo, da cidade mundial. O urbano e a urbanidade se definem portanto pelo fato de o indivíduo ser articulado ou não a uma rede de inter-relacionamentos eletrônicos. O local de moradia não é mais um critério de distinção entre cidade e não cidade[5].

Pretendemos desenvolver uma pesquisa posterior, na suposição de que a cidade emergente está, de um modo nunca antes visto, vinculada à conectividade física e eletrônica, o que modifica estruturalmente a base das considerações que possamos tecer sobre ela. Essa radical tansformação, evidentemente, não constitui para nós uma anulação das análises tradicionais, mas resulta de que estas análises, justamente por terem sido levadas às suas últimas conseqüências tanto pelos autores que estudamos aqui quanto por outros, nos levaram a tomá-las como definitivas em suas grandes linhas e exigentes de um outro referencial mais de acordo com o que efetivamente acontece hoje em decorrência da aceleração informacional dos anos 1980.

Nossas considerações serão desenvolvidas a partir do princípio de que, **no mundo contemporâneo, ser urbano é ser conectado.**

Ao invés de cidadão ou citadino, nesse contexto é mais apropriado retomar o antigo conceito de *cosmopolita*, 'cidadão do mundo', entendido como todo aquele que portar as ferramentas adequadas e tiver as possibilidades de conexão e movimento. Os acontecimentos das trocas materiais, pessoais, mentais e financeiras; do estabelecimento dos vínculos sociais; da inserção social, política e econômica, se darão mediante a interface dos equipamentos que lhe são disponíveis. Como a cidade é o local destes acontecimentos, ela estará, portanto, onde o cosmopolita estiver. Urbanismo, neste caso, seria o *Orbanismo*[6] do século XXI, onde, não mais tendo como referência fronteiras ou

---

[5] CAUQUELIN, A., Op. cit., p. 34

[6] Urbe = cidade; Orbe = globo, mundo, universo.

limitações, estaríamos tratando não só o mundo, mas também o universo conhecido e por conhecer como nossa cidade.

Essa forma de situar a questão não é nova. Alguns autores, em diferentes campos do conhecimento, já apontam para esta direção. Por exemplo, o diretor do Instituto McLuhan de Tecnologia e professor da universidade de Toronto, Derrick de Kerckhove (1995: 98, 123), afirma que, no contexto informacional que apresentamos, a arquitetura e o planejamento urbano começarão a ser pensados em termos da acessibilidade de comunicação, e não em termos de infra-estruturas viárias e hídricas. Não é o mundo que está se globalizando, somos nós. Para dar sentido ao que quer dizer, ele produz uma nova terminologia e afirma que o trabalho do *cyberteto*[7] é criar caminhos confiáveis e ambientes proveitosos no cyberespaço e entre o cyberespaço e o espaço real (Kerckhove 2001: 70). Podemos aí acrescentar que estamos então falando da *cybertetura*, que é a concepção de uma arquitetura onde as ferramentas e questões em jogo estão imersas no novo ambiente tecnológico e digital que estamos começando a habitar.

No Brasil, MD Magno é um psicanalista e pensador das questões da contemporaneidade, com vários livros publicados, que reformatou o aparelho teórico-clínico da psicanálise na década de 80, colocando-o em sintonia com a nova dinâmica informacional que então tinha início. Ele afirma que estamos vivendo um momento único da humanidade, em que os movimentos da cultura, a aceleração da tecnologia, dos meios de comunicação, da Internet e o desvigoramento das idéias supostamente fundamentadoras ao longo da história estão recompondo as vinculações individuais e coletivas. Segundo ele, estamos num momento de transição, entrando em um novo momento da

---

[7] Do mesmo modo que, etimologicamente, o termo *arquiteto* vem do grego *arche*, 'primeiro' ou 'origem', e *tékton*, 'carpinteiro' ou 'construtor', substituindo-se *arche* por *kyber*, 'leme', 'timão', 'governo', 'direção', mantém-se o elemento construtor, mas adiciona-se o novo campo da navegação interativa à função daquele que seria não mais o arquiteto, e sim o *cyberteto*.

humanidade, que, de acordo com concepções longamente desenvolvidas em sua teoria, é denominado *Quarto Império*, no qual a referência fundadora e determinante de nossas maquinações culturais será, daí por diante, cada vez mais abstrata e generalizante (Magno 1998: 206). Nessa perspectiva, as novas configurações urbanas, atravessadas pelas tecnologias avançadas, expressam um novo modo de gerir as informações e fluxos que a cidade produz. Neste momento de transição, de incertezas e quebras de fundamentos, a sociedade é tomada por um grande movimento oscilatório entre acelerar ou impedir as mudanças. Assim, muitas vezes tenta-se regredir para o tempo em que se acreditava nos fundamentos. Daí a explosão de recrudescências religiosas, de nacionalismos e de acirradas crenças étnicas em meio a um processo radical de mudança de comportamento e transformação na cultura.

Enquanto revíamos este estudo, fomos surpreendidos, em 11 de setembro de 2001, por um ato que vem mudar diversos mapeamentos de modos de ação e produzir um marco que efetivamente introduz o mundo contemporâneo no novo século. Sob o olhar planetário da rede a cabo, vimos um avião "aterrissar" sobre o Pentágono, em Washington, atingindo o símbolo político do poder americano. E aviões que "entram" no World Trade Center, em Nova Iorque, explodindo em minutos suas duas torres, monumentos do poderio econômico da cidade. Algum desavisado poderia pensar que estava assistindo a um filme produzido em Hollywood e provavelmente protagonizado por um herói americano. Ao contrário, era a realidade sem heróis ou vilões reconhecíveis até o momento instalando-se definitivamente na cidade. Era a radical utilização da tecnologia, da mídia e da cidade promovendo um ato de terror. Era o terrorismo se utilizando dos recursos urbanos contemporâneos, e sendo assistido em rede, ao vivo, com audiência planetária.

E a cidade, cenário da história do homem, criada pelas vicissitudes do homem e considerada uma grande representação da condição humana, é justamente o palco escolhido para essas ocorrências.

Segundo Paul Virilio[8], este evento é do tamanho de Hiroshima, mas no sentido inverso. Hiroshima funda a era nuclear, na qual as guerras são controladas pelas grandes potências. Agora, estamos na era do máximo de violência com o mínimo de recurso. É o momento em que, com os progressos na área da química de explosivos associados à difusão da informação, um único homem poderia provocar uma guerra.

Interessante observar que este acontecimento nos faz questionar as três formulações apresentadas por Castells (1999: 481,482) sobre as conclusões dos países desenvolvidos, para tornar uma guerra de certa forma aceitável à sociedade: 1) não envolver cidadãos comuns; 2) deve ser curta, para que as conseqüências não subsistam e suscitem questões sobre as justificativas para a ação militar, 3) deve ser limpa, cirúrgica, mantida dentro de limites razoáveis e escondida da visão pública. Neste caso, a guerra começou em Nova Iorque e Washington, envolvendo cidadãos comuns e área estritamente civil, já dura meses, suscitando diversos questionamentos sobre sua eficácia, e é possível acompanhar os ataques de revide que explodem os alvos no Afeganistão através da rede a cabo em qualquer lugar do planeta.

Octavio Ianni[9] disse que o mundo já é uma imensa cidade. Nosso globo terrestre está sendo transformado em sua natureza original pelas intervenções humanas. São vilarejos, cidades grandes, cidades pequenas, megacidades, metápoles, videocidades, estradas, mapeamentos de espaços aéreos, infovias, que estão sendo permeados pela atividade social, na qual a espécie humana é representada por todas as suas facetas. Aí,

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO
BIBLIOTECA

---

[8] VIRILIO, Paul. 'O Ataque ao WTC era Previsível'. Entrevista a Hugo Sukman. O GLOBO, 16/09/2001. Caderno Especial, p. 9

o trabalho, o lazer e o capital estão ligados de um modo nunca antes visto no decorrer da história. Muitos são os fios que tecem a cultura, a sociedade e a urbanidade, mas é na cidade que, essencialmente, as transformações acontecem e ganham visibilidade. Local das manifestações, frustações, criações e tensões da espécie, a cidade é a síntese da sociedade. Portanto, é necessário sobretudo pensar – e não temer – a nova cidade enquanto portadora de uma nova humanidade gerada a partir das técnicas avançadas da robótica, da virtualização do cotidiano e do novo ciclo de globalização do capitalismo associado às tecnologias de ponta.

Muitos intelectuais têm buscado dar conta do momento atual. Surgem as mais diversas explicações. Algumas buscando se apoiar no passado, no já sabido. Outras, apostam no que está por vir e, muitas vezes, são consideradas visionárias ou especuladoras. Mas alguns pontos, a nosso ver, já ficaram bastante evidenciados: os conceitos utilizados até agora não são mais suficientes para traduzir as questões surgidas hoje. Queiramos nós ou não, o ponto de vista e as referências mudaram. É preciso, portanto, urgentemente buscar situar as questões dentro da nova perspectiva que se instalou no mundo.

Considerando a história da humanidade mediante o percurso de uma sociedade baseada nas relações entre natureza e cultura, podemos, junto com Castells (1999*a*: 505), pensar que estamos em um terceiro estágio da evolução humana. Houve um primeiro momento em que existia uma dominação da natureza sobre a cultura. Aí, o homem vivia sob o medo das intempéries, do clima e do desconhecido. Era uma relação de sobrevivência para com a natureza. Num segundo momento, com a utilização da razão e da ciência, atingiu-se um estágio de dominação da natureza pela cultura. O clima e o dia metereológico foram controlados produzindo-se uma dissociação no ritmo

---

[9] IANNI, Octavio. A Cidade Hiper-Real. FOLHA DE SÃO PAULO, 19/08/2001. Cad.

imposto pelas forças naturais. Foi uma relação de conquista da natureza. Atualmente, estamos num estágio em que, após termos suplantado a natureza a ponto de nos obrigar a preservá-la artificialmente como uma forma cultural, a cultura passa a referir-se sobretudo à própria cultura. Neste sentido, após termos alcançado o nível de sabedoria e organização social que nos leva a viver um mundo predominantemente social, a história estaria começando, e não terminando como quiseram alguns autores do final do século XX. Estamos, sim, no início de uma nova era.

Podemos, portanto, especular que estamos imersos num contexto comparativamente novo de existência. Nele, nossa referência, se pudermos nos expressar desta forma, está no futuro. Está por ser construída uma nova humanidade, que representará conseqüentemente uma nova sociedade e uma inédita concepção de cidade. Um novo mapeamento, provavelmente não mais geográfico, irá constituir as cidades e as bases de relacionamento e troca que nela ocorrerão. É desta perspectiva que parte nosso interesse em continuar desenvolvendo este tema fundamental para o futuro de nossa sociedade: o entendimento da Nova Cidade, que está emergindo neste momento singular da história do homem.

Considerações

A cidade contemporânea é toda e qualquer que exista no momento presente. Ser contemporâneo é viver/existir numa mesma época, no nosso caso é na época atual. No nosso título associamos as cidades contemporâneas às novas tecnologias, com o objetivo de delimitar nosso foco: entre as cidades existentes no momento presente, nos interessa estudar os efeitos resultantes entre cidades e tecnologias. Quando acrescentamos que este estudo seria segundo Paul Virilio, Manuel Castells e François Ascher, especificamos as fontes de referências para este trabalho.

Mais!

Com este mapeamento inicial, foi possível estabelecer algumas indicações segundo estes autores. No início, tínhamos a impressão de que as tecnologias são ferramentas facilitadoras do processo de inclusão social. Com o decorrer da pesquisa, foi observado que as tecnologias além de facilitadoras - enquanto ferramenta -, também participam de um processo de exclusão gerado pelo preço e pelos protocolos de acessos. Isto é, não estão disponíveis gratuitamente e não se acessa a todo e qualquer lugar indiscriminadamente. Deste modo, apesar da perspectiva da banalização e barateamento do seu uso no futuro, atualmente as tecnologias são excludentes e participam de um processo de exclusão social. Se, por um lado temos uma mobilidade e multifuncionalidade dos espaços e usos, o processo democrático no território urbano fica comprometido, na medida em que para a utilização das tecnologias existem preços para o uso e protocolos de acesso.

O individualismo é base para as estruturas de relacionamento. Os cidadãos tendem a estruturar suas atividades e existência de modo cada vez mais pessoal. Isto gera um desafio ainda maior para a gestão urbana, já que talvez não seja mais o caso de formular grandes soluções para grupos numerosos. Estamos diante de um momento onde além de repensarmos o urbanismo diante desta nova realidade, a própria gestão urbana está sendo questionada e, temos a impressão de que cada vez mais teremos que utilizar soluções *ad hoc*. Isto significa soluções direcionadas para casos específicos, e não aplicáveis de modo generalizado.

Neste momento desta pesquisa, nos questionamos se ainda é o caso de chamarmos de "novas" as tecnologias da informação e comunicação. Em primeiro lugar porque tecnologia, do modo como estamos situando, implica numa superação permanente, é um processo em curso onde estão implícitas novas soluções. Em segundo lugar, porque esta terminologia talvez fosse mais apropriada nas décadas de setenta e

oitenta do século passado, quando esta família de técnicas estava em fase de implantação. Atualmente poderíamos dizer que, dentro de certo contexto, existe uma incorporação destes mecanismos, onde estão indissociáveis de um modo de funcionamento.

Falar das cidades e tecnologia é uma pesquisa muito estimulante, atual, que pretendemos dar continuidade.

BIBLIOGRAFIA

ARGAN, G. C. Cidade ideal e cidade real. In: *História da Arte como História da Cidade.* Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1992.

ARANTES, Otília. Da Cidade como Lugar à Cidade como Não-Lugar. In MACHADO, Denise B. Pinheiro. VASCONCELLOS, Eduardo Mendes de. (orgs) *Cidade e Imaginação.* Rio de Janeiro: UFRJ/PROURB, 1996.

ASCHER, François. [1995] *Metápolis; acerca do futuro da cidade.* Oeiras: Celta Editora, 1998. Trad.: Álvaro Domingues

_____. [2000] *Événements nos Dépassent, Feignons d'en être les Organisateurs; essai sur la société contemporaine.* La Tour d'Aigues: L'Aube, 2000.

CALVINO, Italo. [1972] *As Cidades Invisíveis.* São Paulo: Companhia das Letras, 1998. Trad.: Diogo Mainardi

CASTELLS, Manuel. [1972] *A Questão Urbana.* São Paulo: Paz e Terra, 2000.

_____. [1989] *La Ciudad Informacional; tecnologías de la información, reestructuración económica y el proceso urbano-regional.* Madrid: Alianza Editorial, 1995. Trad.: Raúl Quintana Muñoz

_____. A Sociedade em Rede. [1996] In *A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura – vol. I.* São Paulo: Paz e Terra, 1999*a*. Trad.: Roneide Venancio Majer

_____. [1996] O Poder da Identidade. In *A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura – vol. II.* São Paulo: Paz e Terra, 1999*b*. Trad.: Klaus Brandini Gerhardt

_____. [1997] Fim de Milênio. In *A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura – vol. III.* São Paulo: Paz e Terra, 1999*c*. Trad.: Klaus Brandini Gerhardt

DEBORD, Guy. [1967/1988] *A Sociedade do Espetáculo; comentários sobre a sociedade do espetáculo.* Rio de Janeiro: Contraponto, 1997. Trad.: Estela dos Santos Abreu

DELEUZE, Gilles. [1972-1990] *Conversações.* Rio de Janeiro: editora 34, 1992.

FORRESTER, Viviane. [1996] *O Horror Econômico.* São Paulo: Unesp, 1997. Trad.: Álvaro Lorencini.

FOUCAULT, Michel. [1993] Espaço e Poder. In CIDADE: Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional no. 23. Rio de Janeiro: IPHAN, 1994. p. 138-145

GUATTARI, Felix. [1989] *As Três Ecologias.* São Paulo: Papirus Editora, 1990. Trad.: Maria Cristina F. Bittencourt. Rev. trad.: Suely Rolnik

_____. [1990-1992] *Caosmose: um novo paradigma estético.* Rio de Janeiro: editora 34, 1993. Trad.: Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão

HARDT, Michael. [1996] La société mondiale de contrôle. In *Gilles Deleuze. Une Vie Philosophique.* Paris: Institut Sintelabo, 1996. p. 359-375

HARDT, Michael. NEGRI, Antonio. [2000] *Império.* Rio de Janeiro: Record, 2001. Trad.: Berilo Vargas

HOBSBAWM, Eric. [1994] *Era dos Extremos; O breve século xx (1914-1991).* São Paulo: Companhia das Letras, 1995. Trad.: Marcos Santarrita

IANNI, Octavio. [1996] *A Era do Globalismo.* 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

KERCKHOVE, Derrick de. [1995] *A Pele da Cultura; uma investigação sobre a nova realidade eletrônica.* Lisboa: Relógio d'Água, 1997. Trad.: Luís Soares e Catarina Carvalho

_____. *The Architecture of Intelligence.* Basel/Suíça: Birkhäuser – Publishers for Architecture, 2000.

LERUP, Lars. New Babylons: Urbanism at the End of the Millenium. Assemblage 25, Massachusetts Institute of Technology

LÉVY, Pierre. [1990] *As Tecnologias da Inteligência; o futuro do pensamento na era da informática.* Rio de Janeiro: Editora 34, 1993. Trad.: Carlos Irineu da Costa

_____. *Cibercultura.* São Paulo: Ed. 34, 1999. Trad.: Carlos Irineu da Costa

MACHADO, Denise B. Pinheiro. VASCONCELLOS, Eduardo Mendes de. (orgs) *Cidade e Imaginação.* Rio de Janeiro: PROURB/FAU/UFRJ, 1996.

MAGNO, MD. [1998] A Psicanálise, NOVAmente. In DANTAS, Rosane Araujo. ALONSO, Aristides (orgs.). *Pensamento Original Made in Brazil.* Rio de Janeiro: Oficina do Autor/...*etc.*/Finep, 1999.

METROPOLE CONSULTANTS / PLANNING ALLIANCE. *Vivendi; Future of cities.* Toronto: The McLuhan Program in Culture and Technology / University of Toronto, março 2001.

MILAN, Betty (org.). *O Século.* Rio de Janeiro: Record, 1999.

MUMFORD, Lewis. [1961] *A Cidade na História; suas origens, transformações e perspectivas.* 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991. Trad.: Neil R. da Silva

NEGROPONTE, Nicholas. A Vida Digital. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. Trad.: Sérgio Tellaroli. Sup. trad.: Ricardo Rangel

ROSSI, Aldo. [1966] *A Arquitetura da Cidade.* São Paulo: Martins Fontes, 1995. Trad.: Eduardo Brandão

SANTOS, Milton. [2000] *Por Outra Globalização; do pensamento único à consciência universal.* 3.ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SASSEN, Saskia. [1994] *As Cidades na Economia Mundial.* São Paulo: Studio Nobel, 1998. Trad.: Carlos Eugênio Marcondes de Moura

SOLÀ-MORALES, Ignasi de. Presente y futuros. La arquitetura en las ciudades. In *Presente y Futuros; arquitectura en las ciudades.* (Incog.) p. 10-23

TEYSSOT, Georges. Hábitos / Habitus / Habitat. futuros. In *Presente y Futuros; arquitectura en las ciudades.* (Incog.) p. 114-127

VIRILIO, Paul. [1977] *Velocidade e Política.* São Paulo: Estação Liberdade, 1996. Trad.: Celso Mauro Paciornik

_____. [1980] *Esthétique de la Disparition.* Paris: Galilée, 1989. Col. Livre de Poche/Essais no. 4202

_____. [1984/1993] *O Espaço Crítico; e as perspectivas em tempo real.* Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993. Ed. revista e aumentada pelo autor. Trad.: Paulo Roberto Pires

_____. [1988] *A Máquina de Visão.* Rio de Janeiro: José Olympio, 1994. Trad.: Paulo Roberto Pires

_____. [1993] *A Arte do Motor.* São Paulo: Estação Liberdade, 1996. Trad.: Paulo Roberto Pires

_____. [1997] A Cidade. In MILAN, Betty (org.). *O Século.* Rio de Janeiro: Record, 1999.

VIRILIO, Paul. LOTRINGER, Sylvere. [1983] *Guerra Pura; a militarização do cotidiano.* São Paulo: Brasiliense, 1984. Trad.: Elza Miné e Laymert Garcia dos Santos